

MOSAICO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS PARA O

ENSINO DE SOCIOLOGIA:

PESQUISAR,
CONSTRUIR,
DIALOGAR,
ENSINAR E
APRENDER NO CONTEXTO ESCOLAR



FABIANO CUSTÓDIO DE OLIVEIRA
[Organizador]

ARCO
EDITORES ● ● ●

MOSAICO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS PARA O

ENSINO DE SOCIOLOGIA:

PESQUISAR,

CONSTRUIR,

DIALOGAR,

ENSINAR E

APRENDER NO CONTEXTO ESCOLAR



FABIANO CUSTÓDIO DE OLIVEIRA
[Organizador]

ARCO
EDITORES ● ● ●

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote
Silva
UNIDAVI/SC
<http://lattes.cnpq.br/8318350738705473>

Profa. Msc. Jesica Wendy Beltrán
UFCE- Colômbia
<http://lattes.cnpq.br/0048679279914457>

Profa. Dra Fabiane dos Santos Ramos
UFSM- Santa Maria/RS
<http://lattes.cnpq.br/0003382878348789>

Dr. João Riél Manuel Nunes Vieira de
Oliveira Brito
UAL - Lisboa- Portugal.
<http://lattes.cnpq.br/1347367542944960>

Profa. Dra. Alessandra Regina Müller
Germani
UFFS- Passo Fundo/RS
<http://lattes.cnpq.br/7956662371295912>

Prof. Dr. Everton Bandeira Martins
UFFS - Chapecó/SC
<http://lattes.cnpq.br/9818548065077031>

Prof. Dr. Erick Kader Callegaro Corrêa
UFN- Santa Maria/RS
<http://lattes.cnpq.br/2363988112549627>

Prof. Dr. Pedro Henrique Witchs
UFES - Vitória/ES
<http://lattes.cnpq.br/3913436849859138>

Prof. Dr. Thiago Ribeiro Rafagnin
UFOB
<http://lattes.cnpq.br/3377502960363268>

Prof. Dr. Mateus Henrique Köhler
UFSM- Santa Maria/RS
<http://lattes.cnpq.br/5754140057757003>

Profa. Dra. Liziany Müller Medeiros
UFSM- Santa Maria/RS
<http://lattes.cnpq.br/1486004582806497>

Prof. Dr. Camilo Darsie de Souza
UNISC- Santa Cruz do Sul/RS
<http://lattes.cnpq.br/4407126331414>

Prof. Dr. Dioni Paulo Pastorio
UFRGS - Porto Alegre/RS
<http://lattes.cnpq.br/7823646075456872>

Prof. Dr. Leonardo Bigolin Jantsch
UFSM- Palmeira das Missões/RS
<http://lattes.cnpq.br/0639803965762459>

Prof. Dr. Leandro Antônio dos Santos
UFU– Uberlândia/MG
<http://lattes.cnpq.br/4649031713685124>

Dr. Rafael Nogueira Furtado
UFJF- Juiz de Fora/MG
<http://lattes.cnpq.br/9761786872182217>

Profa. Dra. Angelita Zimmermann
UFSM- Santa Maria/RS
<http://lattes.cnpq.br/7548796037921237>

Profa. Dra. Francielle Benini Agne
Tybusch
UFN - Santa Maria/RS
<http://lattes.cnpq.br/4400702817251869>

Copyright © Arco Editora, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2022 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2022 Arco Editora.

Diagramação e Projeto Gráfico : Gabriel Eldereti Machado

Imagem capa: www.pixabay.com

Revisão: dos/as autores/as.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Mosaico de atividades pedagógicas para o ensino de sociologia : pesquisar, construir, dialogar, ensinar e aprender no contexto escolar [livro eletrônico] / Fabiano Custódio de Oliveira, [organizador]. -- Santa Maria, RS : Arco Editores, 2022.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-89949-65-7

1. Educação 2. Prática de ensino 3. Prática pedagógica 4. Professores - Formação 5. Sociologia - Estudo e ensino I. Oliveira, Fabiano Custódio de.

22-99144

CDD-301.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Sociologia : Estudos e ensino 301.07

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

 **10.48209/978-65-89949-65-7**

O padrão linguístico-gramatical, bem como o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma maneira, o conteúdo e teor de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Paulo Freire.

APRESENTAÇÃO

Este e-book reúne artigos construídos e apresentados ao longo das vivências do componente curricular “Metodologia de Ensino”, ministrado no âmbito do Programa de Pós – Graduação /Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional - ProfSocio¹, em seu núcleo localizado no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no formato remoto, motivado pela Pandemia do Covid-19 (SARS-cov2), entre os meses de março a agosto de 2021.

A proposta da disciplina foi debater a formação dos futuros mestres e mestradas no que diz respeito às questões teóricas e práticas do ensino de Sociologia no ensino médio e as novas propostas metodológicas para o ensino desta disciplina, e refletir sobre as atividades de ensino-pesquisa-extensão no contexto escolar. Visto que, a Sociologia é uma disciplina que compõe obrigatoriamente o currículo do ensino médio desde o ano de 2008, sendo ofertada em todas as séries ou módulos deste nível de escolarização, o que a torna presente nas políticas curriculares, de formação de professores e produção de materiais didáticos.

Assim, foi discutido no decorrer do processo formativo questões relacionadas ao desenvolvimento do ensino de Sociologia no contexto escolar brasileiro, as possibilidades e desafios colocados diante das disputas e tensões postas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o ensino de Sociologia frente às novas tecnologias e temas emergentes, a exemplo das temáticas de gênero, raça, etnia, sexualidade, classe social, desigualdade social, trabalho, ideologia,

1 O ProfSocio é o resultado da articulação institucional entre a Fundaj, Universidade Estadual de Londrina (UEL) e a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). Juntas, essas instituições reuniram outras onze IES envolvidas nacionalmente com estudos e pesquisas acerca da Sociologia no Ensino Médio, e comprometidas com a formação continuada de professores na área. São elas: Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Estadual Paulista (UNESP – Campus Marília), Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA), Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Colégio Pedro II.

família, cultura, arte, globalização, meio ambiente, movimentos sociais, identidade, além da importância da formação inicial e continuada dos professores de Sociologia.

Por este motivo, o presente e-book reúne uma coletânea de relatos/ pesquisas/experiências vivenciadas na área do ensino de Sociologia que apresentam aspectos teóricos articulando com práticas realizadas em sala de aula, através de sequências didáticas e materiais didáticos construídos e propostos pelos futuros mestres e mestras em processos formativos, tendo por objetivo contribuir no acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem no âmbito do ensino de Sociologia para o ensino médio.

Esperamos que estas pesquisas e experiências que compõem esse e-book intitulado “ **MOSAICO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA: PESQUISAR, CONSTRUIR, DIALOGAR, ENSINAR E APRENDER NO CONTEXTO ESCOLAR**”, possam promover diversas reflexões do campo da prática do ensino de Sociologia e, por conseguinte, promover diversas inquietações nos leitores; afinal, ampliação de horizontes promove o desenvolvimento científico, humano e cultural.

É importante destacar o empenho, dedicação e compromisso das autoras e autores: Emanuelle, Francisco Stefson, Carla Simone, Edilio, Jéssica, Júlio, Carla Roberta, Norma, Silmara, Emanuel, Ivan, Niedson, Aline e Adriana para o desenvolvimento da disciplina via remota e na elaboração do presente e-book.

Optamos pelo formato digital por de acesso fácil e democrático em tempos de pandemia do Covid-19 (SARS-cov2) e ensino remoto para os discentes de licenciatura e pós-graduação, profissionais da educação e demais interessados nas discussões aqui evidenciadas.

Sumé, 06 de janeiro de 2022.

Prof. Dr. Fabiano Custódio de Oliveira

ORGANIZADOR/LECAMPO/PROFSOCIO/CDSA/UFCG

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

SILÊNCIOS NO CURRÍCULO DE SOCIOLOGIA: A LITERATURA DE MULHERES SERTANEJAS COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA.....11

Emanuelle Cristina da Silva Fernandes

doi: 10.48209/978-65-89949-01-7

CAPÍTULO 2

AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC's) E O ENSINO DE SOCIOLOGIA NOS TEMPOS DA PANDEMIA COVID-19.....27

Jéssica Mayara Veríssimo de Oliveira

doi: 10.48209/978-65-89949-02-7

CAPÍTULO 3

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DE DAVID AUSUBEL APLICADA AO ENSINO DE SOCIOLOGIA.....42

Carla Simone de Souza Silva Lafayette

doi: 10.48209/978-65-89949-03-7

CAPÍTULO 4

AULA DE CAMPO COMO PROPOSTA DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA.....53

Edilio Quintino de Oliveira

doi: 10.48209/978-65-89949-04-7

CAPÍTULO 5

A IMPORTÂNCIA DA INICIAÇÃO DA PESQUISA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA: RELATO DA EXPERIÊNCIA REALIZADA NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO TEODORICO TELES DE QUENTAL EM CRATO - CEARÁ.....67

Francisco Stefeson da Silva

doi: 10.48209/978-65-89949-05-7

CAPÍTULO 6

AS PREFERÊNCIAS MUSICAIS DOS ALUNOS DA ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL E TÉCNICA MONSENHOR JOSÉ DA SILVA COUTINHO EM ESPERANÇA -PB E SUA ARTICULAÇÃO COM A QUESTÃO RACIAL NO ENSINO DE SOCIOLOGIA EM SALA DE AULA.....88

Júlio César Ferreira da Silva

doi: 10.48209/978-65-89949-06-7

CAPÍTULO 7

SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA NAS AULAS DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO DA EREM COMENDADOR MANOEL CAETANO DE BRITO - PE.....104

Carla Roberta Correia de Medeiros

doi: 10.48209/978-65-89949-07-7

CAPÍTULO 8

A LITERATURA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA.....120

Norma Benícia Pereira de Sousa

doi: 10.48209/978-65-89949-08-7

CAPÍTULO 9

A EXPERIÊNCIA DO MUSEU VIRTUAL COMO PRÁTICA DE ENSINO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS NO SERTÃO DO PAJEÚ PERNAMBUCANO.....133

Silmara Ferreira Marques

doi: 10.48209/978-65-89949-09-7

CAPÍTULO 10

DEBATENDO A CONDIÇÃO DA MULHER DENTRO DA CONJUNTURA SOCIAL ATRAVÉS DANÇA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS.....150

Emanuel Jeová Medeiros Sousa

doi: 10.48209/978-65-89949-10-7

CAPÍTULO 11

**PRÁTICAS DE ENSINO DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19 E A
RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA166**

Ivan Rosas do Nascimento

doi: 10.48209/978-65-89949-11-7

CAPÍTULO 12

**A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO PARA AS ESCOLAS
PÚBLICAS.....186**

Niedson do Nascimento Amaral

doi: 10.48209/978-65-89949-12-7

CAPÍTULO 13

**O JOGO DIDÁTICO NO ENSINO DE SOCIOLOGIA COMO MEDIADOR DA
APRENDIZAGEM PARA OS ALUNOS SURDOS E OUVINTES NA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS.....197**

Adriana Farias do Nascimento

Fabiano Custódio de Oliveira

doi: 10.48209/978-65-89949-13-7

CAPÍTULO 14

**A PRODUÇÃO DO CORDEL “OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO CAMPO
BRASILEIRO” COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE
SOCIOLOGIA.....219**

Aline de Oliveira Barbosa

Fabiano Custódio de Oliveira

doi: 10.48209/978-65-89949-14-7

SOBRE O ORGANIZADOR.....243

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES.....244

CAPÍTULO 1

SILÊNCIOS NO CURRÍCULO DE SOCIOLOGIA: A LITERATURA DE MULHERES SERTANEJAS COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA

Emanuelle Cristina da Silva Fernandes

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma oficina Literária da Mulher Sertaneja em Cena (textos, ensaios e performances), realizada pelo Espaço da Palavra na cidade de Arcoverde-PE (Estação da Cultura)³. “A palavra já existia em todos os lugares da Estação da Cultura desde sempre, o cultivo e criação do poder transformador das palavras sempre esteve presente em todos os trabalhos, iniciativas e ideias da ocupação” da antiga Estação Ferroviária. (CHALEGRE, 2021, p. 1).

Saindo da Estação da Cultura para adentrar no currículo de sociologia no ensino médio, diante dos desafios da sociedade contemporânea e das transformações sociais, econômicas, políticas, estruturais em que a educação vem enfrentando faz-se necessário compreender como as estratégias didáticas no ensino de sociologia estão sendo vivenciadas a partir da literatura marginal que inclui dentro do cotidiano do cenário sertanejo, experiência, saberes e conhecimentos.

A mulher por muito tempo esteve em um lugar de subalternidade, exclusão e servidão, suas palavras pouco eram ouvidas ou levadas a sério, vista como algo sem importância, durante muito tempo “o sexo feminino não foi considerado sujeito na história da humanidade, seu papel, ao contrário era o de assujeitado, subjugado” (JACOMO & PAGOTO, 2009, p. 2). “Uma das formas de fazer a manutenção desse cenário foi negar a escolarização às mulheres até meados do século XVIII, pois o conhecimento seria a ferramenta para conquistar a liberdade e emancipação” (JACOMO & PAGOTO, 2009, p. 3).

Nesta perspectiva a disciplina de metodologia do ensino proporcionou ampliar e verificar os silenciamentos dos currículos, as autorias negadas e sujeitos ocultados diante de um território de disputa e poder. Deste modo no decorrer deste trabalho iremos apresentar escritas de mulheres sertanejas, com intuito de quebrar as correntes do patriarcado, do machismo, do conservadorismo, que por muito tempo silenciou e a invisibilizou essas vozes.

Resistindo a segregação a existência das mulheres escritoras como sujeitos históricos, reforça sua identidade social, vem e vem produzindo culturas, valores e pensares ao longo dos anos através da potência da linguagem sertaneja que fala sobre si e sobre o outro.

Os sujeitos sociais não podem estar ausente do currículo, para Arroyo, (2013, p. 261) “Uma das consequências mais sérias da ausência dos sujeitos sociais dos currículos, inclusive a ausência dos educadores e educandos, é que lhes é negado o direito a conhecer-se, a saber de si e de seus coletivos”. O que nos leva a pensar se apenas a disciplina isolada, os programadores de conteúdo são suficientes para termos uma educação emancipadora, de qualidade, permanente, gratuita, crítica e plural. Assim, o objetivo deste artigo é compreender como a literatura de mulheres sertanejas pode ser uma estratégia didática no ensino de sociologia e apresentar uma proposta pedagógica viável para romper com o silenciamento dos currículos em sala de aula.

Para Waller (1932), a escola é um mundo social habitado por seres humanos e, por isso, propunha como objetivos de sua pesquisa buscar elementos para poder auxiliar os professores a tomarem consciência das realidades sociais da vida escolar, defendendo que, para alcançar este objetivo, tinha que ser realista e concreto em relação à abordagem que usava para fazer suas pesquisas.

METODOLOGIA

Nesse artigo, utilizamos a abordagem qualitativa de pesquisa que “se fundamentam numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados” (ANDRÉ, 2013, p. 3).

No âmbito da pesquisa qualitativa realizamos na fase inicial a pesquisa bibliográfica que foi feita a partir do levantamento de referências teóricas já anali-

sadas com o tema “Silêncios no Currículo de Sociologia: A literatura de mulheres Sertanejas como estratégia didática”, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites (GIL, 2006)

Quanto aos procedimentos fizemos uso da pesquisa de campo que procurou o aprofundamento de uma realidade específica, no nosso caso foi a literatura da mulher sertaneja. Assim, realizamos a observação direta das atividades do grupo estudado, através da pesquisa participante⁴, havendo a nossa participação no desenvolvimento das oficinas realizadas naquela realidade do contexto escolar, para posteriormente descrever e tornar uma proposta pedagógica a ser aplicada no ensino de sociologia (Gil, 2008).

As discussões permeadas em torno da temática proporcionam ampliar novos olhares para a construção da estratégia didática e das construções sociológicas diante da contemporaneidade, da formação social e dos fundamentos sociológicos da educação no ensino médio. Pois, “só é possível tomar certos fenômenos como objeto da sociologia na medida em que sejam submetidos a um processo de estranhamento” (Orientações Curriculares para o Ensino Médio, 2006, p. 106), assim a literatura da mulher sertaneja nos propõe promover uma mediação entre o cotidiano, a síntese das teorias e a contextualização histórica.

REFERENCIAL TEÓRICO: Currículo e Estratégia didática no ensino de Sociologia

O currículo é vida e seus silenciamentos ‘podam’ as possibilidades de perguntas e respostas, gerando aprendizagens que dialogam com as diferentes teorias. Conforme SOUZA e MENEZES, (2013, p. 3).

Aprendência é noção articuladora e integradora de mecanismos, processos e sistemas organizativos peculiares à dinâmica do aprender humanamente constituído. O entrecruzamento desses elementos não exclui a contrariedade entre as estruturas e funções que desempenham

4 A pesquisa participante caracteriza-se pela interação entre os pesquisadores e as pessoas investigadas, com caráter emancipador da pesquisa-participante. Esta modalidade de pesquisa surgiu na América Latina como meio para alcançar a articulação de grupos marginalizados (Gil, 2010).

em diferentes contextos da interação sociocultural.

A proposta pedagógica nesse sentido deve ir ao encontro das condições singulares de cada escola, para que de fato seja efetivado a aprendizagem dos conteúdos e a constituição das competências previstas no Currículo. Segundo Silva, “a questão central que serve de pano de fundo para qualquer teoria do currículo é a de saber qual conhecimento deve ser ensinado” (2020, p. 14). Dessa forma, trazer para dentro do currículo a literatura da mulher sertaneja como proposta didática rompe com os paradigmas do núcleo social dominante e com os estereótipos fundados na cultura patriarcal.

O currículo é sempre o resultado de uma seleção, escolha, caminhos, um universo mais amplo de conhecimentos e saberes que divide homens e mulheres em linhas abissais, que inconscientemente internaliza as desigualdades de gênero nos espaços educacionais. Assim, a “perspectiva feminista implica, pois, uma verdadeira reviravolta epistemológica. Ela amplia o insight, desenvolvido em certas vertentes do marxismo e na sociologia do conhecimento, de que a epistemologia é sempre uma questão de posição” (SILVA, 2020, p. 94). Contrapondo-se a uma pedagogia diretiva, Arroyo (2013, p. 115) “propõe trazer as vivências de educandos e educadores, e suas experiências sociais como objeto de pesquisa, de atenção, de análise e de indagação”.

A produção do conhecimento é pensada como um processo de distanciamento da experiência, do real vivido. O real pensado seria construído por mentes privilegiadas através de métodos sofisticados, distantes do viver cotidiano, comum. Logo, o conhecer visto como um processo distante do homem, da mulher comuns, do povo comum; distante até do docente que ensina o povo comum (SILVA, 2013, p. 116).

É pensando nessa possibilidade do real, do estar próximo e junto da comunidade, dos estudantes e dos conhecimentos produzidos para além dos muros da escola, que vamos tecendo as expectativas de aprendizagem, alinhados ao campo de conhecimento: cultura, identidade e diversidade de acordo com o conteúdo: A sociedade e a cultura na qual vivemos que está em consonância

com base no Parâmetros Curriculares de Pernambuco⁵.

Currículo é a expressão do que existe na cultura científica, artística e humanista adaptado para uma situação de ensino-aprendizagem que mobilizado em competências, reforça o sentido cultural do aprender presente em toda ação pedagógica realizada dentro e fora da escola, pois, o currículo é questão de identidade e poder.

Boaventura de Souza Santos (2006), nos adverte que toda experiência produz conhecimento e que a injustiça social se assenta na injustiça cognitiva, assim, é necessário superar visões distanciadas entre o que falamos e fazemos, sendo necessário reconhecer as pluralidades, os conhecimentos coletivos, experiências sociais e adotar práticas circulares e sociológicas produzidas na vida, na luta, no trabalho, na escola e nos diversos espaços e territórios, “é urgente trazer para os currículos mais experiências dos educandos e seus coletivos de origem. Trazer as tensões postas na sociedade” (ARROYO, 2013, p. 119).

Contudo, um currículo que promove competências precisa estar articulado as às estratégias didáticas de ensino, de modo a caminhar junto com projeto político pedagógico, pois é a partir deste documento que podemos ampliar, localizar, contextualizar executar e avaliar os conhecimentos e ações prioritárias da escola. Assim vamos dialogar um pouco sobre o que é didática e como podemos utilizar no ensino de sociologia?

Frente aos desafios sócio históricos no cenário educacional e o avanço das tecnologias e maneiras de ensinar e aprender, podemos destacar a importância da didática para a pedagogia, como uma arte de ensino, teoria da instrução, que inicia desde o planejamento até a execução da aula. Para isso vamos apresentar o conceito de didática, tendo como base os estudos de José Carlos

5 Os Parâmetros Curriculares na Sala de Aula são documentos que se articulam com os Parâmetros Curriculares do Estado, possibilitando ao professor conhecer e analisar propostas de atividades que possam contribuir com sua prática docente no Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. Essas propostas poderão ser exploradas em todos os componentes curriculares da Educação Básica (Secretaria de Educação de Pernambuco), disponível em <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&cat=36&art=1047>. Acesso em 19/07/2020.

Libâneo que nos diz que:

a didática é uma das disciplinas da pedagogia que estuda o processo de ensino através de seus componentes – os conteúdos escolares, o ensino e a aprendizagem – para, com o embasamento numa teoria da educação, formular diretrizes da atividade profissional dos professores. É, ao mesmo tempo, matéria de estudo fundamental dos professores e um meio de trabalho do qual os professores se servem para dirigir a atividade de ensino cujo resultado é aprendizagem dos conteúdos escolares pelos alunos (LIBÂNEO, 2006, p. 52).

Na perspectiva do ensino de sociologia, vamos trazer a didática como mediadora entre o conteúdo que deve ser ensinado e o direito de aprender dentro de uma relação dialógica-emancipadora, entre os autores envolvidos no processo, por meio da prática social, materializada na escola através do processo de ensino-aprendizagem, que para Libâneo (2006) é fundamental proporcionar aos estudantes as formas para assimilar ativamente os conhecimentos, pois, para o autor a natureza do trabalho docente é a mediação da relação cognoscitiva entre os estudantes e a matéria de ensino.

Seguindo este pensamento, foi que propomos uma sequência didática significativa e significativa, capaz de mediar os conhecimentos, mas também proporcionar prazer, curiosidade, autonomia, valorização, partindo do contexto dos estudantes, das suas memórias, subjetividades e afetos para em seguida abordar os conteúdos estabelecidos nos componentes didáticos e alcançar os objetivos do professor/a e os objetivos de estudo dos estudantes.

Entender, pois, o processo didático como totalidade abrangente implica vincular conteúdos, ensino e aprendizagem a objetivos sócio-políticos e pedagógicos e analisar criteriosamente o conjunto de condições concretas que rodeiam cada situação didática. Em outras palavras, o ensino é um processo social, integrante de múltiplos processos sociais, no quais estão implicadas dimensões políticas, ideologias, éticas, pedagógicas, frente às quais se formulam objetivos, conteúdos e métodos, conforme opções assumidas pelo educador, cuja realização está na dependência das condições, seja aquelas que o educador já encontra seja as que ele precisa transformar ou criar (LIBÂNEO, 2006, p. 57).

Portanto, a partir dos objetivos da sociologia no ensino médio, compreender o mundo social no qual o aluno está envolvido e possibilitar a percepção dos

diversos discursos que justificam e explicam o mundo social, que vai além do senso comum, podemos produzir conhecimento mediante um diálogo horizontal, enriquecedor provocados pelas indagações teóricas.

No que corresponde a sequências didáticas é permitido ao docente utilizar diversas estratégias de socialização dos conteúdos, informações e teorias, a fim de contemplar as mais variadas formas de aprendizagens, no entanto é imprescindível que seja mantido o rigor na enunciação dos conceitos abordados e a cientificidade dos teóricos. No entanto, o rigor não deve intimidar a participação e desenvolvimento dos sujeitos envolvidos.

Pensar Outras Escolas, Outros Currículos, didáticas, ensinamentos, aprendizagens, sujeitos, requer novas práticas, escolhas, distantes das que são impostas pelo padrão classista, hierárquico, segregador, meritocrático é conservador. “Essas outras pedagogias são contra as pedagogias com que foram pensadas e produzidas como subalternos” (ARROYO, 2014, p. 19). É preciso reinventar, incluir e promover direito a se saber, a ser e viver com dignidade, equidade, justiça e igualdade, tendo a escola como efetivação desses direitos e não violador.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Literatura da Mulher Sertaneja para o ensino de Sociologia

As produções dos/as jovens, dos coletivos, movimentos sociais, são grupos “ocultados, ignorados, ausentes na ordem social, econômica, política e até escolar. Obrigam-nos a pensar na produção deles como inexistente, ausentes na história social, cultural, intelectual, política e pedagógica” (ARROYO, 2014, p. 181). “Há uma sociologia das ausências que exige nossa compreensão. Os subalternos não apenas estiveram ou estão ausentes nos padrões de poder, justiça, de propriedade de terra, do solo, da renda do trabalho; estiveram e estão ausentes de conhecimento, da ciência. Ausentes no pensamento sociológico e pedagógico. Ausentes no conhecimento curricular”. (ARROYO, 2014, p. 181).

A ação-reflexão através das oficinas pedagógicas na escola perpassa por

manifestação de cultura que permite conhecer, compreende, indagar, analisar e recriar as relações sociais a partir das experiências sentidas e vividas do lugar onde mora e da região. No livro -Por uma Pedagogia da Pergunta de Paulo Freire e Antônio Faundes, os autores trazem a cultura com uma boniteza de se viver e nos alerta: “A cultura não é só uma manifestação artística ou intelectual que se expressa através do pensamento; a cultura se manifesta acima de tudo nos gestos mais simples da vida cotidiana” (FREIRE E FAUNDES, 1985, S/N).

Desta forma, as mulheres fazem sua leitura de mundo, nas suas casas, nos campos, praças, em todo lugar. “Por isso, conhecer a escrita significou para a mulher problematizar o mundo. A mulher que incorpora a escrita deixa de ser identificada exclusivamente em sua função primordial e “natural”: casar, dar à luz, cuidar dos filhos” (JACOMEL E PAGOTO, 2009, p. 12).

Cabe a nós, educadores incorporar ao ensino de sociologia o senso crítico, a desnaturalização dos fenômenos sociais sem perder de vista a sua historicidade e o estranhamento que nos ajuda a questionar, que saíamos do senso comum para aprofundarmos com base nas teorias sociológicas. Pois, o objetivo da Sociologia é ser:

“uma ferramenta para o aluno entender a sociedade, estimulando a capacidade crítica, especialmente a capacidade de desnaturalizar fenômenos sociais contrapondo o pensamento sociológico ao senso comum e contribuindo para uma formação cidadã” (NÓBREGA, 2015, p. 107, apud MAIÇARA, et al, 2015, p. 102).

Assim, o currículo e as estratégias didáticas são indissociáveis ao ensino de sociologia, e a prática pedagógica deve estar integrado a todos os atores da escola, em parceria com os território e sistema de garantia de direitos. Pois, os sujeitos se apresentam de acordo com as referências locais, e como as referências precisam ser demonstradas, identificadas, acolhidas para que possa vir a ser uma projeção para um projeto de vida.

Proposta pedagógica: A literatura da mulher sertaneja como

estratégia didática no ensino de sociologia

A proposta da oficina pedagógica Literatura da Mulher Sertaneja como estratégia didática no ensino de sociologia parte da intenção educativa dialógica emancipatória e prática na qual há uma interação entre os estudantes, professores e comunidade de modo que o ensino-aprendizagem tem a ver com a vida cotidiana.

Levando em consideração a sala de aula invertida como metodologia ativa, onde os estudantes utilizam o espaço escolar para realizar atividades em grupo ou em dupla, com cooperação, pesquisas, e interação de modo a construir seus conhecimentos em sala de aula, de modo a internalizar os conteúdos e em seguida explicar e tirar dúvidas. Partindo da necessidade de superar o ensino tradicional, empresarial, padronizado, que limita as perceber a escola além dos muros.

A aprendizagem ativa aumenta a nossa flexibilidade cognitiva, que é a capacidade de alternar e realizar diferentes tarefas, operações mentais ou objetivos e de adaptar-nos a situações inesperadas, superando modelos mentais rígidos e automatismos pouco eficientes (SANTOS E TEZANI, 2018, p. 2, apud, MORAN, 2018, s/n).

Desse modo, irei descrever como seria organizada as atividades a partir de uma sequência didática, que desenvolvidas em 4/h aulas, podendo ser modificada de acordo com as possibilidades da escola. O público para essa ação são os estudantes do 1º ao 3º ano do ensino médio. De acordo com o Libâneo:

a didática é uma das disciplinas da pedagogia que estuda o processo de ensino através de seus componentes – os conteúdos escolares, o ensino e a aprendizagem – para, com o embasamento numa teoria da educação, formular diretrizes da atividade profissional dos professores. É, ao mesmo tempo, matéria de estudo fundamental dos professores e um meio de trabalho do qual os professores se servem para dirigir a atividade de ensino cujo resultado é aprendizagem dos conteúdos escolares pelos alunos (LIBÂNEO, 2006, p. 52).

Para melhor compreensão de como se dará a didática desenvolvida e aplicado no contexto do ensino de sociologia, vou apresentar em um quadro sequenciado em 4 momentos, a avaliação das atividades se dará de forma contínua e mediada.

Quadro 1 – Sequência didática

1º Momento	2º Momento	3º Momento	4º Momento	5º Momento
Sala de aula invertida	Dialogicidade	Mediação	Oficina: Re(existir)	Chá literário
Ação: Levantamento de informações, com relação a escrita literária de mulheres local e da região.	Apresentação e leitura das poesias/poemas coletados pelos estudantes e/ou apresentadas pelo professor/a.	Experimentação; Encenação e/ou performance das poesias/poemas disponibilizadas no momento anterior por meio de um círculo de cultura em torno das escritas.	Produção literária individual ou coletiva, com temáticas relacionadas aos estudos de gênero, afetividade, respeito, racismo, cotidiano.	Roda de conversa com as autoras da comunidade ou gravação dos vídeos enviados por elas, falando sobre como é escrever no sertão Pernambucano e ser mulher nesse cenário.
Local: Atividade de Campo, na casa dos estudantes, nos bairros da cidade de Arcoverde.	Local: Atividade em sala	Local: Atividade em sala	Local: Atividade em sala	Local: Auditório, sala, jardim, praça...

Fonte: Autora própria.

Em seguida foi feito o levantamento (quadro 2) dos escritos das mulheres sertanejas e os títulos, o que na ocasião da atividade pode ser disponibilizado para os/as estudantes. As poesias são diversificadas e devem ser selecionadas de acordo com o conceito a ser trabalhado. Sendo assim, serve como sugestão e estimula a produção de outros escritos. Junto com as poesias, deve ser apresentado uma breve biografia das participantes, já que o intuito é favorecer a visibilidade e a partilha de saberes.

Quadro 2 - Poesias, Textos, Poemas

AUTORAS	TÍTULOS
Graça Nascimento	Severina Branca <i>(Severina Branca, maio de 2019, em Mundo Novo).</i>
Ivone Santos	<i>O amanhecer do sertão;</i> <i>Eu sou uma agricultora</i>
Cléa Camelo	<i>Sertão, Saudade, Amor...</i>
Irla Carrie	<i>Psicopata;</i> <i>Cartomante;</i> <i>Aprendizado.</i>
Ismênia Thereza	<i>Sol na Janela</i> <i>Mulher: resistência</i> <i>Faísca dos olhos</i>
Ludmila Torres	<i>Amazônia;</i> <i>Mulher Sertaneja;</i> <i>Mundo cruel</i>
Márcia Moura	<i>Gira das Mulheres</i> <i>(uma brincadeira para o Sarau da casa de Poline,</i> <i>Arcoverde 22 de janeiro de 2020)</i>
Paula Freire	<i>Apelo</i> <i>Poema à moça</i> <i>Quando é inverno</i> <i>Maria</i> <i>Encontro</i>
Nayane Nayse	<i>Novos Poemas</i>
Emanuelle Fernandes	<i>Dia de feira</i> <i>A ladeira</i> <i>Nas escadarias</i> <i>A deusa e o sol</i>
Iraci Barbosa Santiago	<i>Vida de Passarinho</i>

A coleta de dados ocasional, aconteceu por meio de pesquisa na comunidade, nos grupos de cultura local e no Espaço da Palavra, onde muitas dessas obras literárias se encontram disponíveis para apreciação. As produções dos estudantes podem ser expostas nas paredes da escola, ou compartilhada com outras pessoas, assim podemos espalhar o mundo de palavras de leveza, boniteza, resistência e luta. O uso de redes sociais pode ser sugerido, a maneira como será divulgada depende deve ser acordado com a turma. Para registrar as atividades podemos utilizar os instrumentos como: celular, máquina fotográfica, papel, lápis, além de outros recursos.

CONSIDERAÇÕES

A fala, a escrita, são sinônimos de poder e resistência! Trazer a literatura da mulher sertaneja para dentro da sala de aula é romper com a centralidade de gênero e com o silenciamento e invisibilidades do currículo dentro um território de disputa. Não há conhecimento pronto, acabado, aprendemos ao mesmo tempo que ensinamos em um percurso promovido por descobertas e desafios, conflitos e inconstâncias diante das biografias eurocêntricas impostas pelo capitalismo e neoliberalismo.

A proposta é refletir e romper com os discursos de inferioridade e superioridade, com que aprendemos a olhar para as produções de um determinado espaço geográfico, político, social, étnico-racial. É despertar o senso crítico, com o objetivo de pôr fim ao conhecimento imperial, cognitivo, autoritário, que muitas vezes reproduzimos inconscientemente diante de boas intenções. É uma maneira de entender que o conhecimento acadêmico, não é o único conhecimento, de modo a desconhecer os demais saberes que nascem da luta daqueles que tem sofrido sistematicamente as resistências do capitalismo, colonialismo e patriarcado. Por tanto é um conhecimento nascido na luta e usado para luta, para que haja a ecologia do saber.

“A poesia e a arte continuam a desvendar lógicas profundas e insuspeitadas do inconsciente coletivo, do cotidiano e do destino humano. A ciência é apenas uma forma de expressão desta busca, exclusiva, não conclusiva, não definitiva” (DESLANDES et al, 1994, p. 9-10).

Com as poesias, poemas e textos disponibilizados para a oficina pedagógica, podemos dialogar com uma escrita insurgente do cotidiano no cenário sertanejo pernambucano, região marcada pela discriminação proveniente de questões político-sociais hegemônicas, com a possibilidade do ensino de sociologia através desta temática é possível contribuir de forma positiva e emancipadora com o desenvolvimento dos estudantes, professores e comunidade em geral, já que a sociologia estabelece uma relação direta com as questões sociais e potencializa os estudantes não apenas no futuro, mais no presente a serem cidadãos críticos implicados com o bem comum, consigo e com a natureza e a sociedade.

O exercício da criatividade na prática de ensino permite liberdade e idealização sistemática para que a aula registrada e com desenvolvimento satisfatório seja reflexo do processo de organização, planejamento, sistematização e explanação do que foi proposto, desse modo temos que ter perceptibilidade dos objetivos do ensino, o conteúdo que será abordado, dos procedimentos metodológicos, das diversas maneiras de avaliação. Esse processo dialético de ensino-aprendizagem necessita ser feita junto as sociabilizações juvenis, pois é a juventude quem demarca identidades individuais e coletivas dentro dos espaços escolares. Como nos diz Dayrell (2007, p. 1110) “O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual jovens buscam demarcar uma identidade juvenil.

Por estes motivos, esta proposta apresenta-se como aliada da visibilidade e do não silenciamento do currículo, com intuito de explanar experiências exitosas na disciplina de sociologia e romper com a rotinização, prática mecânica e engessamento das práticas educacionais. Por fim, concluo dizendo que a educa-

ção é um caminhar, com janelas abertas. É um acolher plural, das vozes do ser, que indica o nascer das letras ao amanhecer.

Sem palavras leio,

O interior, os caminhos e descaminhos,

Os afetos e os tetos.

Transformados em moradias de liberdade, que não ler todo querer.

Sem palavras leio,

Os amores, as dores, os universos...

Com palavras releio, dignidade, igualdade, respeito.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. **O que é um estudo de caso qualitativo em educação?** Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**- 5. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. **Outros Sujeitos, Outras pedagogias**. 2 ed. Petrópolis Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

Ciências Humanas e Suas Tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 3). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf. Acesso em 12/07/2021.

DAYRELL, J; CARRANO, P; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo** /. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 339 p.: il.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil**. Educ. Soc. Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otavio Cruz; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

JACOME, M. C. W; PAGOTO, C. Cultura Patriarcal e Representação da Mulher na Literatura. **Revista do Centro de Educação e Letras UNIOESTE** Campus FOZ DO IGUAÇU, v. 11 - nº 1 - p. 09-23, 1º sem. 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Ed. Cortez. Out. 2006.

NÓBREGA, José Aderivaldo Silva da. **Elementos para se pensar sobre a didática da Sociologia no ensino médio**. - Revista Em Debate (UFSC), Florianópolis, volume 14, p. 101-121, 2015. ISSN 1980-3532.

SANTOS, L. F. dos; TEZANI, T. C. R. **Aprendizagem Colaborativa no Ensino de História: a sala de aula invertida como metodologia** Novas Tecnologias da Educação – CINTED-UFRGS, V. 16, Nº 2, dezembro, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo** – Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 156 p.

SOUZA, Antônio Vital Menezes de; MENEZES, Andrea Maria Sarmiento. **Aprendências: entre movimentos e sentidos**. VII Colóquio Internacional - Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão/SE/Brasil, 2013.

VILELA, Rita Amélia Teixeira. **O lugar da abordagem qualitativa na pesquisa educacional: retrospectiva e tendências atuais**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 21, n. 02, p. 431-466, jul./dez. 2003.

CAPÍTULO 2

AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC's) E O ENSINO DE SOCIOLOGIA NOS TEMPOS DA PANDEMIA COVID-19

Jéssica Mayara Veríssimo de Oliveira

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, as Tecnologias Digitais modificaram a forma de comunicação na sociedade e estão presentes em nosso cotidiano permeando nas diferentes esferas das sociedades: política, econômica, cultural. No contexto educacional não poderia ser diferente, onde tais questões tornaram-se um artifício de inquietude, discussão e análise para as instituições de ensino e educadores. Essas discussões tornaram-se frequentes devido ao novo cenário escolar promovido pela pandemia Covid-19, o ensino remoto. Essa nova modalidade de ensino veio como saída imediata para o prosseguimento das aulas como possibilidade de minimizar os impactos do distanciamento social com o fechamento das instituições de ensino, no que diz respeito a questão da aprendizagem do educando.

Desse modo, apostou-se todas as fichas no uso das tecnologias como recurso essencial para seguir com as atividades educacionais, e também em outras áreas (comércio, fábricas, etc), pelo fato de mais de 05 bilhões de pessoas no mundo fazem uso de aparelho celular, transformando tal dispositivo num dos recursos direcionado para o ensino (AGÊNCIA BRASIL, 2019). Com isso, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) através da portaria 321/2020 autorizou que os educadores seguissem com as aulas não mais presenciais, mas agora de forma remota:

Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017 (BRASIL, 2020, p.01).

Essa nova forma de ensino trouxe desafios fundamentais para professores e gestores: a preparação de meios tecnológicos como suporte e o domínio de tais recursos para aplicá-los nas salas de aulas, levando em consideração a relação que os educandos estabelecem com as TIC's, pois os jovens tem maior facilidade com tais ferramentas tendo em vista que estas tornaram-se instrumentos im-

portantes no que diz respeito a informação e comunicação, permitindo o avanço de habilidades e novos conhecimentos. Assim, estes alunos constroem novas formas de interação social empregando essas tecnologias. Portanto, a pesquisa apresenta importante relevância para o meio acadêmico, tendo em vista o surgimento de novos estudos a respeito do tema devido às mudanças que a pandemia trouxe especialmente no meio educacional.

Nesse contexto, o respectivo artigo tem por objetivo demonstrar necessidade de aguçar o interesse de educadores e demais leitores, sobre a importância das novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's) e sua inserção no processo de ensino aprendizagem dos alunos especialmente na disciplina de Sociologia, ou seja, no que diz respeito a sua finalidade e sua aplicabilidade de forma variada. Inicialmente o mesmo busca contextualizar historicamente o processo da institucionalização da Sociologia como disciplina e, posteriormente, traz uma breve discussão sobre o conceito das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's) e sua importância na disciplina de Sociologia.

METODOLOGIA

De acordo com Gil (1999), a pesquisa é de grande relevância, atentando a necessidade de que pesquisar algo resulta do advento de problemas bem como do interesse de muitos pesquisadores.

No campo das Ciências Sociais, a pesquisa é vista como um exercício constante de questionamento perante os acontecimentos e fenômenos da vida social. No desenvolvimento de formação do pesquisador, a mesma possui uma função fundamental como formadora de um posicionamento questionador, criativo, não acomodado e crítico (FERREIRA, 1998). Como é considerada uma prática científica e sistemática, a pesquisa revela-se como ferramenta primordial para a criação do conhecimento, abrangendo um processo racional e sistemático de uso de instrumentos teórico-metodológicos. Assim:

[...]” enquanto o conhecimento popular é produzido pelas relações de familiaridade entre o homem e a realidade, e é resultado de suposições e de experiências pessoais, o conhecimento científico é produzido enquanto um processo permanente de questionamento sobre o real na busca de sistematização de suas regularidades” (FERREIRA, p. 90, 1998).

Nessa perspectiva, o presente estudo é de cunho bibliográfico, descritivo e explicativo. Nele, foram selecionados os estudos mais relevantes de acordo com o tema através de uma busca em periódicos, base de dados selecionando-se artigos científicos, livros, revistas, jornais, teses e dissertações que destacassem as principais publicações na área das Ciências Sociais partindo de palavras-chaves como “TIC’s no ensino-aprendizagem”, “ensino de Sociologia e TIC’s” “Tecnologias digitais na Educação” dentre outros.

Assim, Gil (2008) ressalta que o principal benefício da pesquisa bibliográfica consiste no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma série de elementos mais extensos do que aquela que poderia pesquisar diretamente. O estudo também segue como explicativo, pois são aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos.

CONTEXTUALIZANDO A SOCIOLOGIA

A Sociologia institui-se muito recentemente como um campo peculiar de estudos. Foi durante o século XIX que a preocupação de determinados pensadores e investigadores do âmbito social deram origem a ciência da sociedade, isto é, a um novo campo do conhecimento direcionado para o entendimento da vida humana em grupo e para as regras e fundamentos da sociedade (MEC; SEMTEC, 2002).

Pode-se dizer que a Sociologia enquanto disciplina científica fora implementada inicialmente por Émile Durkheim em meados de 1887, nos estudos universitários da França, sobretudo, na área educacional.

No Brasil, seu advento ao ensino ocorre somente após a Proclamação da República através de medidas administrativas e governamentais articuladas pelo positivista Benjamin Constant em 1891. De acordo com Carvalho (2004), a primeira escola a introduzir a Sociologia como disciplina no ensino médio fora o tradicional Colégio Dom Pedro II (Rio de Janeiro- até então Distrito Federal) em 1925.

A partir de 1928, tem início uma série de reformas educacionais que modificariam todo o cenário pedagógico brasileiro. A primeira delas, Reforma Rocha Vaz onde institucionalizaria a disciplina como sendo obrigatória nas Escolas Normais do Distrito Federal e do Recife (PE), isto é, nos cursos superiores da área jurídica e educacional.

No início da década de 1930, na Era Vargas, a Reforma Francisco Campos amplia o ensino sociológico pelo país em nível secundário, “ampliando a possibilidade da formação mais humanística para os estudantes” (CARVALHO, p.19, 2004).

Em 1942, já com o ministro da educação Gustavo Capanema, a obrigatoriedade da disciplina de Sociologia é retirada dos currículos das escolas secundárias, permanecendo apenas nas Escolas Normais.

Com a instauração do Regime Militar em 1964, a Sociologia é definitivamente retirada dos currículos nacionais e tem início uma série de perseguições aos profissionais que ousassem continuar lecionando. Com a Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971, são introduzidas nos currículos das escolas médias (que posteriormente passaram a ser chamadas de 2º grau) as disciplinas Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e Política do Brasil (OSPB) a fim de banir de uma vez por todas os ensinamentos de Filosofia e Sociologia do país.

Somente com a aprovação da Lei nº 11.684 de 02 de junho de 2008, a Sociologia, assim como a Filosofia, são incluídas pela primeira vez no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) como componentes curriculares após uma luta de anos por suas implantações.

É importante enfatizar que diante das mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, a Sociologia enquanto disciplina ainda é marcada por intermitências com relação ao ensino médio e essas intermitências permanecem com a Reforma do novo Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aprovada em 17 de dezembro de 2018, pois a mesma permanece no currículo, mas sob uma nova perspectiva, não como disciplina e sim como saberes e práticas (BRASIL, 2017).

A nova elaboração desse documento trouxe algumas características que segundo Bodart (2021), despertou muitos questionamentos. Uma das características abordadas é

a estruturação dos objetivos de aprendizagem baseada em competências e a organização dos componentes disciplinares de forma interdisciplinar, em áreas do conhecimento, o que colabora para o estreitamento da formação dos(as) estudantes (MATOS, COSTA, CARVALHO, 2021).

Diante desse cenário, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) definiu as áreas do conhecimento em: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciência da Natureza e suas Tecnologias; e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e direcionou a Sociologia na área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, juntamente com Filosofia, Geografia e História (BRASIL, 2018).

Nessa nova realidade, o ensino de Sociologia torna-se desafiador para o professor promovê-lo de acordo com as novas competências da BNCC pois:

é necessário suplantar suas limitações no que diz respeito a potencializar uma educação emancipatória. Ter consciência de que o ensino de Sociologia deve ter como meta objetivos educacionais e intencionalidades educativas que alcancem a dimensão político-cultural [...] (BODART, p. 150, 2020).

Assim, mesmo diante de algumas conquistas que a Sociologia obteve ao longo dos anos e em meio a inseguranças com a nova proposta da BNCC, é importante trazer à tona a compreensão de que o papel que esta possui vai além da sua obrigatoriedade enquanto disciplina no Ensino Médio, pois a mesma

possibilita que os indivíduos pensem sobre as questões sociais de maneira consciente, crítica e reflexiva, desnaturalizando condições mascaradas e até mesmo silenciadas.

AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TDIC's) COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA

Com o passar dos anos, estamos verificando que a sociedade está mudando quanto as suas maneiras de organizar-se, seja em produzir bens, comercializá-los, ou seja através dos modos de diversão, de ensinar e de aprender. Diante disso:

Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. Mas para onde mudar? Como ensinar e aprender em uma sociedade mais interconectada? O campo da educação está muito pressionado por mudanças, assim como acontece com as demais organizações. Percebe-se que a educação é o caminho fundamental para a transformar a sociedade (MORAN, p.11, 2000).

Desse modo, é necessário estarmos atentos às mudanças no que diz respeito as maneiras de ensinar, tendo em vista que nossas crianças e jovens estão cada vez mais conectados com o mundo digital estando aptos a desenvolverem novas formas de aprendizagem.

Atualmente, o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC's) tem sido um elemento de grande inquietação, discussão e análise para muitos seguimentos, especialmente a escola e educadores. Neste sentido, um dos desafios mais importantes para os educadores é evidenciar a relação que os educandos estabelecem com as tecnologias. Nessa perspectiva, tais relações tornam-se instrumento de observação em atividades didáticas das ciências humanas como a Sociologia (SILVA, 2020 *apud* TARJA, 2011).

De acordo com Silva (2020), nos últimos anos, revelaram-se inúmeras pesquisas na área da educação que enfatizam o uso das tecnologias da informação e comunicação entre alunos nos espaços escolares. As ferramentas digitais mais

utilizadas no ambiente escolar evidenciadas por Neto et al, 2020 são: Google Meet, aplicativos de mensagens a exemplo, Whatsapp, Youtube, Google Classroom, E-mail, redes sociais (Facebook e Instagram).

Oliveira, Moura e Sousa (2015) discorrem que o conceito de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC's) são tecnologias que interferem e permeiam os processos informacionais e comunicativos dos indivíduos. Também, podem ser compreendidas como um conjunto de meios tecnológicos interligados entre si, que proporcionam, através das funções de hardware, software e telecomunicações, a automação e comunicação dos processos de negócios, da pesquisa científica e de ensino e aprendizagem.

Já na visão de Macedo *apud* Kenski (2001), a tecnologia é vista como ferramenta de transformação/mudança do ambiente tradicional da sala de aula, buscando a formação do conhecimento de maneira criativa e participativa, permitindo ao professor bem como aluno aprenderem e ensinarem usando sons, imagens, sons, etc e por meio de tais recursos alcançarem os conhecimentos indispensáveis para o dia a dia em sociedade.

Na perspectiva de Moran (2012), as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) é uma área que utiliza instrumentos tecnológicos com o desígnio de facilitar a comunicação e a obtenção de um alvo comum, ou seja, a tecnologia é empregada para fazer o tratamento da informação, auxiliando o utilizador a obter certo fim. Torna-se desafiador para o educador escolher e inserir as informações essenciais e as tecnologias no ensino-aprendizagem. Assim, o referido autor ressalta que o professor é um instrumento importante no processo de inserção da internet na sala de aula, para que o mesmo possa aprimorar essa tecnologia em favor de um melhor rendimento do aluno na sala de aula, bem como fora dela.

Nesse contexto, Manuel Castells (1999) ressalta que a nova geração será inteiramente impactada pela tecnologia através da informação. Desse modo, a era da informática, o computador, celular bem como a internet no cotidiano dos alunos, trouxe uma abundância de informações que muitas vezes as escolas e os próprios professores não se encontram prontos para absorver, tendo em vista

que há um certo receio de levar essas tecnologias para a sala de aula, pois muitos não possuem domínio dos instrumentos tecnológicos.

Diante de tais afirmações destacadas acima, é importante ressaltarmos a necessidade de estabelecermos enquanto educadores um saber quanto a disciplina de Sociologia e seu ensino para podermos corroborar a sua importância no currículo da educação básica bem como na formação de cidadãos.

No entendimento de Castells (2005), as tecnologias digitais podem ser analisadas como um contato/relação social, como objeto da sociologia, que viabiliza o processo de informação e comunicação, com o intuito de desenvolver e ampliar o conhecimento que atende às necessidades dos integrantes de uma certa organização social. Dessa maneira, as tecnologias digitais atuam como molas impulsionadoras e como recursos dinâmicos de educação, pois à medida que são bem empregadas por professores/alunos possibilita o fortalecimento e a melhoria das práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula e fora dela (SABINO et al, 2018 *apud* OLIVEIRA, MOURA e SOUSA, 2015).

A necessidade de efetivação/realização do uso das TDIC's na educação, especialmente no ensino de Sociologia, requer uma reflexão da prática pedagógica em sala de aula, bem como uma transformação nos currículos de modo que considere os interesses do educando tendo em vista que o aprender não está direcionado no professor, mas no processo ensino aprendizagem do educando quando, então, sua participação frequente acarreta na construção do conhecimento e no desenvolvimento de habilidades cognitivas (SABINO et al, 2018 *apud* AGUIAR, 2008). Para isso:

é preciso que os professores criem e elaborem as condições que propiciem um contato com diversos tipos de fontes (documentos, filmes, músicas, charges, depoimentos, fotos, etc.), e dos vários enfoques da problemática (social, econômica, política, cultural, moral, etc.). É evidente a necessidade de lançar mão das mais diversas alternativas de trabalho (jogos, exercícios, esquetes, simulações teatrais, dança, música), pois é desta forma que além de potencializarmos um ensino e uma aprendizagem mais críticos, com certeza, estaremos descobrindo novas facetas de interpretação e sentido para o que representa a presença da disciplina de Ciências Sociais na sala de aula do Ensino Médio (SILVA, p.6, 2020).

Neste sentido, a busca por recursos didáticos e o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC's) na disciplina de Sociologia ultrapassam o ensino tradicional proporcionando aos educandos um melhor entendimento sobre os temas/questões sociológicas (meio ambiente, desigualdades sociais, cultura, tecnologia, entre outros) que dê certo são extremamente importantes para a compreensão das transformações da sociedade e que devem ser discutidos em sala de aula.

Então, falar sobre educação e TDIC's é muito mais do que falar sobre equipamentos, computadores: é um momento para refletirmos sobre como nós educadores estamos pensando em educação e como os educandos/professores aprendem e ensinam (CASTELLS, 2005). Nesse contexto podemos ressaltar que:

Educar é colaborar para que professores e alunos - nas escolas e organizações - transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional- do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e profissionais e tomar-se cidadãos realizados e produtivos (MORAN, p.12, 2000).

Assim, a educação é a ponte para que educadores/educandos possam modificar suas realidades (seja pessoal, no ambiente escolar ou na própria sociedade) construindo uma relação mútua de aprendizagem de acordo com as habilidades desenvolvidas entre ambos.

O ENSINO DE SOCIOLOGIA NOS TEMPOS DA PANDEMIA COVID-19

A pandemia de COVID-19 impactou de forma determinante diferentes esferas da vida em sociedade, seja política, cultural, social e a educação se tornou uma das áreas mais prejudicadas, pois as instituições públicas e privadas tiveram que se reinventar nesse novo contexto e vivência de novos hábitos. Para pros-

seguir com o ensino foi necessário que as escolas se reinventassem por meio da aplicação das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's).

Com o passar dos anos, os impactos provocados por essas novas tecnologias têm afetado de forma decisiva no âmbito educacional as novas gerações de indivíduos, conhecidos por nativos digitais. Estes estudantes estão surgindo em meio a um dia-a-dia apontado pelo uso de aparelhos eletrônicos (computador, celular, vídeo games, etc) e adquirem conhecimentos e informações de modo diferente com relação às outras gerações (SANTOS, 2021).

É importante destacar que diante dessa nova realidade, foi imprescindível adaptar a disciplina de Sociologia a nova forma de ensino para continuidade das aulas. Com isso, surge os desafios pedagógicos e metodológicos, como:

“manter a atenção dos alunos nos aspectos mais teóricas e densos da disciplina, por meio de videoaulas curtas, tornar as aulas interessantes e compreensíveis, a fim de garantir o progresso crítico formativo dos mesmos, construir formas de avaliação que garantam o pensamento autônomo e reflexivo, não reduzido a mera reprodução de conceitos e categorias, tudo isso mediado pelas novas tecnologias digitais” (SANTOS, p. 2, 2021).

Os desafios são imensos, mas o intuito da disciplina é de garantir autonomia e pensamento crítico aos educandos proporcionando aos mesmos uma melhor compreensão.

É importante enfatizar que as tecnologias digitais chegaram para permanecer no nosso cotidiano, pois estas fazem parte na nossa realidade atual. Assim, o ensino de Sociologia nesse contexto de pandemia é de sua importância para compreensão desses novos aspectos na sociedade contemporânea e também para continuidade dos conteúdos correspondentes ao dia a dia. Então um dos maiores obstáculos é que reaprender a ensinar e reaprender a aprender são os maiores desafios em meio ao isolamento social na educação do país (SANTOS, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Silva (2020), o uso das (TDIC's) é considerada pelas instituições uma competência transversal, isto é, podem ser aplicadas em vários componentes curriculares em especial na disciplina de Sociologia.

Ao refletirmos sobre o papel do docente e o uso das tecnologias digitais na educação, especialmente durante a pandemia da COVID-19 é essencial entendermos que essa nova situação imposta foi vivenciada em todas as esferas da sociedade. No âmbito educacional, a busca por novas formas de comunicação através das tecnologias tornou-se imprescindível em todos os níveis, passando pela educação superior até a educação básica e nesta perspectiva, professores e alunos tiveram que implantar as TIC's no ambiente escolar como forma de realizar as aulas de maneira remota e assim, efetivar o ensino de Sociologia na nova realidade.

Diante das leituras realizadas, também foi possível observar que de acordo com as pesquisas, através do uso das ferramentas tecnológicas os educadores podem se atualizar quanto a suas práticas pedagógicas, sendo tais ferramentas inovadoras quanto aos processos de ensino. Esses meios tecnológicos são recursos que podem auxiliar nas aulas de Sociologia, mas é importante destacar que não são salvadores da pátria, pois não resolverá os inúmeros problemas existentes na educação. Contudo, diante dos estudos verificou-se que o uso dessas tecnologias facilita o processo de ensino aprendizagem devido o acesso de informações de maneira prática, rápida e dinâmica proporcionando aos educandos a construção de conhecimentos por meio de um desempenho crítico e criativo. Portanto, é necessário enfatizarmos que perante essa nova vivência e mudança de hábitos, não podemos ignorar as tecnologias pois as mesmas são formas estratégicas que chegaram para contribuir com as questões do dia a dia e principalmente no âmbito educacional.

REFERÊNCIAS

BODART, Cristiano das Neves. **O ENSINO DE SOCIOLOGIA NO CONTEXTO DA BNCC: esboço teórico para pensar os objetivos educacionais e as intencionalidades educativas na e para além das competências.** CADERNOS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS | Vol.4, nº.2 | p. 131-153 | jul./dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Curricular. Educação é a base. Brasília, Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. [Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19]. **Diário Oficial da União.** Publicado em: 18/03/2020, edição: 53 seção:1, p.39. Disponível em: <https://www.in.gov.br>. Acesso em: 27 de julho de 2021 às 21h:36min.

BRASIL, Agência Brasil. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br>. Acesso em: 25 de julho de 2021 às 20h15min.

CARVALHO, Lejeune Mato Grosso. **Sociologia e ensino em debate: experiências e discussão de sociologia no ensino médio.** Ijuí: ed. Unijuí, 2004.

CASTELLS, Manuel. **Internet e Sociedade em Rede.** Rio de Janeiro: editora Record, 2005.

CASTELL, Manuel. **A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura.** Vol.1 A Sociedade em Rede. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1999.

FERREIRA, Rosilda Arruda. **A pesquisa Científica nas Ciências Sociais: caracterização e procedimentos.** Editora Universitária- UFPE, Recife, setembro, 1998.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social.** 6. Ed. Editora Atlas, São Paulo, 2008.

MACEDO, Tangreyse Ehalt; FOLTRAN, Elenice Parise. **As Tecnologias de Informação e Comunicação como ferramenta de enriquecimento para Educação.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>. Acesso em: 27 de julho de 2021 às 21h:50min.

MATOS, Maurício Sousa; COSTA, Breno Rafael da; CARVALHO, Lilian Amaral de. **A pandemia e o ensino de Ciências Sociais: uma experiência de implementação das atividades remotas das disciplinas de Sociologia em uma escola pública do interior baiano.** Revista educação pública, v.21, nº 12, 6 de abril de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br>. Acesso em: 14 de agosto de 2021 às 14h 42min.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parecer CNE/CEB Nº22/2008.** Disponível em: <https://portal.mec.gov.br>. Acesso em 20 de julho de 2021 às 16h56min.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Maria Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas, SP: Papyrus. 2012.

NETTO, Cristiane Mendes; ALMEIDA, Carla Nascimento de; SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de; MOURA, Thales Leandro. **Docência e uso de tecnologias digitais em ensino remoto.** Congresso Internacional de Educação e Tecnologia (CIET), agosto de 2020. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br>. Acesso em: 20 de julho de 2021 às 15h00min.

OLIVEIRA, Cláudio de.; MOURA, Samuel Pedrosa.; SOUSA, Edinaldo Ribeiro de. **TIC'S na educação: a utilização das tecnologias da informação e comunicação na aprendizagem do aluno.** Pedagogia em Ação, v. 7, n. 1, 2015.

PCN + ENSINO MÉDIO: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Ciências Humanas e suas Tecnologias.** Secretaria de Educação Média e Tecnológica- Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

SABINO, Eliney; TRIGO, Ramon Alves; RIBEIRO, Daniel da Silva; PEDROSO, Lucas Oliveira; COUTO, Luiz Felipe Pereira; BARRETO, Luiz Claudio; ANDRADE, Kedma Daisa Pereira e SABINO, Silva. **TIC's no ensino: A necessidade de Tecnologia da Informação e Comunicação presente na Educação.** Revista Gestão em Foco - Edição nº 10 – Ano: 2018. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br>. Acesso em: 26 de julho de 2021 às 22h45min.

SANTOS, Raynice Souza. **Os desafios e possibilidades do ensino de sociologia em tempos de pandemia: a experiência de uma escola da zona rural do interior do Pará Belém,** Pará, 2021. disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br> Acesso em: 14 de agosto de 2021 às 21h03min.

SILVA, Ivonei Freitas da. **Pensando a prática pedagógica em Ciências Sociais**. Disponível em: <https://www.yumpu.com>. Acesso em: 26 de julho de 2021 às 23h45min.

SILVA, Luziane Bomfim da. **As novas tecnologias educacionais como apoio na disciplina de sociologia**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 04, Vol. 05, pp. 51-63. abril de 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br>. Acesso em: 25 de julho de 2021 às 23h15min.

CAPÍTULO 3

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DE DAVID AUSUBEL APLICADA AO ENSINO DE SOCIOLOGIA

Carla Simone de Souza Silva Lafayette

INTRODUÇÃO

A Sociologia é uma disciplina de suma importância para a educação no Ensino Médio, pois colabora com o crescimento do educando, por ser um instrumento de emancipação social. Dentre as potencialidades do ensino de Sociologia, destacamos sua contribuição ao (auto)reconhecimento da identidade social dos alunos, auxiliando-o a reconhecer o seu lugar no mundo social. Ao abordar a sociedade contemporânea em suas múltiplas dimensões (social, econômica, política, cultural, etc.), essa área de conhecimento contribui para que o aluno compreenda melhor as relações sociais e as instituições. Isso é essencial para sua inserção no mundo do trabalho.

A Sociologia mostra a necessidade de assumir uma visão mais ampla sobre por que somos como somos e por que agimos como agimos. Ela nos ensina que aquilo que encaramos como natural, inevitável, bom ou verdadeiro, pode não ser bem assim, e que os “dados” de nossa vida são fortemente influenciados por forças históricas e sociais. Desse modo, “entender os modos sutis, porém, complexos e profundos, pelos quais nossas vidas individuais refletem os contextos de nossa experiência social é fundamental para a abordagem sociológica” (GIDDENS, 2005, p. 24).

Contudo, como disciplina na Educação Básica, a Sociologia apresenta uma trajetória intermitente. Enquanto disciplina, foi reconhecida na virada do século XX, sendo inserida primeiramente no Ensino Secundário para depois integrar a grade curricular do Ensino Superior.

Na década de 1970 para 1980, com a crise do “milagre Brasileiro”, a partir das revelações do governo em que não sustentava a formação de tantos técnicos, sem condições especiais de instrumentos e recursos, como falta de equipamentos e professores, levou o governo, em 1982, a flexibilizar a legislação educacional com a Lei 7.044/82 e revogar a obrigatoriedade do ensino profissionalizante, possibilitando a diversificação dos currículos.

Assim, em alguns poucos Estados da federação brasileira, as secretarias de educação passaram a recomendar a inclusão das disciplinas Sociologia, Filosofia e Psicologia nos currículos das escolas. Aos poucos, a disciplina Sociologia foi tomando o seu espaço e, com a nova LDB - Lei 9.394/96 - tornou o ensino de Sociologia e Filosofia obrigatório nos três anos do Ensino Médio em todo território brasileiro, mediante a Lei 11.684/08 que instituiu sua implementação no Ensino Médio.

Essa implantação foi resultado de uma luta coletiva entre (dos ou entre?, acho que cabe melhor “dos”) professores e estudantes de Ciências Sociais travada por muitos anos. Enfim, as lutas foram intensas e, mesmo com a conquista da implementação da Lei 11.684/08 no Brasil, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de Sociologia no Ensino Médio, ainda assim, há uma persistência na mobilização de professores e estudantes dessa área para tornar esse ensino visível na formação dos jovens estudantes para o seu desenvolvimento intelectual e moral.

Com a obrigatoriedade do ensino de Sociologia no contexto do ensino médio, surge um grande desafio para os professores dessa disciplina: Como tornar o ensino de Sociologia significativo para os alunos (jovens)? Desse modo, a nossa pesquisa tem por objetivo indicar a possibilidade do desenvolvimento da aprendizagem significativa no ensino de Sociologia, tendo por base os ensinamentos de David Ausubel.

Assim, essa pesquisa está no âmbito da pesquisa qualitativa, pois se caracteriza, segundo Minayo (2013), como aquela que se ocupa do nível subjetivo e relacional da realidade social e é tratada por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais. Por isso, a opção pela abordagem qualitativa é perfeitamente cabível quando a pesquisa a ser desenvolvida requer visão ampla do objeto que será estudado e suas inter-relações no que diz respeito aos aspectos da aprendizagem. Nesse sentido, levamos em consideração os aspectos da pesquisa qualitativa que consistem:

[...] no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento, e na variedade de abordagens e métodos (FLICK, 2004, p. 20).

Nessa perspectiva de produção de conhecimento, optamos realizar uma breve pesquisa bibliográfica em livros que tratam do tema investigado. Dessa maneira, podemos dialogar com os autores através dos seus escritos.

Desse modo, nossa pesquisa visa contribuir com a melhoria do ensino-aprendizagem de Sociologia, proporcionando a discussão de uma possibilidade de proposta metodológica - aos professores que lecionam esse componente curricular - que facilite, priorize e colabore para uma aprendizagem significativa.

POR UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA

O conceito “aprendizagem significativa” criado por David Ausubel (1980) compreende que o processo de aprendizagem só se dá de forma mais qualitativa quando o educador considera os conhecimentos prévios do educando. Segundo Ausubel (1980), o novo – seja o conhecimento, conteúdo ou informação - necessita de uma ancoragem aos conhecimentos prévios do sujeito para que se estabeleça uma aprendizagem de forma mais significativa. Esse conceito se contrapõe à aprendizagem mecânica, no qual o sujeito cognoscente não consegue associar a nova informação aos seus conhecimentos já armazenados em sua estrutura cognitiva. Portanto, faz-se necessário que o educador estabeleça “pontes cognitivas”, ou seja, materiais introdutórios para que o educando consiga interligar aquilo que já sabe com aquilo que precisa aprender.

Destarte, uma pergunta norteadora surge na discussão: como conseguir os resultados esperados educacionais mais qualitativos? Apesar de ser um questionamento sobre a realidade local na qual estamos inseridos, essa pergunta pode muito bem nos ajudar a pensar sobre o ensino de Sociologia na Educação

Básica no nosso país de uma forma geral: os percalços e intermitências de sua institucionalização enquanto disciplina obrigatória nesse nível do ensino dentro de uma conjuntura social e política (GONÇALVES; SILVA, 2017); as dificuldades de legitimação de sua importância como uma matéria que proporciona uma visão crítica sobre a realidade, tendo como base a desnaturalização e o estranhamento diante dos fenômenos da sociedade ou dos fatos socialmente construídos.

Compreendo o ensino de Sociologia como um esforço de uma sociedade democrática e multifacetada em dar à educação um caráter transformador. Como nos ensina Lahire (2014), a Sociologia é uma ciência que se constrói historicamente contra as naturalizações, contra todas as formas de etnocentrismo fundadas sobre a ignorância que temos do mundo e contra as mentiras deliberadas ou involuntárias sobre o mundo social, e, por isso mesmo, a Sociologia é primordial no âmbito da democracia moderna, se constituindo como um contrapeso crítico ao conjunto de discursos de ilusão e ideologias sobre o mundo social.

Portanto, é essencial que esse ensino assuma um papel pedagógico que possibilite uma aprendizagem não-excludente, significativa, que localize o educando como um sujeito histórico, autônomo, instigado a pensar e refletir sobre os símbolos e significados do mundo à sua volta e a experimentar a imaginação sociológica (MILLS, 1982). Para isso, é essencial que os mediadores desse processo – os professores de Sociologia – também desnaturalizem sua própria prática em sala de aula, se questionando se os resultados educacionais estão surtindo os efeitos desejados; e por, último, que construam com os educandos – que não devem ser vistos como sujeitos passivos no processo ensino-aprendizagem – um melhor entendimento sobre as ciências sociais, encarando-as como um *lócus* privilegiado onde não existe um único ponto de vista, no qual as possibilidades de construção do conhecimento são diversas e que podem possibilitar a superação de problemas sociais a partir da sua melhor compreensão.

Entendendo melhor os itinerários do processo de ensino que contemplem um aprendizado de maior qualidade, considerando as possibilidades de múltiplas

abordagens que a disciplina de Sociologia pode oferecer, o meu olhar se volta para as metodologias ou técnicas que também ofereçam uma multiplicidade de formas de aprender e que vão além das principais estratégias de ensino propostas pelos livros didáticos (aulas expositivas, debates, filmes e ensino a partir de pesquisas), atinando para o sentido e o alcance delas nos resultados educacionais.

A SUPERACÃO DO ENSINO MECÂNICO

A teoria da aprendizagem significativa não é recente. Ela data dos anos 1960, quando foi cunhada por David Ausubel, teórico da psicologia da educação. Segundo Moreira (2012), mesmo sendo uma teoria educacional antiga, por vezes questionada como já sendo algo superado dentro da educação, a aprendizagem significativa foi fruto de muitos estudos, artigos e congressos. Entretanto, diversas vezes, esse conceito foi apropriado de forma superficial, trivializado, como se todas as metodologias de ensino objetivassem a uma aprendizagem significativa, sem nem ao menos se aprofundar sobre suas principais premissas: “aprendizagem significativa é aquela em que ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe”(p.13). Ou seja, os novos conhecimentos só adquirem significados se houver uma interação com os conhecimentos prévios dos sujeitos, isto é, com conteúdos que são relevantes já existentes na estrutura cognitiva do aprendiz.

Essa teoria se diferencia, assim, da aprendizagem mecânica, na qual novas informações não conseguem se associar a conceitos importantes na estrutura cognitiva, não havendo, assim interação entre o novo conteúdo e aquele já armazenado pelo indivíduo. A aprendizagem mecânica é muito comum no ensino tradicionalista, no qual as aulas são basicamente expositivas, com pouca ou nenhuma relação dialógica, se aproximando muito do que Paulo Freire (2003) denomina de “educação bancária”, em que a relação educador-educando se dá de maneira vertical: o educador narra ou “faz comunicados e depósitos de conteúdos” que os educandos recebem, memorizam e repetem.

Portanto, se a escola ainda não coloca em prática o pressuposto básico da aprendizagem significativa que é considerar os conhecimentos prévios (também chamados de subsunçores) do aluno para, a partir daí, construir o saber, essa teoria está longe de ser superada, e precisa, mais do que nunca, ser desenvolvida em plenitude. Saint-Onge (1999) também critica o saber da escola baseado meramente na superficialidade, no qual o ensino acaba sendo uma simples operação de enunciados de conhecimentos dos professores e alerta para a necessidade de se evitar o seguinte tipo de saber escolar:

(que) apresenta respostas sem referência sistemática ao questionamento que as fez surgir; ignora as condições de emergência do saber: falsas pistas, tentativas, erros, hipóteses abandonadas...; apresenta-se fora de contexto, como uma realidade em si, como se esse saber não fosse primordialmente o saber de uma pessoa, de uma época, de uma situação; justapõe-se a outros saberes sem que haja coerência evidente entre eles. (SAINT-ONGE, 1999, p.43).

Portanto, a aprendizagem significativa somente é possível quando um novo conhecimento se relaciona de forma substantiva e não arbitrária a outro já existente. Para que essa relação ocorra, é preciso que exista uma predisposição para aprender. Ao mesmo tempo, é necessária uma situação de ensino potencialmente significativa, planejada pelo professor, que leve em conta o contexto no qual o estudante está inserido e o uso social do objeto a ser estudado.

Uma das críticas ao método tradicional de ensino-aprendizagem é sobre a sua forma mecânica e repetitiva de transmitir conhecimento. Saviani (2001, p.68) critica a pedagogia bancária porque a mesma é passiva e só transmite conteúdos, levando o aluno a memorização, ou seja, a decorar conteúdos. Nas aulas de Sociologia, esse hábito de decorar conceitos acaba sendo utilizado pelos alunos, pois são conceitos considerados complexos e os alunos os consideram fora de sua realidade.

Diante dessa realidade dentro da sala de aula, o professor pode adotar uma pedagogia articulada valorizando os interesses dos jovens, estimulando as atividades e iniciativas dos alunos e professores, bem como favorecendo o diálogo entre ambos, não esquecendo de valorizar o diálogo com a cultura acumulada

historicamente (SAVIANI, 2001, p.69). Na perspectiva de Saviani (2001, p. 70), nota-se que professores e alunos são agentes sociais que interligam educação e sociedade numa proposta de diferenciar a construção do conhecimento por meio das experiências, ou seja, da prática social.

POR UM ENSINO DE SOCIOLOGIA SIGNIFICATIVO: METODOLOGIAS APLICADAS

Há muito se fala sobre a necessidade de deslocar o enfoque apenas nos conteúdos de aprendizagem para também se ater aos procedimentos/estratégias/métodos de ensino em busca de uma aprendizagem de maior qualidade no cenário educacional brasileiro.

A seleção de atividades de ensino-aprendizagem é importantíssima, porque dela dependerá o aluno crescer ou não como pessoa. Porque enquanto o conteúdo da matéria informa, os métodos formam. Assim, por exemplo, se o conteúdo da matéria a ensinar é o conceito de liberdade, a transmissão deste conteúdo apenas informará ao aluno sobre a definição de liberdade; o método que o professor utilizar para ensinar-lhe é o que realmente fará o aluno viver e sentir o que é a liberdade. O método lhe ensinará a ser livre ou ser dominado. De fato, um professor que ensine sobre liberdade de forma autoritária e despótica, formará pessoas passivas e oprimidas, que sabem só em teoria o que seja liberdade. O tipo de atividade forma o caráter do aluno, ainda mais que o conteúdo (BORDENAVE, PEREIRA, 1986, p.84).

Há de se buscar formas de gerar *links* entre o educando e os conteúdos de aprendizagem. Nesse sentido, conhecer as características dos seus alunos é essencial para esse passo e, a partir dele, o professor deve buscar despertar o interesse, a curiosidade:

Para abordar a questão do interesse dos alunos pelo estudo das matérias escolares do ponto de vista do ensino, é preciso recordar este princípio fundamental: quando se ensina, ensina-se sempre algo a alguém. O professor não pode contentar-se em dominar esse “algo”, a matéria. É necessário levar em conta a pessoa a quem se ensina e, sobretudo, as condições nas quais se pode estabelecer, de forma positiva, uma relação entre a pessoa e a matéria. [...] É preciso buscar as condições nas quais uma matéria pode despertar o interesse (SAINT-ONGE, 1999, p. 32).

Dessa maneira, o ensinar exige a consciência do inacabamento, da infinidade do processo de conhecer e onde a curiosidade e a postura ativa do educando são imprescindíveis para o ensino-aprendizagem; só assim a educação pode ser problematizadora, se opondo à noção de educação mecânica ou bancária.

O uso de metodologias com o propósito de obter uma aprendizagem mais significativa pode ser uma resposta para um ensino de Sociologia mais criterioso, rigoroso, na busca da realização dos seus objetivos: tornar os jovens mais conscientes de sua atuação como sujeitos na sociedade; e proporcionar uma educação que extrapole os limites da mera transferência de conhecimento, e alcance um viés libertador, despertando a ação, a reflexão crítica, a curiosidade, o questionamento, a inquietação e a incerteza – virtudes importantes para o sujeito cognoscente (FREIRE, SHOR, 2003).

Considerando a postura de abordagem significativa, a manipulação deliberada de atributos relevantes da estrutura cognitiva para fins pedagógicos é levada a efeito de duas formas:

1. Substantivamente, com propósitos organizacionais e integrativos, usando os conceitos e proposições unificadores do conteúdo da matéria de ensino que têm maior poder explanatório, inclusividade, generalidade e relacionabilidade nesse conteúdo.
2. Programaticamente, empregando princípios programáticos para ordenar seqüencialmente a matéria de ensino, respeitando sua organização e lógica internas e planejando a realização de atividades práticas.(Ausubel, 1980, p. 147):

Em termos substantivos, o que Ausubel (1980) está dizendo é que, para facilitar a aprendizagem significativa, é preciso dar atenção ao conteúdo e à estrutura cognitiva, procurando “manipular” os dois. É necessário fazer uma análise conceitual do conteúdo para identificar conceitos, ideias, procedimentos básicos e concentrar neles o esforço instrucional. É importante não sobrecarregar o aluno de informações desnecessárias, dificultando a organização cognitiva. É preciso buscar a melhor maneira de relacionar explicitamente os aspectos mais importantes do conteúdo da matéria de ensino aos aspectos especificamente relevantes de estrutura cognitiva do aprendiz. Este relacionamento é imprescindível para a aprendizagem significativa.

Portanto, os tipos de metodologias que podemos sugerir para tornar o ensino de sociologia significativo são: aprendizagem baseada em problemas; pedagogia da problematização; arco de Marguerez; estudos de caso; grupos reflexivos e grupos interdisciplinares; grupos de tutoria e grupos de facilitação; exercícios em grupo; seminários; relato crítico de experiência; mesas-redondas; socialização; plenárias; exposições dialogadas; debates temáticos; leitura comentada; oficinas; apresentação de filmes; interpretações musicais; dramatizações; dinâmicas lúdico pedagógicas; portfólio; avaliação oral (autoavaliação, do grupo, dos professores e do ciclo); e mapas conceituais. É interessante notar que essas metodologias podem atuar em conjunto entre si.

CONSIDERAÇÕES

Podemos considerar que a concepção de ensino e aprendizagem de Ausubel (1980) segue na linha oposta à mecanicista, pode ser aplicável ao ensino de Sociologia por não dispor de metodologias que mobilizem recursos financeiros para sua execução, mas sim, domínios teórico e prático da proposta metodológica escolhida pelo professor, adquiridos a partir do querer propor uma atividade libertadora e repleta de significados. Seus possíveis efeitos contribuem para a aprendizagem de conceitos teóricos, pois o processo ideal ocorre quando uma nova ideia se relaciona aos conhecimentos prévios do indivíduo. Assim, motivado por uma situação que faça sentido, proposta pelo professor, o aluno amplia, avalia, atualiza e reconfigura a informação anterior, transformando-a em nova.

Constatou-se, neste artigo, que para promover a aprendizagem significativa, precisamos considerar a experiência de vida do aluno e seu conhecimento de mundo, respeitando as diferenças.

Portanto, o educador deve fazer a ponte entre a teoria e a prática, refletindo sobre seu papel na constituição do conhecimento de seus alunos e sobre a forma de desenvolver seu trabalho, a fim de levá-los a serem líderes de si mesmos e questionadores, enfim, cidadãos que farão a diferença no mundo.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D.P.; NOVAK, J.D. e HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro, Interamericana. Tradução para português, de Eva Nick et al., da segunda edição de Educational psychology: a cognitive view.(1980).

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**. São Paulo: Paz e Terra. 2003.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. Ed. Porto Alegre: Artimed, 2005.

LAHIRE, Bernard. **Viver e interpretar o mundo social**: para que serve o ensino de sociologia? In: Revista de Ciências Sociais. n.1 – Fortaleza, UFC, 2014.

MILLS, Wright G. **A promessa. A imaginação sociológica**. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2013.

MOREIRA, Marco Antônio. **Aprendizagem significativa**: a teoria e textos complementares. São Paulo: Editora LF, 2011.

SAINT-ONGE, Michel. **O ensino na escola**: como é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas: Ed. Autores associados, 2001.

CAPÍTULO 4

AULA DE CAMPO COMO PROPOSTA DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA

Edilio Quintino de Oliveira

INTRODUÇÃO

No decorrer da disciplina de Metodologia do Ensino do Curso do Mestrado Profissional em Rede Nacional (ProfSocio) na Universidade Federal de Campina Grande- CDSA-Campus Sumé, com o Professor Dr. Fabiano Custódio, levantou-se muitos questionamentos sobre os desafios que a disciplina de Sociologia e também muitas reflexões sobre os caminhos que a disciplina de Sociologia irá seguir em sua recente inserção no cotidiano educacional e suas práticas didáticas, nesses momentos realizados nas sexta-feiras à tarde, fomos instigados a refletir a respeito da prática docente e das proposições para se pensar sobre a elaboração didática com estratégias e ferramentas do fazer pedagógico, para o docente da disciplina de sociologia na educação básica.

Vou relatar um pouco da minha experiência, para podermos pensar sobre essas práticas pedagógicas, sou docente da disciplina de sociologia efetivo da rede pública de ensino do Estado do Ceará, desde o ano de 2010 e ministro aula no município de Caririaçu da referida disciplina A cidade está localizado na Região do Cariri Cearense, o município conta atualmente com uma população estimada segundo o IBGE (2020) de 26.987 de habitantes, dessa população cerca de 40% estão na Zona Rural, o município têm um perfil parecido com muitas cidades do interior do Nordeste onde o ambiente rural têm presença marcante, essas informações é para podermos se situar e pensar sobre as estratégias pedagógicas para o ensino de sociologia.

No decorrer da minha rotina pedagógica tenho buscado compreender o papel da disciplina de sociologia no ensino médio, inclusive participando diretamente do desenvolvimento e da inserção do componente curricular no ensino médio, pois sou o primeiro professor a assumir a disciplina de sociologia na rede pública estadual de Caririaçu, com isso surgiram adversidades para se construir o espaço pedagógico, mas posso salientar que tivemos bons resultados referente a prática docente na disciplina de sociologia.

Quando estava cursando a graduação de Ciências Sociais na modalidade licenciatura entre 2007-2010 na Universidade Regional do Cariri (URCA), havia um clima de euforia com a obrigatoriedade das disciplinas de Sociologia e Filosofia com a lei 11.684/08 na educação básica do Brasil, mas como estudante de graduação ainda tínhamos muitas dúvidas com relação a inserção da disciplina de sociologia nas escolas de ensino médio da rede pública de ensino do Ceará, em 2009 foi realizado concurso público para professor da disciplina de sociologia, um concurso que foi realizado em 5 fases pela Cespe⁷, no momento havia um grande desafio para quem desejava lecionar a disciplina, tivemos prova escrita (eliminatória), prova didática (aula)(eliminatória), programa de capacitação profissional dividida em duas fases, curso online e curso presencial (eliminatória) e prova de títulos (classificatória).

Tive a felicidade de ser um dos aprovados nesse concurso e pude assumir em 2010 a disciplina de Sociologia na EEMTI São Pedro e na EEM Plácido Aderaldo Castelo, as escolas pertencem a rede pública estadual e estão localizadas em Caririaçu-CE. Comecei a ministrar a disciplina, sendo o primeiro professor formado na área, antes quem ministrava as aulas de sociologia eram professores de outras disciplinas, principalmente de História e Geografia, mas poderia ser um docente de qualquer área.

Surgiram muitas adversidades, tal qual a desconfiança sobre as práticas pedagógicas da disciplina e de que forma se inserir na realidade social e outras situações relacionadas a prática docente, corroborando com Imbernon (2017, p. 22):

Tudo isso implica considerar o professor como um agente dinâmico cultural, social e curricular, capaz de tomar decisões educativas, éticas e morais, de desenvolver o currículo em um contexto determinado e de elaborar projetos e materiais curriculares com a colaboração dos colegas, situando o processo em um contexto específico controlado pelo próprio coletivo. (grifos do autor)

⁷ Centro de Seleção e de Promoção de Eventos da Universidade de Brasília (CESPE/Unb)

Essa contribuição da formação é de extrema importância para se pensar a prática didática, o docente na minha perspectiva têm de ampliar o seu leque de possibilidades para chegar a um reconhecimento de sua proposta didática e de sua inserção no cotidiano escolar, esse composto por relações sociais de poder. Inclusive entre os próprios pares, pois estamos em uma constante luta social e política por espaços dentro da escola. Segundo Imbernon (2017, p. 67-68):

Não se trata, pois, de aprender um 'ofício' no qual predominam esteriótipos técnicos, e sim de apreender os fundamentos de uma profissão, o que significa saber por que se realizam determinadas ações ou se adotam algumas atitudes concretas, e quando e por que será necessário fazê-lo de outro modo.

Penso que a experiência que o docente desenvolve em seu cotidiano deve levar em consideração o contexto em que ele está inserido e de qual forma pode ser pensado para o desenvolvimento de sua prática didática e sua inserção no dia-a-dia escolar, observar essa rotina com um olhar social e pedagógico. Conforme Colombo (2015, p. 186):

Refletir sobre sua própria prática é (ou deveria ser) intrínseco ao trabalho do professor, o que por si só não o torna um pesquisador, para tanto é preciso que o professor-pesquisador distancie-se e reaproxime-se de sua prática, considerando-a como matéria de suas investigações.

Nesse sentido torna-se importante para o docente que já está inserido no campo ou ainda em processo de formação, possa construir suas práticas a partir de suas experiências e observando como o cotidiano escolar se desenvolve buscando-se nas relações sociais que são construídas na relação professor/aluno e as suas experiências didáticas.

Nesse contexto, o artigo tem por objetivo relatar a experiência da aula de campo e a sua importância para a reflexão sociológica dos alunos da educação básica e desenvolver uma reflexão sobre as possibilidades que a aplicação da metodologia traz para a relação ensino/aprendizado aos alunos da educação básica, será desenvolvida uma proposta de aula utilizando os conceitos e categorias da sociologia que podem ser utilizadas nessa proposta pedagógica.

METODOLOGIA

Como metodologia foi utilizado nesse artigo as observações realizadas na aplicação da proposta de atividade e a categoria de aula de campo com tal proposta pedagógica, conforme Oliveira (2021, p. 61)

A aula de campo é uma metodologia que precisa de um olhar inovador do professor; ele precisa sentir quais as necessidades dos alunos diante do que está sendo estudado na teoria, para que, com a aula de campo, possa haver um complemento articulador entre a teoria e a prática.

Ministrando a disciplina de Sociologia venho desde 2015 realizando na rotina pedagógica a aula de campo, essas aulas acontecem durante o horário de aula da disciplina e o objetivo é aproximar a Teoria Sociológica e o cotidiano dos alunos, nesse sentido foi desenvolvido uma proposta de aula visando aproximar o discente a realidade em que está inserido e refletir sobre como a Sociologia, contribuindo com essa reflexão, buscando uma análise crítica e o debate sobre diversas temáticas da Sociologia, como cultura, cultura imaterial, cultura material, poder, instituições sociais, desigualdade social e sociologia ambiental, gênero, etnia e outros conhecimentos conforme a realidade em que atividade é aplicada.

Essa metodologia contribui com a aula de Sociologia de forma bastante dinâmica, mas é preciso um planejamento do docente de Sociologia em torno da condução dessa proposta metodológica, corroborando com Oliveira (2021, p. 62) que diz:

É preciso se ter em mente que a aula de campo é um instrumento metodológico riquíssimo, mas que, se mal planejado, pode se tornar apenas mais uma ferramenta sem significado, o conhecido 'passeio'. Dessa discussão, surge a importância do planejamento; o professor que opta por essa metodologia não pode simplesmente levar seus alunos a campo sem que tenha feito visitas preliminares ao local que será objeto de estudo, assim como se faz necessário um roteiro de perguntas do percurso a ser observado.

Para a concepção dessa proposta de ensino de sociologia, parto de uma metodologia qualitativa, a observação de campo das experiências realizadas na

EEM Plácido Aderaldo Castelo, escola da rede pública de ensino do Estado do Ceará, localizada no município de Caririaçu-CE, essas observações foram realizadas nas aulas de Sociologia, onde a metodologia da aula de campo vêm sendo utilizada. Inclusive pensando a disciplina de Sociologia com seu arcabouço teórico baseado na reflexão e criticidade das relações sociais, esse olhar é importante para o desenvolvimento da atividade e a correção das estratégias didáticas da disciplina, de acordo com Oliveira (2021, p.63), assim:

o sujeito pesquisador, dentro da abordagem qualitativa de uma pesquisa, está imerso e interage a todo o momento com o objeto de sua investigação. A compreensão do contexto onde está inserido o alvo da sua pesquisa é um aspecto fundamental para buscar o entedimento do fenômeno pesquisado.

A observação contribui com as estratégias para o ensino de Sociologia e de que forma a metodologia da aula de campo é uma ferramenta importante para o aluno analisar sua relação com o ambiente social em que está inserido e a disciplina de sociologia traz elementos para essa reflexão.

REFERENCIAL TEÓRICO: A AULA DE CAMPO NO ENSINO DE SOCIOLOGIA

Partindo do pressuposto da concepção da importância da formação profissional docente e da prática da pesquisa como componente de reflexão para o fazer pedagógico e corroborando com Imbernón (2017, p. 41) 'Finalmente insiste-se no estudo da vida em sala de aula, no trabalho colaborativo como desenvolvimento da instituição educativa e na socialização do professor.' Essa mediação pedagógica faz parte de minhas experiências no contexto escolar e penso que o compartilhamento, traz subsídios para o leque de possibilidades pedagógicas na disciplina de Sociologia.

Essa mediação pedagógica pode ser realizada através da aula de campo que de acordo com Oliveira (2021) é uma opção metodológica no processo de ensino/aprendizagem riquíssima para contextualizar os conteúdos estudados em sala de aula, sendo vista como um meio de levar o aluno, a refletir sobre a teoria,

mobilizando-o a confrontar com a realidade o que foi discutido em sala de aula. Sendo assim, na busca desse confronto entre teoria e realidade foi realizada uma aula de campo no âmbito da disciplina.

Nesse sentido, a aula de campo que realizamos no nosso contexto baseia-se em visitas a determinados espaços sociais localizados no município de Caririaçu, essas aulas acontecem no horário dedicado a disciplina de sociologia, com isso essa aula se torna dinâmica na medida que altera o ritmo da turma que participa da aula proposta, conforme se observa na realidade das cidades com uma população considerada de pequeno ou de médio porte, os equipamentos sociais são localizados na sede do município e são muito próximas, isso constitui um campo para o trabalho docente fértil para desenvolver estratégias de intervenção e de mediação pedagógica. De acordo com Imbernón (2017, p. 74):

Entre as características necessárias para promover esse conhecimento profissional ativo, a formação permanente não deve oferecer apenas novos conhecimentos científicos, mas principalmente processos relativos a metodologias de participação, projetos, observação e diagnóstico dos processos, estratégias contextualizadas, comunicação, tomada de decisões, análise da interação humana.

Muitas vezes ficamos presos ao senso comum relacionados ao cotidiano dos municípios, inclusive os próprios educandos se posicionam a partir desses estereótipos, como a ideia de que em cidade pequena não acontece nada, que não têm nada para se observar, como se a sociedade estivesse parada, mas a cidade possui a sua própria dinâmica social que é de movimento, com isso observa-se um campo que pode ser utilizado para muitas reflexões sociológicas, inclusive utilizando as técnicas da disciplina, a observação participante, o caderno de campo, as anotações no caderno, esses subsídios auxiliam o docente no seu processo avaliativo. Concordo com Silva (2009, p.23) em que ‘esse seria o principal objetivo do ensino de Sociologia: garantir o desenvolvimento de uma postura crítica diante da vida social e das práticas sociais em que estão inseridos.’

Nas reflexões que surgiram na pós-graduação, pode-se perceber a importância de se debater sobre o docente e sua formação e como essa formação se insere na sua prática, compartilhar experiências é de extrema importância, pois fornece estratégias e técnicas para a construção de um arcabouço teórico baseado na prática do docente de sociologia. Procurando sair de uma concepção, apenas teórica, de acordo com Silva (2009, p.25) 'Isso significa que a disciplina é a referência, mas não pode ser uma perspectiva narcisista, voltada só para si mesma e daí seria conteudista e estéril diante dos alunos.' Compartilhar as experiências no ajuda na elaboração de novas propostas pedagógicas.

Silva (2009) destaca também, que as disciplinas são constructos históricos, produto da maneira pela qual o conhecimento é produzido; às disciplinas constituem-se em campos do conhecimento – científico, artístico e filosófico. A sociologia nos permite pensar nessa elaboração à partir de diversas perspectivas uma gama de temáticas para que o discente, possa compreender melhor os conceitos e teorias da disciplina.

Para que isso ocorra é necessário um planejamento da atividade à partir da experiência docente e do seu cotidiano educacional, para isso deve ser desenvolvida uma sequência metodológica, de acordo com Silva (2009, p. 26-27) uma sequência metodológica, deve seguir as seguintes etapas: Prática Social Inicial, Problematização, Instrumentalização, Catarse e a Prática Social Final.

Outro fator que deve ser levado em consideração é o público que será atendido, aqui no caso serão os educandos do ensino médio, seus anseios e suas expectativas, segundo Dayrell (2007, p.1107) 'Trata-se de compreender suas práticas e símbolos como a manifestação de um novo modo de ser jovem, expressão das mutações ocorridas nos processos de socialização, que coloca em questão o sistema educativo, suas ofertas e as posturas pedagógicas que lhes informam.' Isso amplia a visão docente sobre o universo que será trabalhado, no meu caso, levei em consideração os equipamentos sociais do município, como a praça central, seu casario antigo, o centro cultural da cidade e outros espaços sociais.

É importante para o docente fazer suas ponderações, levando em consideração o conjunto de elementos para pensar a dinâmica e podendo ampliar o leque de possibilidades, essa atividade não deve estar presa em uma camisa de força, deve ser pensada a partir de um rigor metodológico mas pensado dentro da realidade social do docente, essa técnica permite um conjunto de possibilidades e estratégias, conforme a segmento social em que ambos estão inseridos. Dayrell (2007, p. 1109) Propõe que para pensar a realidade do educando, sua dimensão simbólica deve ser levado em consideração ‘na trajetória de vida desses jovens, a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada como forma de comunicação e de um posicionamento diante de si mesmos e da sociedade.’

A aula de campo na disciplina de sociologia proporciona para o docente um conjunto de técnicas que podem contribuir com a pesquisa e compreensão da realidade social do educando, pode fornecer elementos para um estudo mais amplo sobre temáticas ligadas a disciplina, pois está sendo trabalhado o lugar do jovem nesse contexto, inclusive pensar que esse conhecimento, pode ser desenvolvido cientificamente, ainda estamos em um processo de construção científica sobre o cotidiano e o educando, deve perceber a importância de compreender sua própria condição. De acordo com Dayrell (2007, p. 1112):

Essas diferentes dimensões da condição juvenil são influenciadas pelo espaço onde são construídas, que passa a ter sentidos próprios, transformando-se em *lugar*, o espaço do fluir da vida, do vivido, sendo o suporte e a mediação das relações sociais, investido de sentidos próprios além de ser a ancoragem da memória, tanto individual quanto coletiva.

É importante para o docente de sociologia analisar e refletir sobre a dinâmica dos educandos e qual maneira, ela pode ser trabalhada na aula de campo, inclusive pensar na elaboração do educando de sua própria reflexão sobre o lugar em que ele está inserido.

PROPOSTA DA AULA DE CAMPO PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA

Bridi (2009, p. 23), destaca que na sociologia torna-se necessário a elaboração da proposta pedagógica levando em consideração que:

Os dados, as fontes, os objetos não falam por sí; é o professor, o pesquisador, o sujeito do conhecimento que os interrogam 'o que', 'o como' e 'o porquê' ensinar/pesquisar e selecionam certos conteúdos em detrimento de outros. As concepções de mundo, de sociedade, de ciência norteiam tais escolhas e a consciência sobre essas dimensões pode contribuir para a autorresponsabilização, pelos saberes e resultados desses saberes.

Torna-se importante pensar como a realidade social segue uma dinâmica própria, com isso é necessário que o docente possa pensar sobre os processos sociais, de acordo com Bridi (2009, p. 25). 'A realidade contemporânea – complexa e múltipla – exige a promoção de uma reforma do pensamento e da apreensão do conhecimento sobre às coisas, capaz de habilitá-los a lidar com diferenças e complementações.' Essa realidade muitas vezes é tratada sobre o parâmetro do senso comum.

A disciplina de sociologia dentro do contexto educacional vai desenvolver suas atividades pedagógicas, propondo em seu arcabouço a relação entre teoria e prática, de acordo com Bridi (2009, p.61). 'As atividades escolares de conhecimento e aprendizagem revelam-se complexas porque ultrapassam os programas estabelecidos e os currículos, uma vez que os sujeitos não são passivos, mas interativos na construção do próprio conhecimento.' A aula de campo pode oferecer estratégias para se pensar essas situações do cotidiano dos sujeitos.

Para a realização da mediação pedagógica, proponho os seguintes passos:

Proposta de Atividade: Aula de Campo na Praça Principal da Cidade para observação do Cotidiano Social;

Silva (2009. P. 24) em suas experiências e pesquisas indica sugestões de conteúdos estruturantes e específicos para a disciplina de Sociologia que são:

- O Processo de Socialização e as Instituições Sociais;
- A Cultura e a Indústria Cultural;
- Poder, Política e Ideologia;
- Direitos, Cidadania e Movimentos Sociais.

Esses conteúdos são sugestões que partem da autora e que já foram aplicadas nas atividades em sala de aula, inclusive nessa proposição do artigo, coloco a proposição da atividade baseando-se na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), essa proposta foi fruto de uma atividade da disciplina de Metodologia do Ensino e visa contribuir com a elaboração dos planos de atividades docente. Abaixo, segue o exemplo da proposta:

EXEMPLO - ATIVIDADE PROPOSTA

TEMA: Aula de Campo: Visita a Praça Central da Cidade.

Documento Norteador: BNCC

Competência 1- Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

Habilidade (EM13CHS104) Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

Sugestão de série: 1º, 2º, 3º Anos do ensino médio.

Duração: 50 minutos (1 aula) para as anotações e reflexões, no caso pode ser utilizado (2 aulas) para se debater sobre as observações realizadas.

Material: Caderno, pode ser utilizado o espaço da disciplina ou pode se propor

um caderno de campo para as anotações das atividades que forem realizadas usando essa estratégia. caneta, lápis.

Descrição da Atividade: O objetivo da atividade é despertar no aluno o olhar sociológico, à partir da metodologia da observação participante, o aluno irá anotar em seu caderno como ele observa o cotidiano de sua cidade e sua dinâmica, nessa proposta não há um roteiro elaborado, mas poderá ser desenvolvido conforme cada realidade um roteiro para a pesquisa, como por exemplo, sobre a questão ambiental, ou um questionário para ser aplicado com moradores da localidade sobre temáticas de interesse da sociologia, como foi elencado na proposição de temas estruturantes, a ideia é que o educando, possa perceber sua própria realidade e experiência, eles irão fazer suas anotações para em outro momento, realizar às discursões, dessas observações qualitativas, trazendo para o debate as técnicas de pesquisa qualitativa.

Avaliação: Para à avaliação a proposta é a entrega ou conferência das anotações realizadas pelos educandos, à concepção é de uma avaliação somativa.

Proponho que após a realização da atividade, seja debatido os resultados das observações e quais são às contribuições da sociologia para a compreensão da realidade observada e como as categorias utilizadas, contribuem com o aprendizado do aluno de sua realidade social.

CONSIDERAÇÕES

O ensino de sociologia, têm em seu histórico no Brasil muitas rupturas e descontinuidades, o docente da disciplina, precisa estar repensando a sua prática e reelaborando seu currículo, com isso torna-se importante o desenvolvimento de estratégias e ferramentas para uma maior compreensão da disciplina no contexto escolar e perceber como o aluno interage na relação de ensino/aprendizagem Percebe-se que a atividade proposta dialoga com a disciplina e vêm fornecer elementos para uma melhor compreensão dos conceitos e categorias da sociologia.

A aula de campo, contribui com uma dinâmica pedagógica de extrema importância para o ensino de Sociologia, fornecendo elementos para o educando, aliar a teoria sociológica na sua prática cotidiana, inclusive pensado à partir das diretrizes para a disciplina na educação básica. Pude perceber que a aplicação da metodologia trouxe muitas reflexões para os alunos sobre a sociedade e a sua participação.

Pensar em estratégias relacionadas ao contexto escolar, contribui com o aprimoramento e a ampliação das possibilidades que podem ser pensadas para desenvolver a prática docente, essa proposta de mediação pedagógica, vêm das experiências construídas nas aulas de sociologia, na escola pública e das experiências que essa atividade trouxe, essa atividade vêm sendo realizada desde 2015 com turmas de 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, inclusive já foram realizadas nos horários que compõem a rotina escolar, manhã, tarde e noite. Os resultados se mostraram significativos e o retorno da atividade, nos leva a crer na importância dessa proposição didática.

REFERÊNCIAS

BNCC/MEC. **Base Nacional Comum Curricular, 2017**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/bncc-ensino-medio>

BRASIL. Lei 11.684/08 Obrigatoriedade do ensino de Sociologia e Filosofia. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11684.htm acesso em 28/07/2021 às 14:43 h

BRIDI, Maria Aparecida; ARAÚJO, Silvia Maria; MOTIM, Benilde Leonzi. **Ensinar e aprender Sociologia**. São Paulo: Contexto, 2014.

COLOMBO, Silmara Regina. **Professor-Pesquisador: estreitamento dos limites entre teoria e prática**. Letras Escreve, Macapá, v.5, n.1, 1º semestre, 2015.

DAYRELL, Juarez . **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

IBGE. 2021. **Cidades**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/caririacu/panorama> acesso dia 26/07/2021 às 20:10h

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e incerteza**. 9ª ed.-São PAULO: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Fabiano Custódio de. **Ensino da Geografia Agrária no curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande através da aula de campo no Cariri Paraibano**. IN. Educação Contemporânea-Volume 25 – Ensino; pesquisa e Extensão/ (org.) GONÇALVES, Maria Célia da Silva; JESUS, Bruna Guzman de. Belo Horizonte-MG: Editora Poisson, 2021.

SILVA, ILEIZI Luciana Fiorelli...[et al.] (org). **Caderno de metodologias de ensino e de pesquisa**. Londrina : UEL; SET-PR, 2009.

CAPÍTULO 5

**A IMPORTÂNCIA DA
INICIAÇÃO DA PESQUISA
NO ENSINO DE SOCIOLOGIA:
RELATO DA EXPERIÊNCIA
REALIZADA NA ESCOLA
DE ENSINO MÉDIO
TEODORICO TELES DE
QUENTAL EM CRATO - CEARÁ**

Francisco Stefeson da Silva

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem o propósito de trazer a discussão sobre a importância da pesquisa científica na educação básica com estudantes do ensino médio, evidenciando um relato de experiência sobre a realização do projeto de pesquisa apresentado na Feira Regional de Ciência e Cultura da Crede 18 (18ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação), na área de Ciências Humanas, desenvolvido na Escola de Ensino Médio Teodorico Teles de Quental no município de Crato - Ceará, no ano de 2014.

A proposta de pesquisa surgiu nos debates em aulas de Sociologia na referida escola com turmas de 1ª ano do ensino médio. Depois, ampliamos os debates e convidamos também turmas do 2ª ano, para que um grupo maior de estudantes fosse contemplado com a pesquisa.

O interesse de lançar um projeto para a *Feira Regional de Ciência e Cultura, Edição 2014: do senso comum à ciência: desenvolvimento regional sustentável e solidário*, já estava pautado nas reuniões pedagógicas e fazia parte do interesse da coordenação escolar que algo fosse desenvolvido por cada disciplina.

Conquistar o envolvimento dos alunos e descobrir uma maneira de despertar o interesse para participar do projeto são fatores importantes para consolidar qualquer proposta de pesquisa na educação básica. Assim, fomos lapidando um trabalho com base nos temas trabalhados em aula na disciplina de Sociologia e atentos a temática da feira que envolvesse a discussão sobre cultura e o desenvolvimento local.

Depois de várias sugestões, fomos estruturando o projeto interdisciplinar que se chamaria: *Apresentando o Crato aos cratenses: cultura, política e desenvolvimento*. Com essa temática foi possível construir uma pesquisa que despertasse o interesse dos alunos em conhecer mais sobre sua cidade e ainda que permitisse aplicar os saberes adquiridos das Ciências Humanas com as disciplinas de Sociologia, Filosofia, Geografia e História.

Nosso objeto de pesquisa foi dois distritos da cidade do Crato: o distrito de Baixo das Palmeiras, que vivenciava um grande impacto causado por uma obra de nível estadual, e o distrito de Ponta da Serra, que buscava conquistar a emancipação política. Duas localidades distintas, mas que apresentavam grande potencial de análise e estudos culturais e sobre desenvolvimento local, pois as transformações e preocupações que as comunidades apresentavam naquele momento, juntamente com o contexto social vivenciados, despertavam a problemática necessária para o desenvolvimento da pesquisa.

Buscamos unir o significado natural, cultural, artístico e simbólico com a dimensão social, econômica e política dos dois distritos, tentando responder às perguntas: *O que os torna tão singular com relação aos outros distritos do Crato? Quais os impactos que o desenvolvimento causa a esses dois distritos? Quais as suas riquezas naturais e culturais?*

Tentando responder a essas perguntas, convidamos professores da área de Ciências Humanas e as turmas de alunos para compor a equipe de pesquisadores que conheceriam as comunidades através de aulas de campo, roda de conversas e palestras com os moradores das comunidades.

A pesquisa foi marcada pelo acompanhamento na comunidade, indo até os distritos. Os alunos vislumbraram o cotidiano dos moradores e seus espaços culturais, de trabalho e convívio social. A pesquisa caracteriza-se de maneira qualitativa, com a observação participante sendo a principal ferramenta norteadora do desenvolvimento do trabalho.

Esse método de estudo exige tempo e dedicação prolongada para consolidar uma pesquisa com a qualidade e rigor científico exigidos na academia, mas o seu uso na educação básica apresenta uma maior limitação, o que não desmereceu as etapas da pesquisa e sua importância.

Na observação participante que desenvolvemos, buscamos contato direto com representantes e nativos dos distritos estudados, fizemos um contato virtual, com convite para palestras na escola e pedido para conhecer os locais, com vi-

sitas guiadas por nossos convidados. A observação participante permitiu estar entre os nativos dos distritos. Alguns alunos já conheciam ou tinham contato com alguém dos lugares estudados, o que facilitou nossa entrada como visitantes bem - acolhidos.

Em resenha do livro *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*, de William Foote Whyte, escrita pela professora de Sociologia da Universidade de Lille 1, Licia Valladares, ela afirma no sétimo mandamento,

7) A observação participante implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos. É preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar, assim como que perguntas fazer na hora certa (p. 303). As entrevistas formais são muitas vezes desnecessárias (p. 304), devendo a coleta de informações não se restringir a isso. Com o tempo os dados podem vir ao pesquisador sem que ele faça qualquer esforço para obtê-los. (VALLADARES, 2007, p. 154)

Inspirados nessa perspectiva, a utilização da observação participante nos permitiu compreender os aspectos, anseios e preocupações das comunidades estudadas, partindo de uma orientação com os professores e sensibilidade para ver e ouvir o que os moradores e os espaços dos distritos tinham a nos dizer.

A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO CONTEXTO ESCOLAR

A ciência além de uma forma de conhecimento imprescindível na construção de saberes especializados, deve ser compreendida sempre como dimensão inseparável da educação. Dessa maneira, aplicá-la, estudá-la e utilizá-la como procedimento de análise em busca do conhecimento em todas as esferas da educação torna-se fator decisivo para a construção de novos pesquisadores comprometidos com o valor e riqueza metodológica, proporcionados pelo estudo científico.

A escola permite o ingresso da pesquisa e a contribuição do professor pesquisador no processo de ensino aprendizagem consolida um debate rico, neces-

sário e emergente sobre o papel do professor em sala de aula e a construção das práxis pedagógicas emergindo com a figura do professor pesquisador.

Debate extenso que tem por base reflexões sobre o papel do professor, o pesquisador profissional, o professor pesquisador na academia e o professor pesquisador na educação básica. Não entraremos no mérito do debate, mas torna-se necessário refletir sobre as condições, apoio, orientação e ingresso do professor da educação básica construindo pesquisas com estudantes do ensino médio. Os laços que conectam os pesquisadores com os professores pesquisadores ganham destaque na análise de Colombo (2015). Ela nos apresenta um debate rico sobre o papel da pesquisa e os agentes envolvidos, como na citação a seguir,

O lugar de onde o professor-pesquisador fala não é o mesmo do pesquisador acadêmico, e é por esta razão que aliados estes estudos impulsionam os avanços na área da Educação. Considera-se, então, a atuação do professor pesquisador como conciliadora da pesquisa educacional com o contexto escolar, permitindo que a distância entre ambas diminua, seja porque o professor tornou-se pesquisador ou porque o pesquisador passou a participar do cotidiano escolar. (COLOMBO, 2015, p.191)

Ambos, pesquisador e professor pesquisador, são necessários, pois, o campo de estudo e consolidação da pesquisa é fértil e dinâmico. A sala de aula é de longe o espaço em que a ciência é construída e ganha visibilidade. A união da prática educacional com o rigor científico e metodológico da pesquisa contribuem para nossa análise sobre a importância da pesquisa na educação básica, destacando aqui o ensino de Sociologia.

A pesquisa na educação básica com a disciplina de Sociologia encontra um campo de estudo amplo e diversificado com várias possibilidades de análises e torna-se necessário por permitir aos estudantes da educação básica uma compreensão do processo de fazer ciências, dando-lhes voz em uma área voltada principalmente para estudantes de graduação e professores universitários.

A educação básica é o momento de formação de crianças e jovens em que o saber científico ganha destaque e se apresenta como mais uma maneira

de compreensão do mundo, além da formação cultural individual e coletiva dos estudantes e suas filosofias de vida, costumes e orientações religiosas.

A Sociologia destaca-se nesse ambiente por ser mais uma expressão do saber científico e proporcionar aos estudantes uma outra compreensão sobre aquilo que para os estudantes já é familiar e cotidiano.

Para desenvolver o saber científico é preciso adquirir um modo de agir sistematizado e específico da ciência. A sociologia é um modo científico de conhecimento. Ela trabalha com causalidades, variáveis, hipóteses, observações controladas e coletas de informações que podem ser verificadas. Durante o curso, os estudantes precisam compreender o mais claramente possível que a sociologia é uma ciência, mesmo que o professor não pretenda que eles produzam esse tipo de conhecimento com o rigor que o caracteriza (BARBOSA, 2012, p.22)

Proporcionar uma visão crítica está na base sistemática da construção do saber sociológico. Ensinar a pesquisar em Sociologia é construir um olhar analítico, crítico e metodológico desde educação básica, permitindo aos estudantes construir a si como pesquisadores de sua própria história. A legitimidade da ciência é ampliada por aqueles que a respeitam e a reconhecem como uma ferramenta indispensável na construção do saber. Utilizá-la no cotidiano escolar é permitir um renascimento diário como educador e pesquisador, pois ela nos proporciona visualizar novas perspectivas e compreensão sobre o que nos é comum e nos retira do nosso lugar de conforto.

O conhecimento é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma-se a si próprio à medida que trabalha para o aperfeiçoamento do seu ofício; para realizar suas próprias potencialidades, e quaisquer oportunidades que surjam em seu caminho, ele constrói um caráter que tem como núcleo as qualidades do bom trabalhador. (MILLS, 2009, p. 22)

Wright Mills, em sua obra *Sobre o artesanato intelectual*, possibilita-nos a compreensão de uma realidade de extrema importância e relacionar o cotidiano do nosso trabalho com a nossa experiência de vida, pois ele nos permite abranger o artesanato intelectual como elemento fundamental para a aplicação do conhecimento no cotidiano, atrelado ao nosso trabalho intelectual. Uma lição que

nos ajuda a compreender o cotidiano em sala de aula como o campo de estudo de todo sociólogo que busque ou esteja na educação cumprindo o ofício de professor.

Permitir que os estudantes relacionem e analisem o seu cotidiano sob a ótica do critério científico é construir as novas bases do “ofício de sociólogo”, pois o campo de estudo e a vivência dos discentes tornam-se o cenário rico e diversificado para formular novos olhares e novas teorias que as ciências sociais permitirá analisar e compreender essa dimensão empírica.

A ferramenta fundamental é perceber o quanto a pesquisa na educação básica é importante na construção de saberes sobre os sujeitos envolvidos, seu cotidiano, espaços de luta e vivência, culturas, hábitos e costumes, estética, diversão e compreensão de mundo. São elementos da vivência cotidiana de cada estudante, suas experiências, exemplos da forma como o artesanato intelectual contribuem para a compreensão e enriquecimento da pesquisa no ensino de sociologia na educação básica, porque “ (...) o artesanato é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual em que possa trabalhar” (MILLS. 2009, p. 22).

Dentre tantas contribuições, Wright Mill lança uma importante fonte de análise pesquisa, pois perceber o quanto nossa experiência e convívio cotidiano permitem construir um saber científico rigoroso é importante, sobretudo, para os jovens da educação básica que visualizam como as suas vidas são afetadas pela ciência e aprendem a analisá-las com o rigor metodológico científico.

RELATOS DAS ETAPAS DA PESQUISA REALIZADA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA NA ESCOLA TEODORICO TELES DE QUENTAL

A gestação da pesquisa teve início durante as aulas de Sociologia. Na ocasião, discutimos cultura e suas manifestações materiais e imateriais com as turmas de primeiro ano do ensino médio. Artes, dança, música e identidade eram

temas nas discussões, na qual trabalhamos questões como onde podemos encontrá-las e quais povos poderiam ser referência nesse aspecto. Nas turmas de segundo ano do ensino médio, trabalhamos conceitos e teorias voltadas para movimentos sociais, transformações urbanas, direitos e lutas sociais, periferias, violência e desigualdades sociais.

Estávamos seguindo um programa de disciplina pautado na proposta do livro didático *Sociologia em Movimento*, da editora Moderna. Os trabalhos em sala foram norteados pelos assuntos abordados no livro, que nos auxilia e torna-se o ponto de partida para as discussões em sala de aula por ser uma leitura acessível, afinal os alunos têm a posse do livro durante o ano letivo.

Foram abordadas discussões dos capítulos 03, “Cultura e ideologia”, na unidade 2 - Cultura e Sociedade: cultura, poder e diversidade nas relações cotidianas, para o primeiro ano; e do capítulo 08, “Movimentos sociais”, na unidade 3 - Relações de Poder e Movimento Sociais: a luta pelos direitos na sociedade contemporânea, para o segundo ano.

Resolvemos incrementar e direcionar o debate para a nossa realidade, a fim de construir uma proposta de projeto de pesquisa com um objeto a ser estudado próximo da realidade dos estudantes. Surgiu assim a provocação do professor para que os alunos pensassem em suas realidades, suas comunidades, bairros e sítios e como a cultura e o desenvolvimento estão presentes e relacionam-se nesses espaços.

Diante do exposto, o professor de Sociologia sugeriu realizar aulas de campo, recurso didático metodológico muito rico para o aprendizado, que permite evidenciar a experiência empírica e conhecer ambientes além dos muros da escola. A escolha dessa metodologia reflete uma dimensão das condições de trabalhos percebido pelos agentes envolvidos, pois

As escolhas metodológicas do ensino em geral e do ensino de Sociologia em particular dependem do modo como a escola está organizada, como o trabalho docente se estrutura, como os docentes são contratados, como esses docentes compreendem a função da escola, como pensam

a infância e juventude no contexto atual e como estruturam suas aulas.
(SILVA, 2009, p. 16)

A aula de campo possibilita a aplicação e uso de outras ferramentas metodológicas, a saber, entrevistas, observação participante e vivências dos pesquisadores nos espaços da pesquisa, também proporcionando ao estudante relacionar a teoria com a prática.

No processo de escolha dos objetos e espaços a serem estudados, os alunos contribuíram com proposta de locais a serem visitados que estivessem relacionados com o tema da Feira Regional de Ciência e Cultura.

Propomos assumir a condição de professor democrático, que busca instigar nos estudantes a sua participação e reconhecer sua preocupação como educando, afinal entendemos “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 2011, p. 28).

A preocupação e consulta dos estudantes sobre lugares que poderiam ser o nosso cenário de pesquisa possibilitaram um melhor engajamento dos mesmos ao trabalho proposto. Atribuir a eles responsabilidades é reconhecer e fortalecer suas capacidades de decisão e compromisso.

Foram muitas as sugestões de lugares. Coube ao professor direcionar para duas comunidades na cidade do Crato, dois distritos da cidade que vivenciavam grandes discussões e passavam por transformações de ordem política, econômica e cultural, que estavam diretamente relacionadas com os temas debatidos em sala de aula.

Os distritos de Ponta da Serra e Baixio das Palmeiras foram escolhidos diante do potencial de debates que poderiam surgir relacionados às discussões propostas nas aulas de Sociologia e sua relação direta com alguns alunos que desejavam conhecer outras comunidades da cidade.

Essas comunidades vivem em lutas. De um lado, no distrito de Baixio das Palmeiras, os moradores estavam fazendo um resgate de sua história e cultura

e lutavam contra uma obra do governo, o Cinturão das Águas do Ceará – CAC, apresentada como “obra Hídrica com previsão de término em quarenta anos. (...) que consiste em dar continuidade na transposição do Rio São Francisco em seu eixo norte”. (Brito, p. 89, 2016), de abrangência significativa. O autor afirma que

O cinturão das Águas do Ceará é um projeto ousado que deseja perfazer 133,56 Km no sentido Leste-Oeste e Sul-Norte. Será constituído de canais, túneis e sifões, tendo como origem a cidade de Jati, sul do estado, fronteira com Pernambuco. É uma extensão da Transposição do Rio São Francisco. (BRITO, p. 97, 2016).

Em seu projeto inicial, o CAC direcionava a obra de transposição das águas por dentro do distrito, sendo necessário a derrubada e desapropriação de várias moradias e lavouras, o que forçava a maior parte da população a sair de suas casas e perder parte de sua história.

Os moradores da comunidade estavam em constantes reuniões na sede do sindicato dos agricultores do distrito de Baixio das Palmeiras, mantendo diálogo frequentes com os representantes jurídicos do município, estado e engenheiros da obra, na tentativa de preservar suas casas e comunidade e convencê-los a mudar o local de escavações para a transposição das águas.

Como recurso para justificar a mudança de local em que a obra poderia ser construída, os moradores elaboraram um dossiê junto com o professor e morador do distrito Francisco Wlirian Nobre (Liro Nobre), representante da comunidade e principal articulador do movimento que propunha novas alternativas e percursos diferentes para a construção da obra, sem a necessidade de desabitatar parte do distrito.

A elaboração do dossiê foi uma rica estratégia de resistência. Ele reunia achados arqueológicos na comunidade, continha um resgate histórico dos sítios, com suas famílias e as linhagens de moradores fundadores do distrito e importantes para a história local, além de uma apresentação de suas riquezas naturais, culturais e artísticas arqueológicas, com um banco de sementes produzido e plantado em todo o distrito.

Além da articulação em reuniões constantes e a criação do dossiê, também houve várias passeatas e manifestações pacíficas até a sede do município, protestos dos moradores no local da obra e viagens às agências reguladoras do estado para que a comunidade não fosse destruída.

Essa articulação foi de grande riqueza para os estudantes que viram o quanto a comunidade estava organizada enquanto um movimento comum de valorização local de sua própria história.

Outro distrito era a Ponta da Serra. Em sentidos opostos, ideológico e, por localização geográfica na cidade do Crato, com propósitos diferentes, o distrito estava com um Projeto de Emancipação política aguardando o resultado do processo de apreciação para determinar se seria aceito ou não a independência da Ponta da Serra.

O projeto de emancipação política teve início no ano de 1991-1992, com um pequeno grupo de moradores, membros do Núcleo do Partido dos Trabalhadores da Ponta da Serra, segundo afirmação do Professor Antônio Correia Lima (Seu Toinho), historiador, morador da comunidade, responsável pela Rádio Difusora da Ponta da Serra e pelo periódico impresso Jornal da Ponta da Serra, e co-idealizador do projeto de emancipação.

Tal proposta de emancipação dividia a opinião dos moradores locais sobre essa possível independência, enquanto os idealizadores da proposta estavam enfáticos em transformar o então distrito em uma nova cidade, desvinculando-a completamente do município do Crato.

O lançamento da proposta era apoiado por um grupo pequeno de moradores entre eles alguns comerciantes com pretensões políticas. O distrito já contava com dois vereadores que encabeçaram a proposta, mas, na câmara dos vereadores do município, não era uma proposta bem vista, o que apresentava maior dificuldade de ser aprovada em outras instâncias.

Notadamente, o debate sobre cultura e desenvolvimento local e regional estavam presentes e tornam assuntos de grande relevância para os cidadãos

cratenses e moradores locais, permitindo que fossem ouvidos e vistos e que os estudantes da escola pudessem vivenciar uma experiência metodológica de pesquisa, com anotações em caderno de campo, conversas com moradores, fotografias dos principais locais e espaços históricos e culturais e relatos de moradores que apresentavam suas histórias de vida e da comunidade, preocupações sobre e sonhos sobre o seu lugar de origem.

Os alunos iniciaram pesquisas na internet para colher informações e dados a respeito das localidades. Depois, fomos identificar agentes sociais e moradores nativos que conhecessem a comunidade e poderiam nos dar suporte e apresentar cada distrito.

Em seguida, os estudantes e os professores levantaram os dados sobre os aspectos culturais mais característicos das localidades e de que maneira as propostas de desenvolvimento afetariam essas comunidades.

A pesquisa, realizada com séries mistas (alunos do 1º e 2º ano da escola) favoreceu uma participação considerável e permitiu que estudantes mais tímidos pudessem se tranquilizar, enquanto estudantes mais experientes faziam perguntas durante o percurso da aula em campo.

Dessa maneira, conseguimos utilizar algumas metodologias que permitissem a participação de todos os membros do grupo. Alguns registravam anotações que faziam parte do caderno de campo, registro das experiências e descrição dos lugares e da sociabilidade apresentada no local.

Os Registros no Caderno de Campo em forma de redação elaborada pelo aluno ou descrição detalhada dos elementos que mais lhes chamou atenção foram indispensáveis, pois demonstraram o envolvimento dos estudantes com a proposta sugerida. Naturalmente alguns alunos não o fizeram ou não se sentiram à vontade para disponibilizar o seu relato, seja por vergonha de sua escrita ou mesmo o medo de ser convidado a fazer uma apresentação oral.

Esse é um aspecto interessante da pesquisa com jovens na educação básica: o medo e a timidez ou a preocupação em ser avaliado negativamente im-

pedem que eles possam ser mais espontâneos, mesmo o professor deixando evidente que nenhum aluno seria avaliado por sua escrita ou apresentação oral, pois a avaliação seria na participação, intervenção, sugestões e envolvimento com a pesquisa virtual, documental e as visitas a campo, atrelados a participação das aulas.

Outros estudantes conversaram com moradores sobre a história da comunidade e sobre sua vida naquele local, sua origem, o que mais gostavam e como era seu cotidiano. Alguns moradores sentiam-se bem à vontade para falar, outros ficavam mais reservados.

Vale ressaltar que não utilizamos recursos como questionários ou gravadores, porque nossa intenção era ouvir os moradores de maneira espontânea e o emprego dos questionários e aparelhos tecnológicos poderiam inibir a participação dos nativos na coleta de dados e no processo de apreciação da história oral.

A culminância e a apresentação dos resultados da pesquisa foram realizados em dois momentos, na forma de painel e apresentação oral na Feira Regional de Ciência e Cultura da Cred 18 e na Mostra de Ciências Humanas da escola Teodorico Teles de Quental. Em ambas, contamos com os alunos que voluntariamente se candidataram para realizar as exposições dos resultados e também com a visita de alguns moradores das comunidades que foram contemplar o trabalho e as apresentações.

INDO A CAMPO: CONHECENDO E VIVENCIANDO OS ESPAÇOS NAS COMUNIDADES

A PONTA DA SERRA

Os alunos visitaram os pontos históricos considerados principais nos dois distritos. Na Ponta da Serra, visitamos o Centro histórico, A igreja de São José padroeiro do distrito, empreendimentos como a Casa do Fumo (Comércio e fábrica familiar de cigarros “brabos”, cigarros fortes de fumo produzidos, plantados e cultivados em sítios da região).

Visitamos também o Projeto Verde Vida (Instituição não governamental que atua na zona rural da Ponta da Serra no sítio Catingueira, com o objetivo de proporcionar arte, música, teatro e educação a crianças do meio rural, possibilitando que os jovens estudem e tenham um espaço de lazer e aprendizagem além da escola disponível para todos os jovens e crianças que estejam na escola, assíduos e que morem em áreas rurais próximas do projeto).

Outro local para nosso estudo foi a Rádio Difusora da Ponta da Serra. Idealizada, operada e mantida por Antônio Correia Lima “Toinho”, a rádio tem uma caixa amplificadora e mais doze caixas de som espalhadas na sede do distrito e presta um serviço de comunicação radiofônico aos moldes tradicionais, não funciona na hora do almoço, nem a noite em respeito dos moradores do pacato distrito, a sede é na sala de sua casa onde divide espaço com a publicação e a divulgação do Jornal de Ponta da Serra também de sua autoria).

A igrejinha, localizada às margens do açude de Seu Manezim Xenofonte, no sítio Catingueira, foi outro ponto do nosso itinerário. Ela tem o perfil de capela, mas o seu difícil acesso impossibilitou a manutenção e visitas constantes. Conta-se que no açude existe uma cobra gigante que por lá habita. São histórias e lendas do imaginário popular que povoam a memória dos moradores do distrito.

Também conhecemos histórias de pessoas desconhecidas ou que não foram identificadas, mas que evidenciavam ser resquícios da escravidão na comunidade, pois apresentava locais e histórias que fazem referências a “apelidos” pejorativos comumente utilizados em negros e negras escravizados durante o período colonial, como a Cova da Negra (Pequeno túmulo erguido as margens da estrada que dá acesso ao açude da catingueira. Segundo relatos de moradores, conta-se que uma mulher negra foi morta por ataque de onça). De acordo com as informações de Antônio Correia Lima, em seu blog da Ponta da Serra,

Cova da Nega: em finais do século 19 foi sede da propriedade de mesmo nome, pertencente ao sr. Pedro Soares Celestino, senhor de escravos, ancestral da família celestino da nossa região. Dizem os mais velhos que

aqui uma onça comeu uma negra escrava que ia fugindo dos seus donos; entendemos que a cova da nega representa o limite entre as terras do sítio altos e sítio catingueira. (Antônio Correia Lima - Blog da ponta da serra, 2011)

Não se sabe a data exata ou quem era essa escrava, mas o município do Crato recebeu uma quantidade de escravos e algumas famílias ricas e tradicionais do município e distritos adquiriram alguns escravos, o que necessita de pesquisa mais aprofundada a esse respeito.

Outro relato colhido foi sobre o “Negro d’água” que assustava pessoas que iriam tomar banho no açude da Catingueira. O próprio nome ou referência do açude ser chamado de “Catingueira” ou “açude de seu Manezim Xenofonte” não foi revelado ou explicado pelos moradores, talvez esteja relacionado a caatinga, bioma característico do nordeste brasileiro.

Essas histórias ecoam na oralidade popular e devem ser investigadas de maneira mais profunda, por revelar aspectos importantes para a historiografia local. A Ponta da Serra revelou muitos elementos importantes que poderiam ser trabalhados em outros momentos. Naquela oportunidade não caberia ampliar a proposta de pesquisa para a Feira Regional, devido ao curto tempo dedicado à pesquisa.

O tema sobre escravidão e histórias da oralidade popular devem ser apresentadas e enfatizadas em outros trabalhos, pois o campo sempre nos revela curiosidades importantes. Para essa temática ser melhor discutida, seria necessário outro projeto que abrangesse pesquisas em cartórios, no arquivo municipal e registros de óbitos na igreja e cúria diocesana sobre os fundadores e primeiros moradores do distrito e sua relação com a escravidão.⁹ Infelizmente não nos detemos naquele momento a essa temática, mas de certo ela será evidenciada em pesquisas futuras.

9 Alguns desses dados já foram coletados pelo historiador Antônio Correia Lima e disponibilizados no endereço: <http://clafamiliardepontadaserra.blogspot.com/>

O BAIXO DAS PALMEIRAS

No distrito de Baixio das Palmeiras, conhecemos lugares ricos em história da comunidade. Primeiro fomos até a Capela de São Sebastião, padroeiro da comunidade, em que se encontra um oratório de madeira bastante antigo e que, segundo moradores, já é centenário. A capela é pequena e rústica, apresentando traços de uma estrutura artesanal erguida com madeiras e barro, estrutura conhecida como casa de taipa.

Depois, fomos até a casa de farinha na comunidade de propriedade do senhor José Gomes. O local está em ótimas condições de uso e frequentemente é realizado as farinhadas, ocasião em que os moradores mais antigos mantêm a tradição de produção caseira e artesanal de farinha, tapiocas e beijus de mandioca. A estrutura da casa de farinha é bem conservada e os moradores junto com a associação mantêm o espaço conservado e cuidado.

O outro ponto visitado foi a Pedra do Índio, que fica na divisa entre os sítios baixio das Palmeiras e baixio do Muquém. É uma rocha de aproximadamente um metro de altura com inscrições e riscos profundos. Os “rabiscos” talhados na pedra não seguem um padrão e os moradores das comunidades próximas atribuem a autoria aos povos originários da região, os Kariris.

Achados arqueológicos na comunidade de baixio das palmeiras, também reforçam a presença de povos indígenas na região. Foram encontrados duas machadinhas de origem indígena, vários fósseis de peixes e plantas da região, achados característicos de períodos jurássicos. Dois dentes de aproximadamente 10 cm de comprimento, também fazem parte dos artefatos encontrados nas comunidades de Baixio das palmeiras e Muquém, o que caracteriza uma grande riqueza arqueológica.

Por último, fomos visitar o Olho d’água, um poço natural com vazão de água constante e o banco de sementes produzidas e armazenado pelos moradores/agricultores da comunidade. Fizemos visitas também a alguns moradores

antigos do sítio que nos contaram histórias sobre a sua comunidade, visitas de grupos de cangaceiros e tempos de fartura e dificuldades durante as secas.

Os moradores eram bem articulados e, com o acompanhamento do professor de geografia Francisco Wlirian Nobre (Liro Nobre, como é conhecido na região) estavam reunindo os achados e fazendo o resgate histórico sobre a comunidade para estruturar o dossiê que seria encaminhado aos órgãos responsáveis, justificando a necessidade de preservação dos sítios e não sua devastação em função de uma obra que poderia ser redirecionada. Em seu livro sobre a comunidade de Baixio das Palmeiras, o professor Liro Nobre afirma, “o trabalhador rural encontra problemas na disputa territorial do espaço e na mecanização capitalista que tenta ocupar a paisagem sertaneja” (NOBRE, 2015, p. 102).

A preocupação dos moradores com o avanço da obra, a articulação em manter viva a história local e a necessidade de lutar contra o sistema devastador que não respeita as particularidades de um povo batalhador e suas riquezas naturais e culturais, acenderam, nos estudantes, uma chama de engajamento com a problemática levantada sobre os distritos e a vontade de se aliar na preservação e visibilidade dos distritos visitados.

No decorrer da pesquisa, verificamos a importância na manutenção e do cuidado efetivo das florestas e rios, fauna e populações nativas e interioranas de sítios e distritos das várias cidades do interior do Nordeste. Isso é de grande importância para o estudo e análise sociológica, pois permite conhecer suas particularidades e formas de relacionamento estabelecidas de maneira geracional, seus processos de sociabilidade, educação, trabalho e manifestações religiosas.

Compreender os elementos que marcam a vida de quem mora em zonas rurais de cidades interioranas e identificar suas riquezas, dificuldades e como se relacionam com a vida no campo são elementos ricos para a pesquisas e estudo das ciências sociais e humanas, por apresentar um campo de investigação amplo que consegue preservar elementos místico-religiosos, patrimônios materiais e imateriais, que usam uma linguagem rica e peculiar para narrar lendas e histó-

rias de um tempo passado, que se envolve com o presente e um futuro incerto, e as repassam às novas gerações, tornando-se práticas sociais simbólicas.

Além de suas relações de produção e trabalho no campo como a agricultura, observamos o conhecimento de plantas medicinais, sementes variadas e artesanatos e a criação de animais em pequenas propriedades. Algumas comunidades parecem ter parado no tempo, outras apresentam um processo de desenvolvimento urbano e tecnológico muito avançado, em que alguns sítios mais parecem setores industriais especializados em produtos agrícolas, descaracterizando aquela visão “romântica” e saudosa da “casa da vovó”.

O avanço urbano em áreas rurais com o aumento de construções de casas padronizadas, condomínio e loteamentos privados acarreta outros fatores como comércios e indústrias e obras governamentais, e cada vez mais avançam em direção a sítios e comunidades mais afastadas da sede ou do centro da cidade. Como consequência, ocorre a descaracterização da comunidade, que era rural e mais isolada. Ela passa a apresentar outros fatores mais típicos de grandes centros urbanos como poluição, esgotos a céu aberto e trânsito intenso de veículos para se referir a alguns elementos.

O desenvolvimento urbano, longe de ser pensado como um vilão para as comunidades e os elementos culturais, deve antes de tudo ser visto como construtor de novos significados sociais, culturais e econômicos. Analisá-lo dessa forma é perceber o quanto é rica a realidade que nos cerca, e possibilitar uma nova leitura da estrutura social criada por nós.

No entanto, o avanço e a forma como esse desenvolvimento causa impactos e transformações que nem sempre estão em sintonia de preservação da comunidade, preocupa-nos, pois respondem apenas a interesses do grande capital. A proposta de desenvolvimento acarreta inúmeros desafios e como consequência a transformação, o isolamento ou exclusão de alguns lugares são suas principais marcas.

CONSIDERAÇÕES

A execução de um projeto de pesquisa na educação básica exige muito de um único professor. O auxílio e apoio de outros colegas facilitam e permitem uma atuação melhor coordenada, pois a quantidade de alunos envolvidos e a necessidade de acompanhamento e supervisão são de extrema importância.

O tempo disponível para a pesquisa não era tão grande e alguns alunos não se comprometeram em participar de todas as etapas de desenvolvimento do trabalho. Unindo forças, os professores de história e geografia aceitaram a tarefa de auxiliar no processo de pesquisa, distribuindo tarefas e construindo saber com os estudantes envolvidos no projeto.

Os estudantes vivenciaram realidade ímpares em suas vidas, ouviram e constatarem como os grupos sociais, sejam de grandes centros urbanos ou de pequenas comunidades agrícolas do interior do Ceará, lutam por seus ideais para manter sua história, memória e lares preservados, recorrendo a cultura e outras formas mais que legítimas, demonstrando como vivem e sofrem para manter suas comunidades e sítios sempre preservados.

Desenvolver uma proposta de projeto com estudantes do ensino médio, dedicados e ávidos pelo conhecimento, é gratificante. Perceber, nas redações, como eles analisaram cada lugar que conheceram durante a aula de campo, descreveram cada história que ouviram e defenderam cada morador que conheceram, incomparavelmente, majestoso.

Percebemos que nossa cidade tem muito a ser revelado e estudado e esperamos que as novas gerações de alunos e professores tenham a preocupação de estudar e analisar sua própria história e cidade.

O aprendizado foi mútuo e de grande importância para todos os envolvidos no projeto. As discussões e visitas aos locais ficaram marcados na memória dos estudantes e professores. Aprender, ouvir e vivenciar o cotidiano de um nativo

que em raros momentos recebe um grupo de estudantes em sua comunidade para conhecê-los e saber de seus desafios e preocupações como morador é uma semente de esperança para o nascimento de uma nova geração de estudantes comprometidos com a cultura e história local.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. **Conhecimento e imaginação: sociologia para o ensino médio**. Maria Ligia de Oliveira Barbosa, Tânia Quintaneiro, Patrícia Riveiro. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2012. (Coleção Práticas Docentes, 4).

BRITO, Anderson Camargo Rodrigues. **Águas para que(m): grandes obras hídras e conflitos territoriais no ceará**. 1.ed. Curitiba, PR: CRV, 2016. 330p.

COLOMBO, Silmara Regina. **Professor pesquisador: Estreitamento dos limites entre teoria e prática**. Letras Escreve, Disponível em: <http://periodicos.unifap.br/index.php/letras> ISSN 2238 -8060. Macapá, v. 5, n. 1, 1º semestre, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

FREITAG, B. **O indivíduo em formação: diálogos interdisciplinares sobre educação**. 3. Ed. – São Paulo, Cortez, 2001.

Jornal Diário do Nordeste: RADIO DIFUSORA NA PONTA DA SERRA. Segunda-feira, 25 de agosto de 2008.

MILLS, Charles. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Seleção e introdução Celso Castro; tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2009.

NOBRE, Francisco Wilirian. **Baixio das palmeiras: apontamentos geográficos, culturais e históricos**. Juazeiro do Norte: BSG, 2015. P. 164.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. **Metodologias do Ensino de Sociologia na Educação Básica: Aproximações com os Fundamentos Pedagógicos**. Caderno de metodologias de ensino e de pesquisa / organizador Ileizi Luciana Fiorelli Silva...[et al.]. – Londrina: UEL; SET-PR, 2009. 453 p.: il.

SITES:<http://blogdapontadaserra.blogspot.com/2011/01/passeio-catingueira-com-o-olhar-voltado.html> Acessado em: 18/07/2021.

<http://clafamiliardepontadaserra.blogspot.com/> Acessado em: 18/07/2021.

Sociologia em Movimento. Editora Moderna, 1ª edição, São Paulo 2013 PNLD 2015, 2016, 2017; FNDE Ministério da Educação.

VALLADARES, Licia. **Os dez mandamentos da observação participante.** Resenha da obra de: William Foote WHYTE. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada.** Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005. 390 páginas. Disponível em: REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 22 Nº. 63. Site: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/H6CDbCRcfpPK3YmWcrrpw4K/?lang=pt&format=pdf>

CAPÍTULO 6

**AS PREFERÊNCIAS MUSICAIS
DOS ALUNOS DA ESCOLA
CIDADÃ INTEGRAL E TÉCNICA
MONSENHOR JOSÉ DA SILVA
COUTINHO EM ESPERANÇA -PB
E SUA ARTICULAÇÃO COM A
QUESTÃO RACIAL NO ENSINO DE
SOCIOLOGIA EM SALA DE AULA**

Júlio César Ferreira da Silva

INTRODUÇÃO

Na Lei de Diretrizes e Bases (LDB 11.648, de 2008), a Sociologia, se insere na grade curricular do ensino básico, sendo exclusiva para as turmas do ensino médio como disciplina obrigatória. A referida lei, em seu artigo 36, diz que o educando deve ter ou demonstrar ter “*domínio dos conhecimentos de filosofia e sociologia necessários ao exercício da cidadania*”. Sendo a formação de cidadãos um dos principais papéis atribuídos aos profissionais do ensino de sociologia.

O ensino de Sociologia na grade curricular básica, se caracteriza ou deve se caracterizar pela contribuição na formação de sujeitos críticos que possam compreender a realidade social na qual encontra-se inseridos, capazes de criticar, opinar e sugerir novas formas de organização e interação social. Neste sentido, FERNANDES (1976, p. 46), afirma que:

[...] o estudo das ciências sociais no curso secundário seria uma condição natural para a formação de atitudes capazes de orientar o comportamento humano no sentido de aumentar a eficiência e a harmonia de atividades baseadas em uma compreensão racional das relações entre os meios e os fins, em qualquer setor da vida social.

Portanto, torna-se fundamental no ensino de Sociologia a problematização de questões sociais pertinentes a sociedade brasileira, como a propagação de ideologias tidas como hegemônicas, mas que sustentam ideais racistas, xenofóbicos e uniformizadores que, por sua vez, revelam-se como forte agravante de problemas sociais pouco questionados, como a urbanização descontrolada, o encarceramento da juventude e os massacres ocorridos nos bairros marginais.

Diante dos pressupostos aqui levantados, o presente trabalho tem como objetivo de realizar um levantamento sobre as preferências musicais dos alunos do ensino médio da Escola Cidadã Integral e Técnica Monsenhor José da Silva Coutinho em Esperança -PB, identificando nas músicas sua articulação com a questão racial com o ensino de Sociologia. O referido álbum aqui abordado é composto por letras que revelam temas que dizem respeito a desigualdade social, miséria, violência e racismo relatado pelas populações periféricas.

A escolha da temática se deu pelo fato que tais temas ainda permanecem centrais nos dias atuais, principalmente, o que diz respeito ao racismo, sendo resultante de um conjunto de ideias, das quais, são disseminadas desde o início da formação social brasileira, que por sua vez, em parte significativa, ocorreu em paralelo a escravidão das populações nativas da América e, em especial, da população africana.

Tal processo estruturou-se através de um conjunto de elementos simbólicos e jurídico, em sua maioria, associados ao discurso de naturalização das práticas escravagistas e da inferiorização da população negra. Tal como aponta Scharcz (1993, p.13), ao trata da construção social e do uso político do fenômeno da mestiçagem no território brasileiro, relembra: “A mestiçagem existente no Brasil não era só descrita como adjetivada, constituindo uma pista para explicar o atraso ou uma possível inviabilidade da nação.”

Segundo Mbembe (2014), através a da construção social da negritude realizada a partir do século XV, essencial para a formação econômica europeia sustentada na escravidão dos povos africanos, se infiltra nas instituições científicas e jurídicas, pertencendo a racionalidade dominante. Tal processo gerou como principal meio de perpetuação a invisibilização da negra, pela coloração associada a noite, a escuridão, sendo vítimas de violências e do biopoder.

Sendo assim, compreendemos que compete a educação o papel de conscientizar e combater práticas legitimadas por discursos inconsistentes e agressivos, tal qual o preconceito e a intolerância com a cultura de matriz africana e suas ressignificações na música das periferias brasileiras. Neste sentido, buscamos apresentar os primeiros resultados obtidos e discutir o panorama geral sobre o objeto deste estudo, entendendo que, ainda não há informações suficientes para elaborarmos qualquer conclusão, no entanto, é a partir do panorama geral aqui apresentado que pensaremos o desenvolvimento das próximas etapas da pesquisa.

METODOLOGIA

Segundo Becker (2009), a Sociologia deve compreender não a apenas invisibilidade de determinados grupos no meio social, mas como estes grupos torna-se invisibilizados, uma vez que a insibilização não é justificada a partir do sujeito em si, mas dentro de um conjunto de relações no que o segregador reage a partir das ações do segregado. Pensando esta relação no interior do ambiente escolar, surge a necessidade de compreender como os jovens negros se colocam neste espaço, entendendo as posições da instituição escolar, na manutenção das regras e parte dos jovens, desviando-se as regras na escola e fora dela.

Visto que o ensino de Sociologia no Brasil, em sua maior parte, se mostra pouco eficaz quanto a sua função social de possibilitar a participação política na escola, promovendo o combate às diversas formas de violência, as ações previstas neste anteprojeto referem-se à análise, participação e intervenção no processo de ensino das questões raciais na sociologia escolar.

Sobre a metodologia na pesquisa sociológica, Becker (2009), defender a necessidade empírica de compreender estes grupos, dialogando, convivendo e entendendo suas ações e estratégias no campo das relações sociais. Aqui entendemos a necessidade empírica de criar diálogos entre os jovens a partir da música de periferia, enquanto condutor da discussão no ensino de sociologia e possibilitando diálogos não só entre os discentes, mas com a própria escola.

Nessa perspectiva, nossa pesquisa está inserida na abordagem qualitativa. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), abordagem científica se refere ao conjunto de procedimentos e elementos conceituais e metodológicos que envolvem toda a execução de uma pesquisa científica, sendo de modo genérico classificada por: abordagem quantitativa e abordagem. A abordagem quantitativa se caracteriza pelo uso de informações e recursos quantitativos, dados estatísticos, fórmulas matemáticas, modelos de amostragem, entre outras técnicas. Por outro lado, a abordagem qualitativa se fundamenta no uso de instrumentos e recursos qualitativos, aproximando-se do objeto e entendendo-o a partir do aprofun-

damento sobre o objeto, compreendendo suas particularidades e propriedades através da descrição, observação, entre outras possibilidades.

A abordagem qualitativa na pesquisa científica busca dialogar com os símbolos e significados sociais, aprofundando-se no universo de valores e ideais que permeiam o meio social e, especialmente, o processo de ensino e aprendizagem. Exigindo do pesquisador o engajamento em inserir-se na realidade social do objeto de estudo e através deste envolvimento, esboçar meios de resolução da problemática identificada, pois:

A pesquisa nessa área lida, majoritariamente, com seres humanos que, por razões culturais, de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos. (MINAYO, 2003, p. 14)

No âmbito da pesquisa qualitativa desenvolvemos as ações no contexto da pesquisa participante. De acordo com Schmidt (2006), a pesquisa participante partir desta imbricação entre sujeito e objeto, ou seja, entre pesquisador e pesquisado, relevando a necessidade de o sujeito pesquisador vivenciar experiências com o grupo pesquisado, participando do processo investigativo junto ao objeto de pesquisa.

Segundo Schmidt (2006), o processo de pesquisa consiste em um jogo de negociações onde o pesquisador deve dialogar, ceder e insistir diante dos obstáculos, para a efetivação de suas investigações, tal processo se dá pela interferência do pesquisador no objeto pesquisado. Dessa forma, cabe ao pesquisador, quando necessário, fortalecer esta interação e explicitá-lo em seu processo de pesquisa, entendendo tal relação com uma possibilidade de maior aproximação com o objeto, direcionando e orientando o grupo pesquisado, criando novas alternativas de compreensão do mesmo, assim como, possibilitando o acompanhamento do objeto ao longo dos experimentos propostos pela pesquisa.

Sendo assim, as ações a serem trilhadas consistirão na busca por instrumentos metodológicos que auxiliarão a prática docente no combate ao preconceito racial e a xenofobia, para tanto, partiremos de uma análise do ensino de

Sociologia na Escola Cidadã Integral e Técnica Monsenhor José da Silva Coutinho, promovendo uma participação entre o pesquisador e seu objeto de estudos, trata-se de um diálogo mais íntimo com a realidade sem nenhuma proposta de transformação e, por último, após a coleta do primeiro conjunto de informações obtidas, a elaboração de um projeto de intervenção para utilização dos recursos estudados, sendo o resultado desta intervenção o principal material de analisar e investigação.

Nessa pesquisa, será apresentado os dados relativos a primeira etapa da pesquisa, na qual, fora realizado um levantamento a condição dos jovens negros no Brasil e sua contextualização para o município de Esperança através de dados disponibilizados pelo IBGE; Depen e pelo Censo Escolar.

Nesta primeira etapa, também foi realizado um levantamento prévio com dados sobre as preferências musicais de todas as turmas do ensino médio da referida Escola, possibilitando a elaboração de panorama geral sobre a relação dos discentes com a música.

Por fim, esta primeira etapa norteará a intervenção prática que, por sua vez, consistirá em observações e análises acerca da realidade escolar contemporânea, destacando o papel do pesquisador na realidade escolar, os resultados obtidos destas observações serão analisados em gabinete e transpostos na forma de uma guia de intervenção, consistindo a criação e aprimoramento dos recursos a serem utilizados no ensino de sociologia, em especial, no uso da música contemporânea como instrumento provocador para o debate.

CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO EM SOCIOLOGIA

A Lei 10.639/03, introduz no ensino de Básico a discussão a despeito da influência da cultura negra na formação da identidade brasileira. Assim, por meio do Artigo 26 – “A”, que prevê: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira”. Contudo, ainda nos dias atuais, observa-se poucos avanços nesta

discussão e no reconhecimento da importância da cultura africana na história do Brasil. Esta discussão torna-se ainda mais superficial quando tratamos do sujeito negro na realidade contemporânea, encontrando diversos obstáculos como generalizações e estereótipos.

Neste sentido, torna-se indispensável repensar o racismo e a imagem do sujeito negro na realidade Brasileira, concomitante com a realidade das periferias, majoritariamente, ocupada por negros em situações precárias. Segundo Hall (2006), o conceito de identidade e a própria identidade coletiva ou individual passam por constantes transformações e ressignificações, especialmente, no período atual. Assim, é de fundamental importância compreender as transformações identitárias das populações negras, tendo como objetivo entender o que é ser negro no Brasil hoje, portanto, partindo da música contemporânea, da qual apresenta as principais características deste novo conjunto de transformações sociais.

O grupo de Rappers Racionais Mc's surgem no efervescer do movimento Hip Hop nacional na década de 1990, estabelecendo um contato direto entre a realidade das periferias brasileiras e a produção musical, caracterizada pela concentração de algumas gravadoras que tinham por objetivo “filtrar” o conteúdo da produção brasileira de discos. Em 1997 o grupo lança o álbum *Sobrevivendo no Inferno*, inserindo a realidade da juventude negra das periferias do Brasil nas gravadoras e rádios, considerado um divisor de águas na forma de expressar a realidade vivida por essas populações.

Tendo como material de estudos e apoio o referido álbum, é possível tratar da questão racial a partir do que Fanon (2008), chamou de *máscaras brancas*, considerando a linguagem como principal mecanismo de expressão e comunicação, o referido autor observou a língua, ou simplesmente, como as expressões linguísticas que não correspondem as normas hegemônicas de comunicação são inferiorizadas. Sendo assim, a língua que correspondem a expressão africana de comunicação, não era tida como uma linguagem, socialmente, aceitável, pois era língua dos colonizados. Por isso, segundo o mesmo:

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. (FANON, 2008, p. 34)

Por outro lado, apesar do Rap nacional ser uma reprodução da cultura das periferias dos Estados Unidos do século XX, o movimento Hip Hop apresenta expressiva singularidade, destacando a realidade social dos países subdesenvolvidos e apropriando-se das culturas periféricas que, por sua vez, consiste em uma frente aos processos imperialistas e as culturas de colonização através da língua – até então, só aceita nos espaços marginais.

De acordo com Fernandes (1997, p. 47), a luta negra não acabou com o decreto de abolição, pelo contrário, “[...] a abolição consistiu em um episódio decisivo de uma revolução social feita pelo o branco e para o branco”, cujo o objetivo era criar uma nova massa de trabalhadores para a “economia urbana-comercial”. Neste sentido, considera-se um reducionismo o fato de isolar a discussão apenas para o regime escravagista brasileiro, pois o mesmo foi resinificado, tornando as antigas senzalas em favelas e outras formas precárias de ocupação.

O referido autor destaca a violência como uma das principais permanências do período escravagista, concretizadas pelo encarceramento da juventude negra e opressão militar. Do mesmo modo, a obra musical aqui tratada faz ampla explanação sobre as vivências dos negros na periferia e ausência de alternativas de inserção e ascensão social. De acordo com o IBGE (2015), somente 12,8% dos estudantes em instituições de ensino superior brasileiras, entre os 18 e 24 anos de idade, são negros (pretos e pardos).

Em virtude da vasta contribuição sociológica e pedagógica a despeito do antirracismo, os principais obstáculos são de cunho epistemológico, como bem aponta Oliveira (2014), se concretizam pela dificuldade prática, pois trata-se de questões aceitas socialmente, não problematizadas por parte significativa da juventude. Portanto, se faz necessário o uso de novos recursos, palpáveis, acessíveis, de fácil interpretação e alta aceitabilidade.

A MUSICA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA

Por sua vez, são poucas as contribuições metodológicas para o ensino em Sociologia, dificultando a reflexão sobre questões como a baixa emissão de negros no ensino superior, os homicídios cotidianos da juventude negra e baixa qualidade de vida destes grupos. Sendo, naturalizadas e moralmente aceitos. De acordo com Bourdieu (1989), a sociedade moderna é sustentada por símbolos, códigos sociais que legitimam fenômenos como a desigualdade social e a exclusão social, em sua maioria inquestionados, sob a condição “natural”, aquilo que não sofre influência humana, contudo, são socialmente construídos, consequentemente, socialmente revertidos.

Diante destas discussões sobre o uso de recursos didáticos no ensino de sociologia, cabe destacar o trabalho de Correia; Spessatto (2019) em que as autoras propõem como recurso didático o uso da música. Sua proposta se baseia nos comportamentos e nas preferências artísticas dos adolescentes, grupo que majoritariamente compõe o segmento dos alunos do Ensino Médio, etapa da Educação Básica brasileira na qual é obrigatório o ensino de sociologia.

Segundo Correia; Spessatto (2019), embora nas Orientações Curriculares Nacionais de 2006, no que tange ao ensino de sociologia, a música não tenha sido indicada como um recurso a ser explorado, a música enquanto instrumento no processo de ensino-aprendizagem se constitui como um conjunto quase infindável de possibilidades, uma vez que estas expressam a realidade social e cultural de grupos, lugares e temporalidades.

Como aponta Menegasso (2019), a música negra aplicada ao ensino de sociologia apresenta significativas possibilidades de diálogos com os discentes, acentuando seu potencial de desenvolvimento de uma consciência crítica e os aproximando de discussões científicas sobre a realidade dos jovens, tornando as aulas de sociologia mais fluidas e interessantes.

De acordo com Menegasso (2019), o uso da música negra, e em seu texto é destacado o *rap* como recurso para a prática docente de sociologia, carece

também estar associado a uma reconstrução do ensino da disciplina e a outras pautas fundamentais, como o racismo e os debates vinculados ao tema, por exemplo, violência, poder, preconceito e direitos humanos. Desse modo, deve fomentar o rompimento do senso comum enquanto única fonte de compreensão de questões e fenômenos culturais e sociais tão complexos.

AS PREFERÊNCIAS MUSICAIS DOS ALUNOS DA ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL E TÉCNICA MONSENHOR JOSÉ DA SILVA COUTINHO EM ESPERANÇA -PB

De acordo com dados do Senso Escolar 2020, pretos e pardos correspondem a maior dos discentes em todas as etapas da educação básica, com exceção da Creche e da Educação profissional concomitante. Segundo dados do próprio senso, pretos e pardos correspondem também a 72% dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, revelando a vulnerabilidade social deste grupo.

É necessário considerar que a predominância deste grupo em quase todas as etapas do ensino básico se dá pelo aumento proporcional desta população em escala nacional. De acordo com dados do IBGE, desde 2018, a população de pretos e pardos correspondem a mais de 54% da população brasileira. No entanto, a proporção desta população no quadro populacional nacional não é o suficiente para justificar a desproporcionalidade da população preta e parda no sistema penitenciário brasileiro, segundo o Departamento Nacional de Monitoramento Penitenciário (Depen) em 2018, 65% da população encarcerada no Brasil é negra (classificação que inclui pretos e pardos).

Assim como aponta o diagnóstico de encarceramento no Brasil, documento que analisa os dados sobre a população carcerária entre os anos 2000 e 2015, a população carcerária encontra-se em crescimento, ao passo que a distância entre quantitativos gerais das populações brancas e negras também aumentam, assim, estima-se que a proporção da população carcerária negra tenda a aumentar nos próximos anos.

Tais dados servem para refletir sobre os problemas da juventude negra no Brasil, uma vez que o maior grupo por faixa etária que compõem a população carcerária se refere aos jovens com idade entre 18 e 24 anos, correspondendo a 21% de toda a população em situação de encarceramento. Ao refletirmos sobre este quadro social, retomamos a discussão sobre a situação destes jovens antes da maioridade, quando se enquadram na população com idade escolar, sendo, em sua maioria, inseridos no sistema educacional público.

Como fora mencionado anteriormente, a população auto-identificada preta ou parda correspondem a maior da população estudantil em quase todas as etapas de ensino, inclusive, no ensino superior. No entanto, esta predominância não apresenta avanços tão significativos quando comparada com os dados sobre a população carcerária. Tal quadro se apresenta ainda mais frágil quando se evidencia o analfabetismo entre os jovens com idade acima de 15 anos, em 2019, enquanto a 8,9% da população preta e parda não foi alfabetizada apenas 3,6% da população branca se encontra na mesma situação (PNAD, 2019).

Diante deste quadro geral, a informação mais alarmante a respeito da juventude negra no Brasil é o abandono escolar. De acordo com o Pesquisa Nacional por Amostras Contínua (PNAD Contínua), em 2019, 20% dos jovens com idade entre 14 e 29 anos não concluíram o ensino médio, 71,7% destes jovens são pretos e pardos enquanto 27,1% são brancos, assim, a cada 10 jovens que abandonam a escola, não completando a educação básica, 7 são negros.

Estas informações revelam um arranjo social estrutural, no qual a população negra é negada de seus direitos mais básicos, sendo incluída de modo subalterno na dinâmica social, econômica e política. Assim como aponta os dados da pesquisa “Desigualdade social por cor e raça no Brasil” realizada pelo IBGE, dos 10% da população que possuem a menor renda, 72,5% são pretos e pardos, o mesmo estudo também aponta que, em 2018, nos maiores centros populacionais do Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro, a chance de uma pessoa negra residir

em um aglomerado subnormal¹⁰ era o dobro do que uma pessoa branca, nesta última cidade mencionada 30,5% da população preta e parda reside em aglomerados subnormais, enquanto o registrado entre as pessoas brancas foi de 14,3%.

A pesar dos dados sobre as condições de moradia se restringirem a cidades específicas, São Paulo e Rio de Janeiro, este cenário se repete por todo o território nacional, afetando objetivamente a condição de vida de significativa porção da população negra. Populações estas que, abandonadas nas periferias urbanas desenvolveram instrumentos próprios para lazer e entretenimento.

Identificamos aqui os movimentos culturais urbanos, por sua vez, correspondendo ao rapper nacional, ressignificação do hip hop, estilo musical de origem norte-americana, e o funk, também de origem norte-americana, contudo, inserido no Brasil na década de 1970. Estes dois gêneros musicais foram incorporados à cultura brasileira, especialmente, na cultura metropolitana, mas em virtude da fluidez proporcionada pelos meios de comunicação, gradativamente, se infiltraram pelo interior brasileiro.

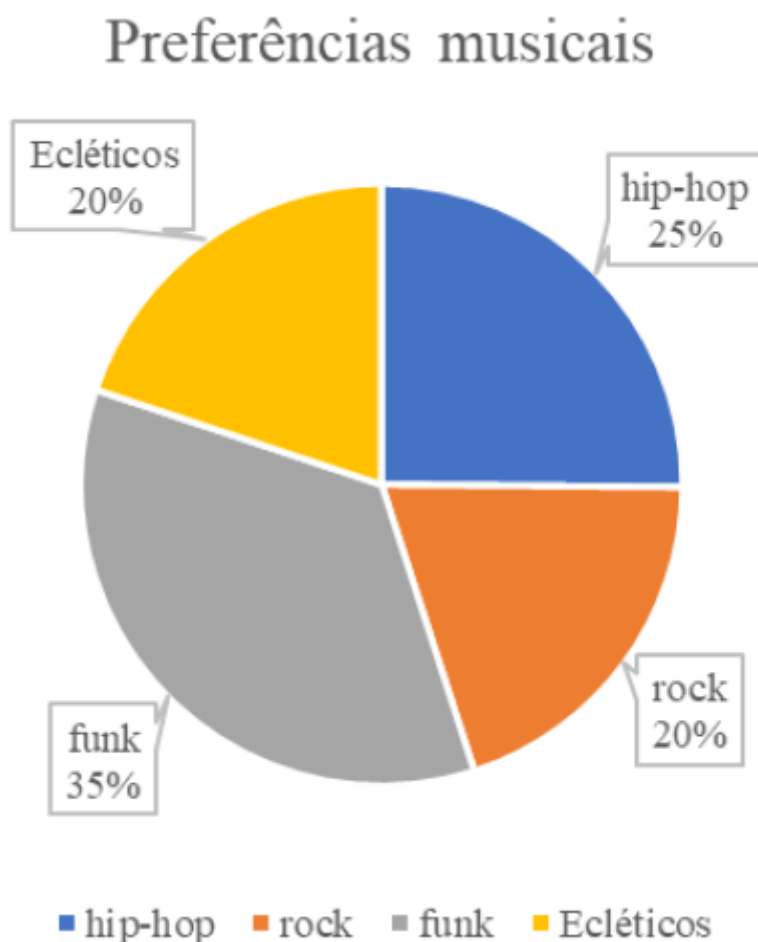
A partir da aplicação de questionários piloto, fora possível coletar algumas informações sobre a Escola Cidadã Integral e Técnica Monsenhor José da Silva Coutinho, localizada no município paraibano de Esperança na qual, de acordo com dados da direção da escola, em um universo de 384 alunos que compõem o ensino médio, 21,87% são negros (de acordo com IBGE corresponde as pessoas que auto se identificam pretas e pardas), enquanto 64,84% são brancos.

No entanto, estes dados são desproporcionais a realidade do próprio município, uma vez que de acordo com os dados do levantamento realizado pelo último Senso, realizado em 2010, 56,31% da população do município de Esperança é negra, ou seja, auto-identificadas como pretos ou pardos.

Ao analisarmos os gostos e preferências musicais, manifestação artística muito popular entre os jovens, observamos, assim como pode ser visto no gráfico

1 e 2 que, os gêneros musicais assim como os artistas mais populares entre os jovens possuem estreitas relações com a cultura afro-brasileira e afro-americana, ambas as manifestações possuem como a matriz de referência a cultura negra.

Gráfico 1: Preferências musicais



Fonte: Dados da pesquisa

Elaboração: Próprio autor

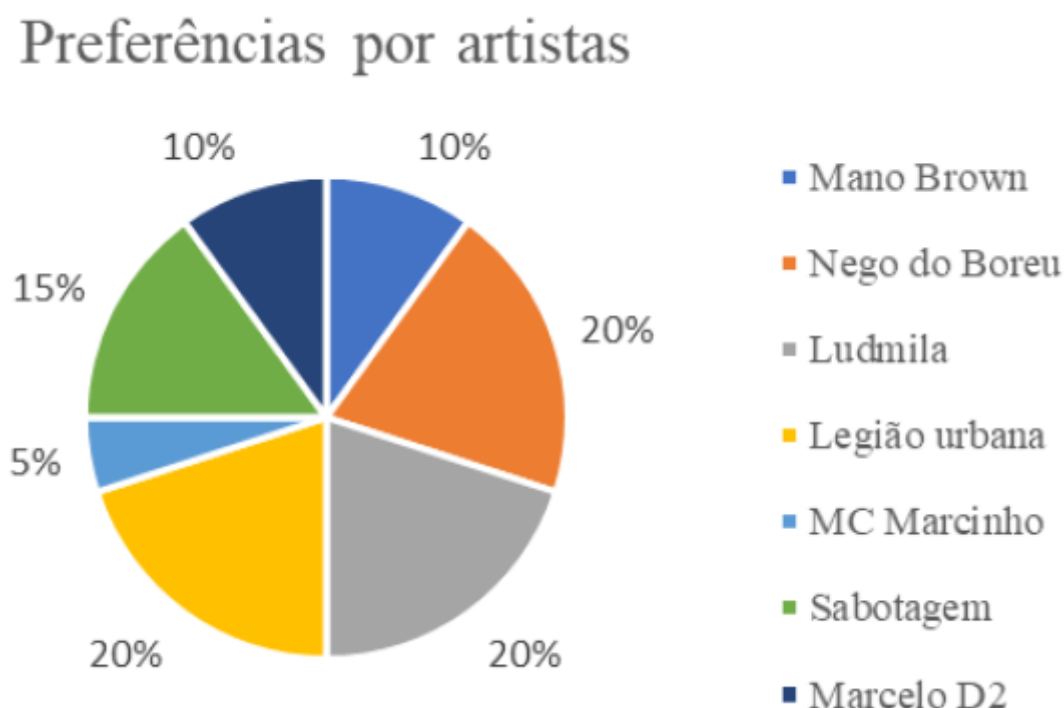
Através dos dados obtidos na primeira amostra, é evidente como os gêneros musicais de matriz afro-americana se sobrepõe diante das manifestações culturais, inclusive com maior popularidade do que a própria cultura regional, como forró e suas derivações contemporâneas, a exemplo do forró eletrônico e o piseiro que são manifestações amplamente difundidas no interior nordestino.

Não é de nosso objetivo identificar as razões para as redefinições das preferências artístico-culturais do grupo objeto desta pesquisa, no entanto, com-

preendemos que resulta de um conjunto de fatores como a difusão das tecnologias informacionais, o alto capital investido na publicidade e marketing presentes nos gêneros musicais mencionados, assim como a identificação com as posições políticas e sociais que os caracterizam.

Estas colocações encontram ainda mais coerência quando analisamos a classificação de suas preferências por artistas, apresentada no gráfico 2. Uma vez que artistas dos quais possuem posicionamento político-ideológico declarado caracterizam-se por tratarem de temas interesse social das camadas mais populares da sociedade, como violência policial, marginalização, exclusão social, tráfico e consumo de drogas, desigualdades sociais e racismo, a exemplo de: Mano Brown, Sabotagem, Marcelo D2 e Legião Urbana, apesar deste último ter sido composto por pessoas de classe média que descreviam a complexidade da realidade brasileira na década de 1980.

Gráfico 2: Preferências por artistas



Fonte: Dados da pesquisa

Elaboração: Próprio autor

Considerando que, assim como fora mencionado neste texto, as camadas mais pobres da sociedade brasileira são compostas pela população negra, neste

sentido, tais temas estão intrinsecamente relacionados com a realidade contemporânea da juventude negra e das periferias brasileiras.

CONSIDERAÇÕES

O processo de ensino e aprendizagem deve orientar e formar cidadãos sob perspectivas capazes de promover a autonomia individual, o pensamento crítico e o combate às violências herdadas historicamente. Portanto, as contribuições analíticas para a criação de estratégias críticas no ensino de Sociologia no ensino básico tornam-se tão importantes para o emergir de uma nova luta contra racismo. A música negra de periferia aplicada às escolas periféricas, majoritariamente, da rede pública, tem a potencialidade de despertar uma comoção coletiva e o atento para os novos movimentos de libertação da cultura africana, atualmente, hibridizados e sob novas formas sociais.

Neste primeiro contato com as turmas, observou-se que, os jovens tenham propriedade para discutir estes temas e, em sua maioria, se identificam e se empolgam com as discussões. No entanto, observamos que há ausência de articulação entre os temas, uma vez que, não se trata de questões dissociadas, pelo contrário, são faces distintas um mesmo processo. Articular estes fenômenos e alcançar a globalidade das questões que circundam o racismo, além de fortalecer a luta antirracista, esclarecem o quanto este tema afeta a vida de toda a população brasileira, independente da sua cor e status social.

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard S. *Outsiders. Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico*. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/> > , acessado em 10 de Novembro de 2018.

_____, Casa Cível: subchefia de assuntos jurídicos. *LEI Nº 10.639, DE 9 DE*

JANEIRO DE 2003. . Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>> , acessado em 10 de Novembro de 2018.

_____, Casa Cível: subchefia de assuntos jurídicos. **LEI Nº 11.684, DE 2 DE JUNHO DE 2008.**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>> , acessado em 10 de Novembro de 2018.

FRANTZ, Fanon. **Pele negra máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. **O negro no mundo dos brancos.** São Paulo: Difusão Europeia, 1997.

FERNANDES, Florestan. **A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento.** Petrópolis, Vozes, 1976.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** Ed.11. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra.** Lisboa: Editora Antígona, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** 21ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **Educação Antirracista: tensões e desafios para o ensino de sociologia.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 39, n. 1, 81-98, 2014. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade.

SCHWARCZ, Lila Mortiz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAPÍTULO 7

**SEXUALIDADE E
EDUCAÇÃO: UMA
EXPERIÊNCIA
EXITOSA NAS AULAS
DE SOCIOLOGIA NO
ENSINO MÉDIO DA EREM
COMENDADOR MANOEL
CAETANO DE BRITO - PE**

Carla Roberta Correia de Medeiros

INTRODUÇÃO

Escola e Sexualidade: dois universos de múltiplas interferências, dois mundos nos quais pais e educadores têm muita dificuldade em estabelecerem conexão e informação; mesmo estando numa sociedade em constante mudança e diante da evidente necessidade de elucidações sobre a corporeidade sexual, isso ainda é distante do cotidiano dos jovens. A ideia de incluir nos programas escolares algumas noções sobre a sexualidade humana não é recente, de longa data, ela veio ao espírito dos profissionais de educação, sem, no entanto, ser condizentemente aplicada.

Acreditamos haver hoje um consenso generalizado em face da necessidade de uma Educação Sexual na escola. A sexualidade pode constituir uma forma privilegiada de enriquecimento pessoal e relacional ou, pelo contrário, transformar-se numa fonte de sofrimento que afeta dramaticamente a vida da pessoa, quer a nível da realização pessoal e relacional, quer a nível das pesadas faturas pagas quando a sua expressão se faz de forma imatura, ignorante, culpabilizada e/ ou violenta. Por isso é relevante o trabalho efetivo nas escolas, bem como para a vivência em sociedade.

Se há um consenso sobre a necessidade de uma educação sexual, as divergências surgem de imediato quando se trata de implementar programas para a sua concretização, emergem as falsas dicotomias entre as responsabilidades da família e as da escola, cuja consequência tem sido um protelar sistemático da formalização da educação sexual. Na realidade, há um fator relevante neste adiamento sucessivo, um medo intrínseco: ao reviver situações de repressões quanto à sexualidade, pais e professores se omitem em lidar com este fato, a resistência é notória e ambos transferem os seus receios, tabus e preconceitos na elucidação do tema para outrem. “ Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é Educação sem refletir o próprio homem. Por isso é preciso fazer um estudo filosófico-antropológico começando por pensar sobre nós mesmos, procurando

na natureza do homem. Algo que possa construir o núcleo fundamental onde se sustente o processo da Educação.” (FREIRE, 1986: 27).

O intuito é contribuir como agente de reflexão, de quebra de paradigmas, de preconceitos, a partir das apropriações dos conteúdos epistemológicos da Sociologia, da Psicanálise e da educação. Constitui sua relevância no trabalho social a partir da construção do diálogo entre educação e sexualidade por serem conhecimentos que lidam diretamente com o desenvolvimento do ser humano e transitam pelas questões envolvidas no confronto entre a racionalidade e afetividade, vivências e conflitos, desejos e frustrações que permeiam os discursos dos jovens estudantes.

Nessa perspectiva esse artigo tem por objetivo apresentar situações de discussão e debate sobre Educação sexual experienciada na EREM Comendador Manoel Caetano de Brito, interior do estado de Pernambuco, nas aulas de Sociologia com alunos do Ensino Médio, com a pretensão de possibilitar as articulações entre diferentes saberes no campo das Ciências Sociais especificamente na disciplina de Sociologia e abordagens do campo teórico-científico que ratificam a experiência. O trabalho oportunizou o debate sobre gênero e sexualidade, com o intuito de combater a violência contra a mulher e a homofobia, o respeito a diversidade e a livre orientação afetivo sexual, na perspectiva de uma educação autônoma, consciente e responsável.

A pesquisa perpassa por um caminho de causa e efeito, analisando qualitativamente a experiência pedagógica com o tema Gênero e Sexualidade, na perspectiva de uma abordagem teórica que se fundamenta na construção sociológica e psicanalítica a partir das observações no cotidiano, tendo como enfoque a questão de como abordar temas polêmicos e de interesse no ambiente escolar, sem permitir que preconceitos e tabus sejam repassados pelos educadores e absorvidos pelos alunos durante o processo de ensino-aprendizagem de conteúdos extremamente relevantes no desenvolvimento psicossocial e psicosssexual dos jovens estudantes.

METODOLOGIA

Esta pesquisa esta fundamentada por uma pesquisa-ação que de acordo com Thiollent (2005) existe uma melhor interação entre pesquisador e o grupo avaliado, a ordem dos problemas pesquisados e das soluções a serem encaminhadas se dão sobre a forma de ação concreta, o objeto da investigação e a situação social e os problemas de diferentes naturezas encontrados, o objetivo é resolver esclarecer os problemas havendo um acompanhamento de todas as decisões, ações e atividades dos sujeitos e a pesquisa não se limita a uma forma de ação. O trabalho levou-nos a um debate quanto as posturas, relações de poder e preconceito frente ao tema gênero e sexualidade, que embora tenha sido contemplado nos Parâmetros Curriculares Nacionais, não se efetiva enquanto prática pedagógica.

Nesse percurso, percebemos a existência de uma problemática quanto ao tema gênero e sexualidade, tanto no trabalho quanto na sala de aula e na vivência dos estudantes. Nossas escolas são permeadas por educadores cheios de preconceitos e dificuldades em lidar com o debate propriamente dito e estudantes repletos de dúvidas e curiosidades.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual utilizou-se a pesquisa-ação como método por se considerar que determinadas especificidades apresentadas no comportamento dos estudantes têm origem e sentido nos fenômenos sociais complexos, nas interrelações e nas construções sociais arraigadas na formação individual.

A problemática encontrada levou-nos a investigar uma forma de amenizar os impactos das omissões e incoerências quanto ao tema e também levar o conhecimento a esses estudantes de uma forma clara, objetiva e salutar que desperte nos mesmos o respeito e a vivência responsável da sua sexualidade.

A COR PÚRPURA DA SEXUALIDADE: UMA REFLEXÃO DE ESPAÇOS MARCADOS DE PRECONCEITOS E TABUS NO CONTEXTO DO ENSINO DE SOCIOLOGIA

A cor púrpura representa a junção do magenta com azul. Por que não ser púrpura as nossas concepções? Vivemos no mundo das cores, sofremos ao experimentar esses tons. Tons, cores e dissabores vivências humanas e enquanto construções sociais e culturais pautamos nossa existência nas grandes dicotomias de certo e errado, bonito e feio, rosa e azul, branco e preto, amor e ódio, esquecemos muitas vezes de perceber quem está por trás dessas proposições e concepções, quais relações circundam essas subjetividades.

A escola, enquanto espaço de transformação social, perpassa por diferentes contextos em diferentes épocas: um espaço de forças hegemônicas e poderes diversos erigidos por diferentes esferas sociais que conduzem a um percurso histórico muito relevante nas tendências e paradigmas educacionais. Enquanto processos, a educação necessita de leis e diretrizes que as fundamente e justifique; elaboradas por atores especializados. Mas e o espaço escolar? O que inquietações circundam as paredes das escolas? O chão da escola dialoga com as vidas: vidas entrelaçadas, vidas sucateadas. Vidas que questionam porque tem que ser assim? E é na estranheza das impressões que nasceu este trabalho, no caminhar do educador que percebe que a vida está além dos muros, dos livros, do currículo, dos documentos.

É importante reconhecer os avanços alcançados no âmbito da educação sistemática brasileira, dentre eles a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, e os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs a Base Nacional Curricular Comum – BNCC, cujo intuito principal é auxiliar educadores a promover uma educação pautada na excelência dos direitos e deveres e na cidadania plena. Mas alguns temas são esquecidos ou escamoteados da práxis pedagógica, embora tenham sido elencados nos documentos oficiais, como é o caso dos temas transversais em relação ao trabalho com Educação sexual, suas diretrizes são nitidamente vagas, e não contemplam a relevância da abordagem.

É notório que o tema sexualidade vem sendo deixado de lado há décadas, mesmo durante a elaboração dessas diretrizes e no fazer pedagógico nas escolas. É um tema que é aleatoriamente discutido em algumas escolas, negado em casa, propagado nos meios de comunicação e apenas inserido em quadros de pensamentos pouco definidos, conduzido por técnicos, professores, grupos religiosos, pais, livros; em ações isoladas, sobre o pretexto de uma educação integral, é um percurso marcado de incertezas, de concepções fechadas e discriminatórias.

Em diferentes modalidades de ensino, em escolas distintas, observamos posturas estigmatizadas de preconceitos e discriminação quanto ao tema sexualidade. No âmbito escolar percebemos mundos distintos em uma mesma estrutura social, marcados por concepções extremas: de um ângulo percebemos uma visão ingênuo que caracteriza os estudantes como seres assexuais, por outro lado, corpos erotizados marcados por estigmas de promiscuidade e perversão. É comum ouvirmos expressões entre profissionais da educação: ‘sobre sexo, eles sabem mais que a gente’. É como se na adolescência esses conhecimentos chegassem como num passe de mágica, ou de forma biológica, tal qual as transformações corporais. Para Reich (1987) diferentes autores voltaram o seu olhar para a sexualidade e apenas Freud demonstrou compreendê-la em sua plenitude:

(...) eu tinha examinado as diversas concepções da sexualidade, como foram expostas por forel, moll, bloch, freud e jung. estava descobrindo quão diferentemente cada um desses cientistas encarava sexualidade. à exceção de freud, todos eles acreditavam que a sexualidade, vindo de um céu azul sem nuvens, surpreendia o homem na puberdade. dizia-se que a “sexualidade despertava”. ninguém podia dizer onde havia ela estado antes disso. sexualidade e procriação eram encaradas como uma e mesma coisa. por detrás dessa concepção errônea, permanece escondida uma montanha de erros psicológicos e sociológicos. (Reich, 1987. p. 32)

Nessa visão, passa então a Educação Sexual a incorporar os valores pré-estabelecidos e citados como normas subjetivas. A família age benevolente, tolerando o insucesso escolar, a agressividade, o isolamento, até mesmo as repressões e comportamentos violentos, porém quando as questões sexuais são

colocadas para esclarecimento, age-se com autoritarismo, dando-se à sexualidade uma visão do “feio, proibido, vergonhoso e outros”. Assim,

(...) Consuma-se uma das realizações psíquicas mais significativas, porém também mais dolorosas do período da puberdade: o desligamento da autoridade dos pais, unicamente através do qual se cria a oposição, tão importante para o progresso da cultura, entre a nova e a velha geração. (GUTIERRA, 2003 p. 39)

Os valores das crianças e jovens encontram-se cada vez mais confusos, os profissionais que lidam com eles não estão preparados para esse novo estudante. Num contexto social de especuladores, desbravadores e principalmente sujeitos de ideais – embora esses ideais necessitem de reajustes e orientações. Há na problemática educacional, atualmente, profissionais que não sabem educar através do diálogo e educandos envolvidos a situações familiares conflitantes, o que recai numa educação pautada em conflitos cada vez mais difíceis de serem solucionados.

A educação enquanto espaço de convivência, de informação e transformação social requer dos seus profissionais, uma visão ampla do indivíduo em sua amplitude e incompletude, nessa perspectiva não basta compreender a instituição como espaço de propagação de conhecimentos sistemáticos, nela encontra-se uma grande complexidade de sentimentos, vivências, ideais, paradigmas: da pessoa que fomos em algum momento da minha infância e o sujeito que desejo ser.

Por outro lado, a escola que carrega em seu bojo o papel de propagar o conhecimento sistematizado na perspectiva de uma Educação emancipatória e integral, não estaria aberta a realizar o trabalho voltado para educação sexual, para um atendimento satisfatório. Em face disso, pretendemos suplantarmos os falsos conceitos e a falsa moral com uma abordagem simples, honesta e coerente, sobre sexualidade e gênero, em consonância com a vida social, afetiva, cultural, política e religiosa junto aos nossos estudantes. Pois ao:

Falar de sexualidade implicaria afastar-se de um esquema de pensamento que era então corrente: fazer da sexualidade uma invariante e supor que, se ela assume, nas suas manifestações, formas historicamente singular, é porque sofre efeitos de mecanismos diversos de repressão a que ela se encontra exposta em toda sociedade; o que equivale a colocar fora do campo histórico o desejo e sujeito do desejo, e a fazer com que a forma geral de interdição dê conta do que pode haver de histórico da sexualidade. (FOUCAULT, 1984:10)

O intuito de realizar um trabalho sobre sexualidade na escola não se restringe a abordar conceitos estéreis, mas compreender os comportamentos, as representações sociais, culturais e principalmente subjetivas, com o intuito de desmistificar concepções, difundir informações científicas, na perspectiva das práticas contemporâneas acerca da sexualidade, da corporeidade, do respeito a diversidade. Dessa forma, o:

educador (...) é aquele que: - tem a docência como base da sua identidade profissional; - domina o conhecimento pedagógico, numa perspectiva de totalidade do conhecimento socialmente produzido, que lhe permite perceber as relações existentes entre as atividades educacionais e a totalidade das relações sociais em que o processo educacional ocorre; - é capaz de atuar como agente de transformação da realidade no qual se insere. (LIMA,2001 p. 83)

O termo sexualidade surgiu tardiamente, apenas no início do século XIX, e este fato não deve ser subestimado ou superinterpretado. Ele assinala apenas algo relevante e remanescente do vocabulário; mas não marca a brusca emergência daquilo a que se refere. O uso da palavra foi estabelecido a diversos fenômenos: o reconhecimento de campos de conhecimentos diversos (que cobriam tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento); a instauração de um conjunto de regras e normas, em parte tradicionais e em parte novas e que se apoiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos,

Vale ressaltar que, embora minorias sociais tenham conquistado um espaço de diálogo na sociedade contemporânea, existe ainda uma lacuna muito sig-

nificativa na garantia de direitos, direitos estes que são subjugados muitas vezes por relações simbólicas, de repressão, negação, “nas sociedades ocidentais modernas, constitui-se uma experiência tal, que os indivíduos são levados a reconhecer-se como sujeitos de uma sexualidade (...) que se articula em um sistema de regras e coerções” (FOUCAULT, 2010:10). Relações de gênero, homofobia são processos culturais estabelecidos nas relações de poder, subjetivamente incorporados, mas materializadas em atitudes diárias, compreendê-las nos levará a ressignificação de posturas.

Podemos tomar como exemplo o patriarcado enquanto organização familiar, este reforça a relação da verticalidade entre seus membros, imprimindo na personalidade dos mesmos uma determinada estrutura psíquica, aprovada e inserida pela própria sociedade. E como todo processo concreto se estabelece a partir dessa relação que o ser humano tem com o seu meio social, é fácil verificarmos como a comunicação distorcida ou correta vai nortear todas as atitudes do indivíduo com a vida e a produção de relações interpessoais, bem como, com a transformação do seu contexto cultural, social, político e emocional.

Falar de sexualidade como uma experiência historicamente singular superior, também, que se pudesse dispor de instrumentos suscetíveis de analisar, em seu próprio caráter e em suas correlações, os três eixos que a constituem: a formação dos saberes que a ela se referem, os sistemas de poder que regulam suas práticas e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade. Foucault (1984) São esses três eixos que irão fundamentar a metodologia do trabalho realizado nas aulas posteriormente elencadas, para a partir do olhar sociológico, construirmos uma nova postura frente a sexualidade humana.

A pesquisa apresentada tem como espaço de diálogo as aulas de Sociologia que se constituíram o ambiente de reflexão, onde as relações de gênero foram analisadas para compreender em que medida o gênero está atuando nas relações sociais e psicológicas na instituição escolar, partindo da definição sobre gênero a partir de Joan Scott: “o gênero é um elemento constitutivo de relações

sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (1995, p. 86). Ademais, foi possível verificar o que os estudantes da EREM Comendador Manoel Caetano de Brito, pensam a respeito das representações sobre o “ser homem” e o “ser mulher”, representações estas que refletem em diferenças sociais, segregação, preconceitos, discriminação, homofobia e bullying; e que advêm de um processo de naturalização.

As questões sobre sexualidade são temas relegados ou muitas vezes deixados de lado em vários âmbitos sociais, sendo assim não é diferente na escola. O tema tende a não fazer parte dos currículos ou quando contemplados, são tratados de forma sucinta, tendo em vista as complexidades e os tabus que estes carregam, no entanto nos corredores das escolas, nas conversas entre os jovens, essa temática é motivo de questionamentos, conflitos e preconceitos.

Perceber e desnaturalizar as posturas adotadas socialmente constitui-se um instrumento e meta das aulas de sociologia. Perceber que as regras sociais nem sempre são justas e promovem igualdade, fazem parte do objetivo primeiro da Educação. Além disso, é relevante compreendermos gênero enquanto categoria de análise histórica a partir das reflexões feministas que marcaram especialmente o século XX, as relações de poder em meio às interações humanas, bem como, adotar uma perspectiva transversal, em que outras categorias sociológicas como classe, raça, gênero, religião e geração devem ser consideradas significativas para se analisar as desigualdades.

Não se constitui um trabalho fácil, tendo em vista que muito do que acreditamos, vivenciamos e construímos enquanto valores serão permeadas em nossas falas, posturas e práxis pedagógica. O papel da Sociologia na escola vem sendo discutido no Brasil, desde 1940, enquanto disciplina do Ensino Médio e efetivado a partir de 1996, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDBEN, com o objetivo de preparar jovens e adolescentes estudantes para uma formação mais humanitária do saber. O trabalho nos proporcionou trazer à sala de aula um ensino voltado para a autonomia intelectual

do estudante no sentido de questionar as estruturas consolidadas pelo modelo heteronormativo de sociedade e com isso, quebrar paradigmas no que diz respeito ao preconceito, diferenças de direitos e desigualdades.

SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: RELATOS DA EXPERIÊNCIA DA ABORDAGEM NAS AULAS DE SOCIOLOGIA

O tema sexualidade tem sido abordado em diferentes contextos e por diferentes áreas do conhecimento, é notório que ele abrange realmente diversos campos científicos de pesquisa e instiga diversos olhares e interpretações. Nossa abordagem teórica/ metodológica foi subsidiada a partir dos três eixos citados por Foucault (1984) correlacionada com as experiências e indagações dos jovens estudantes da EREM Comendador Manoel Caetano de Brito, localizada na cidade de Poção no interior de Pernambuco, cidade pacata de aproximadamente 11.305 pessoas, denominada como escola integral, de 35 horas ou tempo. É a única Escola que oferta o Ensino Médio no município, acolhendo os estudantes do espaço rural e de algumas cidades próximas. A maioria dos nossos estudantes são filhos de agricultores e rendeiras, de pouca escolaridade, que depositam na educação a via de acesso a uma vida melhor, mas que ao mesmo tempo reconhecem a dificuldade dessa ascensão social.

O trabalho foi realizado com os alunos do Ensino Médio com idade entre 15 e 17 anos da EREM Comendador, jovens oriundos da classe trabalhadora, que em sua maioria não tem informação ou conversas sobre sexualidade com seus familiares e que buscam algum esclarecimento com amigos ou internet. Ficou evidente em seus relatos a dificuldade do diálogo e as inquietações que estes sentiam frente ao tema.

Em um primeiro momento, foi proposto uma análise conceitual a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes para que a partir das suas experiências, pudéssemos expandir o conhecimento, percebendo posturas e valores explícitos e implícitos em suas colocações. Para tratarmos das especificidades da Sexua-

lidade realizamos a leitura de imagens, a fim de distinguirmos conceitos sobre gênero, sexo e sexualidade, tendo como aporte teóricos: Freud, Reich, Scott e Oakley, pesquisadores que fazem diferentes ancoragens nos temas e nos instigam a uma reflexão significativa dos conceitos abordados.

Como feedback da ação atividade proposta, construímos um mural com as percepções do tema na perspectiva do 'Antes e Depois – O que muda quando eu te encontro: CONHECIMENTO? O conhecimento colocado sugere os debates propostos sobre o tema e as reflexões à mudança de postura.

No segundo momento, há a escolha de duplas que irão realizar o contorno do corpo em papel espalhado no chão da sala. Faremos uma análise posterior onde será proposto a reflexão desde a escolha das duplas, a postura dos participantes, todas as performances percebidas.

Na etapa seguinte desta atividade os estudantes irão responder ao questionamento: quem habita esse espaço, e o que carrega no coração? Irão escrever suas percepções a respeito da figura que mora naquele espaço.

Após todos terminarem iremos discutir as respostas elencadas e as relações de poder, corporeidade, a erotização, etc. Essa ação terá como respaldo teórico autores como: Foucault, Reich e Simone de Beauvoir. Como feedback da ação da segunda atividade proposta, iremos separar as palavras ou frases que denotam relações de poder e argumentar sobre suas percepções e valores diante das palavras ou frase escolhida.

O terceiro e último momento contará com a leitura da letra das músicas e textos, com temas relacionados, tais como:

- Respeite as mina (Kell Smith)
- Aveso (Jorge Vercilo)
- No país de Blowmink (Claudio Picazio)

Ao término da leitura serão discutidas as percepções em equipe, que terão como incumbência sintetizar as conclusões da equipe. A análise perpassará pelas formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos da sexualidade, na perspectiva do desejo que fundamenta a orientação sexual nas relações de gênero, no respeito e responsabilidades com o corpo. As bases de fundamentação teórica para esse trabalho serão Freud, Reich, Simone de Beauvoir. As aprendizagens serão observadas nas interpretações discutidas pelos grupos e na exposição dessas conclusões.

Essa ação no contexto escolar nas aulas de Sociologia vem reforçar a necessidade de uma ação sistemática da escola, no que diz respeito ao trabalho com Educação Sexual, tentando evitar informações equivocadas, homofobia, inquietações por parte do jovem quanto a sua orientação sexual. Enfim, tentando ampliar a compreensão do tema “In loco”, e buscando subsídios para o desenvolvimento de ações que visem um trabalho dinâmico, adaptada a realidade e aspirações dos jovens estudantes, com o intuito de estabelecer o paralelo entre Educação/Sexualidade. Uma vez que ambas buscam a compreensão e o processo ensino-aprendizagem, o crescimento e a dinâmica das relações entre os homens.

CONSIDERAÇÕES

Propomo-nos então, a refletir sobre a Educação Sexual enquanto tema transversal, contemplados nos documentos norteadores de ensino, abordado enquanto diversidade sexual e discussões de gênero no componente curricular de Sociologia, nos PCNs do Ensino Médio, num momento anterior às reformas educacionais. É notório que os modelos de educação vislumbrados até hoje pregam uma dicotomia entre teoria e prática, num modelo estritamente fechado, tendo uma relação de ensino e prática de adestramento, obediência, passividade e subordinação.

Primar por uma educação escolar voltada para o indivíduo biopsicossocial

deveria ser a grande meta da educação; vida e intelectualidade encontram-se intrinsecamente relacionadas e se fortalecem quando aspectos como a cultura, ao contexto social e principalmente a sexualidade entrelaçam-se, garantindo a possibilidade de abrangência interpessoal com aspectos subjetivos relevantes. Tal educação seria fundada na ‘compreensão crítica do dia-a-dia, na cotidianidade’ dos indivíduos, pois “uma procura crítica de compreensão do cotidiano abre uma instância de análise fundamental para a compreensão de como se embatem, de como lutam a ideologia dominante e a ideologia dominada.

São estas percepções que nos levam as transformações. A liberdade e autonomia perpassam em todos os aspectos, inclusive o sexual. Eis por que, para Paulo Freire, a tarefa histórica dos oprimidos é libertar-se e, em se libertando, libertar os próprios opressores. (...) Ao falar de projeto global da sociedade, não fazemos como se estivesse tomando-o como ideia abstrata, um desenho arbitrário, algo acabado na imaginação de uma liderança. Referimo-nos sim a um certo número de metas, solidárias entre elas e coerentes com um certo objetivo no campo da imaginação econômica e social.

E diante da função formativa da educação e suas relações com a sociedade fica evidente a necessidade de ser repensada, e esse novo olhar perpassa por uma formação completa e vinculada ao mundo do trabalho e da prática social, sem desvincular-se da essência

A educação básica enquanto direito e dever do Estado – pressupõe o acesso, a uma plenitude democrática, mediante a formação de indivíduos, cuja postura participativa, crítica, consciente da necessidade de inserir na sociedade possibilita a construção do pleno exercício da cidadania consolidado na ação da pessoa enquanto sujeito da história.

Dessa forma, não basta ser lei, norma ou regra, a determinação consolidada-se realmente quando há no interior das instituições relações e reelaborações de concepções absorvidas por seus atores protagonistas e coadjuvantes durante suas vivências. A educação transforma, quando diante da pesquisa ação os estudantes e educadores conseguirem se desvencilhar das amarras dos precon-

ceitos e discriminações. Quando esses espaços forem permeados de diálogo e conhecimento, compreendendo que a vida acontece a todo tempo e em todos os ambientes sociais.

A ação realizada efetivou um conhecimento significativo para os estudantes, desmistificou alguns conceitos e proporcionou novas inquietações, levando-nos a replanejar outras ações metodológicas. Percebendo também que outros componentes curriculares poderão nos auxiliar em novos projetos quanto a sexualidade humana, cumprindo dessa forma o seu papel enquanto conhecimento institucional, mas/ e principalmente desenvolvendo a formação humana.

REFERÊNCIAS

CIFALI, Mireille; HUMBERTO, Francis. **Freud e a pedagogia**. Editora Loyola, 1999.

COUTO, Maria Joana de Brito D' Elboux. **Psicanálise e Educação: A Sedução e a Tarefa de Educar**. São Paulo: Avercamp, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: O Uso dos Prazeres**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. In: História da sexualidade I: a vontade de saber. 1984. p. 152-152.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Graal, 1985.

FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. Editora Paz e Terra, 2014.

FREUD, Sigmund; SALOMÃO, Jayme. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição 'Livros do Brasil', 1997.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização (1930)**. Cienbook, 2020.

GUTIERRA, Beatriz Cauduro Cruz. **Adolescência, psicanálise e educação: o mestre "possível" de adolescentes**. São Paulo: Avercamp, 2003.

LIMA, Maria Nayde dos Santos. ROSAS, Argentina (organizadoras) **Paulo Freire – Quando as Idéias e os Afetos se Cruzam**. Recife, Ed. Universitária UFPE/ prefeitura da Cidade do Recife, 2001.

LONGO, Leila. **Linguagem e psicanálise**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2006.

REICH, W. **A função do orgasmo**: Problemas econômico-sexuais da energia biológica (MG Novak, trad.). São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1942), 1978.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação & realidade, v. 20, n. 2, 1995.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. **O papel da Sociologia no currículo do Ensino Médio**. II Simpósio estadual sobre a formação de professores de Sociologia. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009.

 10.48209/978-65-89949-08-7

CAPÍTULO 8

A LITERATURA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA

Norma Benícia Pereira de Sousa

INTRODUÇÃO

A desempenho por meio de obras literárias é objeto de análise e nos auxilia compreender o contexto social, cultural e político do trabalho fornece uma base de discurso para outras interpretações sobre a disciplina/conceito do currículo de Sociologia do Ensino Médio.

De acordo com Bauer (2002, p.189), “Texto, como fala”, refere-se ao pensamento, os sentimentos, memórias, planos e discussões das pessoas, às vezes elas nos dizem Mais do que seu autor pensava. O autor enfatizou duas coisas: A produção de textos pode apontar reflexões sobre as contradições da vida social, por outro lado, ainda está atento às mudanças diárias. Desta perspectiva, você pode entender que o trabalho escrito não é apenas uma abstração de letrados, mas uma espécie de A integração dos dois elementos de fundo social e imagens criativas.

A relação entre literatura e conhecimento (científico), seja a sociologia do conhecimento ou a sociologia da literatura, parece não ter sido resolvida de forma satisfatória. No primeiro caso, a literatura pode ser considerada uma forma de conhecimento, mas sua “ficção” é preservada, o que difere do conhecimento científico. Já no segundo caso, o que se considera é a dimensão social da literatura e sua forma de expressar a realidade de forma exagerada, distorcida e polêmica, ao invés de se confundir com ela (OLIVEIRA, 2008).

Segundo Soares (2014), “lidar com literatura é lidar com sociologia”. Em qualquer processo de investigação, enquanto se aproxima do tema, objeto, sujeito de investigação, a pessoa é tomada por uma perplexidade diante daquilo que não se conhece e principalmente diante daquilo que se passa a conhecer. Ou seja, quanto mais se mergulha em uma pesquisa, mais cresce a desconfiança em relação ao conhecimento inicial. A perplexidade é resultante da complexidade que a própria investigação vai adquirindo e desequilibra os caminhos do modo de pensar.

O sociólogo, ensaísta e professor brasileiro, figura central dos estudos literários no Brasil Antonio Candido, em seu texto *Direitos humanos e Literatura*, Candido (1989) defende que a literatura é, ou ao menos deveria ser, um direito básico do ser humano, pois a ficção/fabulação atua no caráter e na formação dos sujeitos. Destaca-se o que são os direitos humanos, aqueles ligados a alimentação, moradia, vestuário, instrução, saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência a opressão, bem como o direito à crença, à opinião, ao lazer. Este são bens que asseguram a sobrevivência física e também a integridade espiritual.

Apresenta-se como objetivo deste estudo refletir acerca da literatura no ensino de sociologia. Trata-se de uma revisão de literatura entendida como uma análise sistemática e síntese da investigação sobre um tema específico de escopo restrito com análise descritiva.

Segundo Mattos (2015), a revisão da literatura é o processo de busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento em busca de resposta a uma pergunta específica. “Literatura” cobre todo o material relevante escrito sobre um tema: livros, artigos de periódicos, artigos de jornais, registros históricos, relatórios governamentais, teses e dissertações, e outros tipos. Tais como : narrativa, sistemática e integrativa.

Os dados secundários foram colhidos através de uma revisão de literatura sobre o tema através de artigos publicados em revistas científicas. A pesquisa é de grande relevância para o ensino de Sociologia, pois contribuirá através de sua abordagem para futuras pesquisas.

Desse modo, primeiramente se faz necessário o entendimento acerca da Sociologia e Literatura, conforme apontamento da seção abaixo.

A SOCIOLOGIA E LITERATURA

De acordo com o Parecer CNE¹¹/CEB¹² n. 38/2006, o comparecimento ao ensino médio brasileiro é obrigatório desde 2006. A sociologia é uma disciplina relativamente nova na educação básica. Portanto, este é um campo que ainda necessita de muita pesquisa e trabalho docente para se firmar como um meio relevante de formar uma visão que ajude a pensar o mundo e a ampliar o conhecimento sobre o mundo e sobre si mesmo. E a escola, como defende Charlot apud Azevedo (2000, p. 175-176) é:

[...] a oportunidade (muitas vezes, a única) que eles (os alunos) têm de descobrir que o mundo pode ser diferente, que foi outro e que será outro daqui a algum tempo, que é outro em outros lugares. A escola é a oportunidade de descobrir novos universos culturais intelectuais que poderão mudar a sua visão de mundo. (CHARLOT *apud* AZEVEDO, 2000, p. 175-176)

Pode-se citar que embora possamos ter muitas críticas ao funcionamento da escola atualmente, partimos do pressuposto de que ainda é uma experiência social que nos coloca no mundo, a partir da convivência que conhecemos. Se alguns pontos de vista afirmam que em uma era em que a informação é onipresente e o aprendizado é inútil, seu fracasso ou inutilidade, portanto, não será sua prerrogativa, enquanto outros pontos de vista indicam que é em tempos de crise que o pensamento e a criatividade podem ser acionados e produzidos uma nova era; como edifício social e histórico, a escola pode se transformar (MASS-CHELEIN; SIMONS, 2013).

No Brasil, o ensino da Sociologia passou em seu percurso histórico por vários momentos, marcado por constantes intermitências e lutas travadas em defesa da inclusão obrigatória da disciplina na educação básica. Houve momentos em que a disciplina estava totalmente excluída da grade curricular, sendo seu ensino percebido como algo “perigoso”, pois levava os alunos à reflexão. Em

11 Conselho Nacional de Educação.

12 Câmara de Educação Básica.

outros momentos a disciplina se tornou obrigatória, fazendo parte do currículo da educação básica (ALVIM et al, 2018, p. 01).

Ainda conforme os autores a inserção obrigatória da disciplina nos currículos de Ensino Médio se deu por meio da Lei n. 11.684/2008, que altera o artigo 36 da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96). Dessa forma, o ensino de Sociologia se tornou obrigatório e essencial na construção da cidadania e da formação do sujeito.

No que diz respeito ao ensino da Sociologia, o docente encontra ainda mais desafios, devido ao fato da disciplina possuir uma historicidade bem diferente das demais, principalmente no tocante ao currículo, ora faz parte do currículo educacional, ora se torna facultativa, ora é esquecida.

Dessa forma, a grande dificuldade é fazer da transmissão de informações passadas durante uma aula em conhecimento propriamente dito. Deixar apenas a leitura pautar uma aula ou mesmo somente encher o quadro, para depois aplicar a prova é um modelo pronto e automático que serve apenas para a reprodução e que deixa de lado o propósito do ensino de Sociologia visando à formação de um indivíduo crítico, ou seja, um cidadão. Reprodução no sentido conceitual de Pierre Bourdieu (2008), onde qualquer ação pedagógica é uma violência simbólica enquanto imposição de poder arbitrário.

A sociologia acadêmica geralmente evita o confronto direto com objetos literários, porque Durkheim o explicou em seu livro seminal “As regras do método sociológico”. Para poder lidar com seus objetos de fora, como toda ciência, Durkheim sugeriu que os objetos de conhecimento deveriam ser definidos cuidadosamente por meio dos “atributos intrínsecos do conhecimento”. Esta é uma condição para evitar o restabelecimento de “mais ou menos ideais” (DURKHEIM, 1947, p. 35).

Agora, como definir a literatura por meio de suas propriedades intrínsecas? Como Roman Jakobson sugeriu ao desenvolver o conceito de “literatura” (*Literar-*

nost), existem sinais que podem definir a literatura enquanto excluem outros texto? Essas tentativas suscitaram muitas reflexões nas décadas de 1960 e 1970, mas fracassaram. À medida que a pesquisa avançava, essa visão científica se desvaneceu: desistiu (LEENHARDT, 2018).

A seguir o artigo traz consigo a explanação sobre os conceitos referentes aos estudos correlatos.

ESTUDOS CORRELATOS

Visando compreender melhor o assunto abordado nesse artigo, foram realizadas pesquisas em periódicos brasileiros sobre o tema “Literatura no ensino de Sociologia”.

Ressalta-se que nos próximos seis parágrafos serão elencados os artigos encontrados que foram considerados os mais relevantes sobre o tema.

A análise “A literatura como recurso pedagógico para o ensino de filosofia e sociologia: relato de uma experiência” (AMARAL; ADMS, 2018), teve como objetivo relatar uma experiência de trabalho com textos literários para a abordagem de conceitos de Filosofia e Sociologia, em turmas de Ensino Médio. Assim, o estudo trouxe de uma pesquisa bibliográfica qualitativa e teve um impacto positivo no incentivo à leitura entre os alunos, na compreensão dos conceitos abordados e na aquisição de capital cultural. Concluiu-se que os alunos puderam compreender melhor conceitos fundamentais de Filosofia e Sociologia e utilizá-los para analisar as situações relatadas nas obras. Essa proposta também possibilita a aquisição de capital cultural, pois os estudantes não só conheceram obras clássicas de literatura como também puderam aperfeiçoar suas habilidades de leitura e escrita. Com isso, colaborou-se para que a escola cumpra sua função enquanto instituição social.

O estudo “Ensino de Sociologia por meio de Roda de Leitura: articulações com Literatura e Direitos Humanos” (MOTA, 2013), apresenta uma proposta de ensino de Sociologia a partir de rodas de leitura temáticas na educação de jovens

e adultos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAP-UFRGS).

Ressalta-se ainda que se trata de uma ação pedagógica permanente, lançada em 2012, que parte do pressuposto de que os textos literários que tratam de situações relacionadas com os direitos humanos e que colocam questões a partir de conhecimentos sociológicos são um meio potente de promoção do processo de ensino. A conclusão é que a sociologia ainda é afetada por um grande número de práticas de ensino. Ainda estamos em uma era de investigações acadêmicas e relatórios práticos que buscam confirmar a relevância do assunto, retratar sua situação e seus desafios nas escolas brasileiras. Sem dúvida, são pesquisas e trabalhos importantes para a consolidação da área. Por outro lado, destaca-se que a visão de professores e alunos que instituem a sociologia no cotidiano também é fundamental, desafiadora e encantadora. (MOTA, 2013)

A pesquisa “Sociologia e Literatura: reflexão e prática sobre o uso da ficção no ensino de sociologia” (BEZERRA; ROMKO, 2016), o artigo tematiza o processo de transposição didática do conhecimento sociológico. Fazendo referência à dinâmica de familiarização com o conhecimento científico através da noção de representações sociais, ressalta situações delicadas nas quais essa dinâmica pode encontrar obstáculos em função dos vínculos afetivos e identitário dos alunos. Resenhando a temática sociológica do controle social em sua vertente funcionalista, indica possíveis aspectos delicados para a didatização desse conteúdo. Em seguida, mobilizando principalmente os argumentos de Michèle Petit e de Daniel Penac, discute a leitura coletiva do texto literário como procedimento metodológico apropriado para o ensino de Sociologia. Por fim, apresenta um breve relato de experiência para ilustrar as possibilidades desse procedimento.

Nesse sentido, importante salientar Prensky (2001, p. 01):

(...) Os alunos de hoje não mudaram apenas em termos de avanço em relação aos do passado, nem simplesmente mudaram suas gírias, roupas, enfeites corporais, ou estilos, como aconteceu entre as gerações anteriores. Aconteceu uma grande descontinuidade. Alguém pode até chamá-la de apenas uma “singularidade” – um evento no qual as coisas são tão mudadas que não há volta. Esta então chamada de “singulari-

dade” é a chegada e a rápida difusão da tecnologia digital nas últimas décadas do século XX.

Citando os professores atuais, que já se posicionam não como centro do conhecimento, mas como parte do processo de aprendizagem do aluno, mesmo assim, as gerações que surgem, exigem uma abordagem, uma mudança do modelo de professor como detentor do conhecimento.

No artigo “Existência e objeto da sociologia da literatura, hoje” (LEENHARDT, 2018), analisa algumas razões históricas e epistemológicas para tal estratégia, que evita abordar o próprio cerne da literatura: o confronto entre diferentes mundos ficcionais no texto e na leitura. Com base na teoria da ficção, argumenta-se que, se a sociologia deve compreender as forças que transformam o status atual da sociedade, ela deveria prestar mais atenção aos processos simbólicos que ocorrem na experiência literária, atividade que permite a todos confrontarem-se com possíveis (ficcionais) situações e valores e que, portanto, simboliza um possível mundo social diferente.

Diante disso, Paro (2011, p. 505) ressalta que a cultura em sentido pleno, contém tudo o que é produzido A história humana precisa considerá-la uma matéria-prima no currículo, quando a ameaça é a conformidade Cidadãos, sociedade democrática. Portanto, o conteúdo relacionado à arte, ética, política, cuidados pessoais, uso físico, etc. Deve ser incluído em Relação dos elementos culturais que compõem a educação básica.

No trabalho “Ensino de Sociologia e Literatura: modernidade e realismo social em Machado de Assis” (FARIAS, 2021), teve o objetivo de contribuir de forma prática e ativa para a melhoria da qualidade do ensino de Sociologia na escola de ensino médio, oferecendo discussões sobre temas da Sociologia e são frequentes na nossa sociedade. O trabalho desenvolveu-se apoiado naquilo que é uma das prerrogativas constantes nas Orientações Curriculares Nacionais (OCN’s) para o ensino de Sociologia, que é a interdisciplinaridade, a qual desenvolvemos com a Literatura. Para tanto, propuseram um trabalho de validação da obra de

Machado de Assis sob o viés da Sociologia aliado a um guia pedagógico, no qual se direcionou, em cinco lições, um trabalho de análise sociológica e literária na tentativa de alcançar o conhecimento poderoso.

Parte-se do princípio acerca da complexidade e transdisciplinaridade em educação, o estudo de Santos (2007, p. 74) aponta que:

O conhecimento transdisciplinar associa-se à dinâmica da multiplicidade das dimensões da realidade e apoia-se no próprio conhecimento disciplinar. Isso quer dizer que a pesquisa transdisciplinar pressupõe a pesquisa disciplinar, no entanto, deve ser enfocada a partir da articulação de referências diversas. Desse modo, os conhecimentos disciplinares e transdisciplinares não se antagonizam, mas se complementam.

Baseando-se no ensino interdisciplinar, as tecnologias facilitam a aprendizagem colaborativa, entre colegas próximos e distantes. É cada vez mais importante a comunicação entre pares, entre iguais, dos alunos entre si, trocando informações, participando de atividades em conjunto, resolvendo desafios, realizando projetos, avaliando-se mutuamente. Fora da escola acontece o mesmo, na comunicação entre grupos, nas redes sociais, que compartilham interesses, vivências, pesquisas, aprendizagens. A educação se horizontaliza e se expressa em múltiplas interações grupais e personalizadas. (BACICH; MORAN, 2018, p. 52).

Na análise “obras literárias como instrumento de ensino de sociologia: a realidade social por trás das páginas de ficção” (MELLO, 2020), teve por objetivo refletir acerca das metodologias e instrumentos de ensino da disciplina Sociologia no IFPB¹³ – Campus João Pessoa/PB por obras literárias infanto-juvenis. O resultado deste trabalho visa contribuir para uma maior efetividade do ensino da sociologia a partir da mediação pedagógica por meio do uso das obras literárias. Por se tratar de um projeto de intervenção na dinâmica do IFPB, para alcançar seus objetivos, parto de um contato direto com o campo, alunos e professores do Instituto.

13 Instituto Federal da Paraíba.

Ressalta-se Reis (2013, p. 123) citando que considerar o texto literário, enquanto resultado articulado e coerentemente estruturado da enunciação da linguagem literária, é detentor de certas características, que sinteticamente podem ser descritas deste modo: o texto literário configura um universo de natureza ficcional, com dimensão e índice de particularização muito variáveis; em simultâneo, ele evidencia uma considerável coerência, tanto do ponto de vista semântico como do ponto de vista técnico-compositivo; o texto literário deve ser entendido também como entidade pluristratificada, ou seja, constituída por diversos níveis de expressão; por último, considerar-se-á ainda que o texto literário compreende uma dimensão virtualmente intertextual, enquanto é possível relacioná-lo com outros textos que com ele dialogam e nele se projetam.

Posto que, baseando-se nas literaturas apresentadas para os conteúdos de sociologia há de se observar as mudanças inerentes ao processo de natural de desenvolvimento da sociedade e suas questões mais importantes. Logo, a correlação dos estudos apontados com o ensino da Sociologia no Ensino Médio fica manifesto através dos estudos associados aos movimentos sociais, historicidade e contemporaneidade.

Diante das informações aqui apontadas, pode-se concluir que a Sociologia e a literatura não são alvos só por um acaso, há um motivo para o conservadorismo atacá-los tão explicitamente como sempre fez.

CONSIDERAÇÕES

Em virtude do que foi mencionado ao longo da pesquisa, percebe-se que refletir sobre a importância da disciplina no entendimento e compreensão do que é viver em sociedade, dos problemas da sociedade, das formas de governo e de poder, e de quem somos, enquanto sujeitos dessa sociedade, em todos os seus eixos, são os esforços que motivaram este trabalho.

A Literatura é uma área de conhecimento de suma importância para a formação e desenvolvimento humano, não somente pela gratuidade e entreteni-

mento que a ficção proporciona, mas por possibilitar aos leitores refletirem, porque vivenciam situações que são da ficção, mas que tem inspiração na condição humana, isto é, na vida real das pessoas que os autores recontam essas experiências. Dessa forma, a literatura pode contribuir de forma positiva no ensino de Sociologia tendo em vista que a sociologia está diretamente ligada às práticas sociais dos alunos e ao mundo do trabalho, isso porque a matéria prima do fazer sociológico é justamente a realidade social.

Em consequência disso, a pesquisa descobriu que a sociologia ainda é afetada por um grande número de práticas de ensino. Permite-nos perceber que ainda estamos em uma era de investigações acadêmicas e relatos práticos que buscam confirmar a relevância do assunto, retratar sua situação e seus desafios nas escolas brasileiras (inclusive no campo da literatura). Por outro lado, os professores e alunos que constroem literatura no cotidiano do ensino da sociologia apontam que a visão também é básica, desafiadora e encantadora.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Jonathan Henriques do. ADMS, Adair. **A literatura como recurso pedagógico para o ensino de filosofia e sociologia**: relato de uma experiência. Leitura: Teoria & Prática, Campinas, São Paulo, v. 37, n. 76, p. 73-87, 2019.

ALVIM, Adriano Simion. BORGES, Karla Rocha. CANSELA, Lucas Borcard. SOUSA, Luciano Dias de. VIEIRA, Vidigal de Andrade. **A importância da sociologia para o desenvolvimento do aluno no Ensino Médio**. XV Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e XII Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/viewFile/15024/1125612184>. Acesso em: 25 nov. 2021.

BAUER, M. W. Análise de Conteúdo Clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W; GASKELL. (Orgs). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. 10 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

BEZERRA, Rafael Ginane. ROMKO, Igor Guilherme. **Sociologia e Literatura: reflexão e prática sobre o uso da ficção no ensino de sociologia**. Revista Urutágua - Revista Acadêmica Multidisciplinar. Universidade Estadual de Maringá (UEM). n. 35, dezembro/maio, Ano 2016. ISSN 1519.6178.

CHARLOT, B. **A relação ao saber e à escola dos alunos dos bairros populares**. In: AZEVEDO, J. et al. (Org.). Utopia e democracia na educação. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000. p. 169-177.

DURKHEIM, Émile. **Les Règles de la méthode sociologique**. Paris: Presses universitaires de France, 1947.

FARIAS, Fabiano Feitosa. **Ensino de sociologia e Literatura: modernidade e realismo social em Machado de Assis**. UFCG, Sumé, 2021.

LEENHARDT, Jacques. **Existência e objeto da “sociologia da literatura”, hoje**. Sociologias, Porto Alegre, ano 20, n. 48, maio-ago 2018, p. 30-46. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/77406>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. **Em defesa da escola: uma questão Pública**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MATTOS, Paulo de Carvalho. **Tipos de Revisão de Literatura**. Faculdade de Ciências agrônômicas. UNESP. Campus de Botucatu, 2015.

MELLO, Roberta do Nascimento. **Obras literárias como instrumento de ensino de sociologia: a realidade social por trás das páginas de ficção**. CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais João Pessoa, n. 24, p. 101-115, jan./jun. 2020.

MORAN, J. BACICH, L. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: Uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

MOTA, Kelly Cristine Correa da Silva. **Ensino de Sociologia por meio de Roda de Leitura: articulações com Literatura e Direitos Humanos**. Polyphonia, v. 24/1, jan./jun. 2013. DOI: <https://doi.org/10.5216/rp.v24i1.34124>. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/sv/article/view/34124>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

OLIVEIRA, Marcos Barbosa de. **Neutralidade da ciência desencantamento do mundo e controle da natureza scientiæ zudia**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 97-116, 2008.

PARO, Vitor Henrique. **O currículo do ensino fundamental como tema de política pública: a cultura como conteúdo central.** [S.l]: Scielo, 2011. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/j3xy8LF6mbP4MjPfH4KZS8q/?lang=pt>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

SANTOS, Akiko. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido.** Universidade Federal do Rio de Janeiro. Laboratório de Estudos e Pesquisas Transdisciplinares. Rio de Janeiro, 2007.

SOARES, Eliane Veras. **Embora lidando com literatura, você está fazendo sociologia.** Civita, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 81-92, jan.-abr. 2014.

CAPÍTULO 9

A EXPERIÊNCIA DO MUSEU VIRTUAL COMO PRÁTICA DE ENSINO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS NO SERTÃO DO PAJEÚ PERNAMBUCANO

Silmara Ferreira Marques

INTRODUÇÃO

A pandemia ocasionada pela SARS-COV-2, que ficou conhecida por COVID-19, levou as comunidades acadêmicas aos novos processos de adaptação e sobrevivência. Na Faculdade do Sertão do Pajeú - FASP, não diferente, fez-se necessária uma reorganização das abordagens metodológicas e práticas. Adequações foram pensadas para oportunizar uma estrutura teórica e prática nas bases de aprendizagem.

Ao iniciar este artigo, imagino que preciso situar todos no nosso lugar de fala, refiro-me ao espaço geográfico delimitado de onde escrevo estas páginas agora. Sou do Pajeú das Flores, poeticamente falando. A região que denominamos de Pajeú, está contida dentro de uma das cinco mesorregiões pertencentes ao Estado de Pernambuco. É composta por 17 municípios, a saber: Brejinho, Itapetim, Tuparetama, São José do Egito, Santa Terezinha, Tabira, Solidão, Ingazeira, Iguaracy, Quixaba, Carnaíba, Flores, Calumbi, Serra Talhada, Triunfo, Santa Cruz da Baixa Verde e Afogados da Ingazeira. Esta região recebe este nome devido ao curso do Rio Pajeú, cujo nascente é em Brejinho, Cidade limítrofe entre Pernambuco (PE) e Paraíba (PB).

Neste contexto, apresento-me como professora substituta na Faculdade do Sertão do Pajeú. Dentre as disciplinas de minha responsabilidade/competência de campo de ensino encontra-se: Prática pedagógica e Metodologia de ensino. Razão pelas quais desenvolvemos uma metodologia para trabalhar as mesmas, sem que houvesse percas ou danos, devido à covid-19 que nos condenou à saída imediata da sala de aula (presencial) e nos transferiu ao ensino remoto. Saliendo que, esse processo não foi simples, tranquilo e fácil. Sobre todos nós recai o peso do “e agora, o que fazer?” As aulas precisavam continuar, mas todos sem exceção estávamos habituados às velhas e boas metodologias que o presencial oportunizava. Juntávamos teoria e prática e desenvolvíamos as aulas. Era chegada a hora de sair de nossa zona de conforto e adentrar novos espaços.

O homem somente se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura. Não há cultura sem cérebro humano (aparelho biológico dotado de competência para agir, perceber, saber, aprender), mas não há mente (mind), isto é, capacidade de consciência e pensamento, sem cultura. A mente humana é uma criação que emerge e se afirma na relação cérebro-cultura.

Pensando nisso, convidei a professora Déborah Vilela¹⁴ para juntas desenvolvêssemos na FASP – Faculdade do Sertão do Pajeú, um projeto metodológico utilizando o museu de forma virtual como ferramenta de ensino em tempo de pandemia. A ideia surgiu depois que assistir um Webnário com a referida professora que é especialista em museus, conversei com a mesma sobre a possibilidade de adaptamos a ementa de forma a contemplar teoria e prática. Organizamos a estrutura, o material, o referencial teórico, moldamos e adaptamos os mecanismos e contabilizamos desse projeto, oito oficinas pedagógicas para utilização no ensino remoto, mas que pode e deve ser adaptado para o ensino híbrido e presencial, tendo como base o museu. Afinal, o que é um museu? De acordo com o conselho internacional de Museu,

“Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição” (ICOM, pág. 03, 2007)

Ainda, de acordo com o documento mencionado:

“Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento”. (ICOM, pág. 01, 2007).

Ao longo da vida acadêmica percebe-se que, muitas pessoas, incluindo o nosso público, não ver o museu como um espaço de cultura e lazer e muitas

14 Déborah Roberta Santiago Vilela – Mestre em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

vezes não vão aos mesmos por receios de como devem se comportar. Portanto, o nosso objetivo a priori é de socializar a experiência do processo de construção do museu virtual como prática de ensino das ciências humanas e sociais no sertão do Pajeú Pernambucano, ensinar, construir e elaborar um projeto com a utilização desta ferramenta, contudo, iniciaremos desmitificando o espaço museu e elencando as funcionalidades dele para a construção dos saberes pedagógicos e o transformando em ferramenta de ensino que contempla, entre outras, as ciências humanas e sociais.

METODOLOGIA

Visando o desenvolvimento da pesquisa e o alcance dos objetivos já estabelecidos, nos organizaremos, a partir de nossa abordagem, escolhemos trabalhar com pesquisa qualitativa, uma vez que, segundo Maria Cecília Minayo, O método qualitativo de pesquisa é aqui entendido como aquele que se ocupa do nível subjetivo e relacional da realidade social e é tratado por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais (MINAYO, 2013).

Através da abordagem qualitativa, desenvolvemos a pesquisa participante que segundo Thiollent (2009) é um tipo particular de pesquisa aplicada que supõe intervenção participativa na realidade social. Quanto aos fins é, portanto, intervencionista. O que encontra-se de acordo com o nossa pesquisa, uma vez que, nesse relato conforme estamos descrevendo foi uma prática de oficina pedagógica, como está ação permite a articulação entre a finalidade da intencionalidade e mudança no decorrer da mesma a fim de propor uma aprendizagem.

A pesquisa participante foi realizada através de um cronograma definido, conforme mais adiante apresentaremos de forma mais clara, dividimos em três momentos. O primeiro momento consiste em abordamos uma prática possível de ser desenvolvida pelos discentes em tempos de ensino remoto devido a pandemia. Ao despertar o olhar crítico, investigativo e construtivo sobre o fazer no cotidiano escolar na modalidade remota.

O segundo momento é marcado pela formação inicial do discente. Com base no que é Educação formal e Educação não formal. Partindo da análise da prática pedagógica escolar sob o olhar das teorias de Edgar Morin (2010).

O terceiro momento foi destinado a uma leitura mais aprofundada da Base Nacional Comum Curricular suas competências e habilidade, bem como seu objeto de conhecimento.

Os três momentos distintos, totalizaram oito encontros. Uma vez que, de acordo com que íamos apresentando, organizando e estudando, realizávamos também a construção do produto final dos discentes. Consideramos que a melhor maneira de aprender é prática. Portanto, em todos os encontros havia o diálogo entre a teoria e prática em relação ao tema.

PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19

A experiência tornou-se uma prática exitosa, a mesma será mantida nas disciplinas de metodologia do ensino e prática pedagógica dos próximos semestres. Uma vez que, a prática pedagógica acontece desde o momento de planejamento, análise organização e vivência de uma oficina, ou seja, ela perpassa todo o projeto, neste caso específico de oficina pedagógica, mas o que é uma prática pedagógica e o que é oficina pedagógica?

Oficina é uma forma de construir conhecimento, com ênfase na ação, sem perder de vista, porém, a base teórica. Cuberes apud Vieira e Volquind (2002, p. 11), conceitua como sendo “um tempo e um espaço para aprendizagem; um processo ativo de transformação recíproca entre sujeito e objeto; um caminho com alternativas, com equilibradores que nos aproximam progressivamente do objeto a conhecer”.

Uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, a metodologia da oficina muda o foco tradicional da aprendiza-

gem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão. Em outras palavras, numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva.

As oficinas pedagógicas são importantes na formação do aluno professor pesquisador, através delas é possível proporcionar um conhecimento prático que vai desde a pesquisa, importante em todo processo formativo, bem como na elaboração (escrita) das mesmas. Tendo em vista nossa vivencia de projeto de agosto de 2020 a junho de 2021, podemos afirmar e validar as mesmas como práticas eficazes de ensino-aprendizagem.

A escolha de produções que tem como base o museu virtual é a sua acessibilidade, isto porque nos últimos anos e antes da pandemia, foi verificado a importância de colocar em uma plataforma os acervos, essa ideia muito foi debatida com o incêndio que ocasionou a perda de muitos elementos históricos no museu de história Nacional no Rio de Janeiro em 2018, e antes dele o museu da língua portuguesa em São Paulo em 2015.

O fato é que, quando os acervos são disponibilizados em plataformas digitais, eles tornam-se mais acessíveis, uma vez que, deslocar um quantitativo de alunos para uma visita de forma presencial, requer um bom planejamento inclusive financeiro, e nossa realidade, não nos permite tal vivencia. Portanto, ao utilizar o museu virtual como ferramenta pedagógica, estamos oportunizando os nossos alunos ao conhecimento. Certo que, presencialmente seria enriquecedor o contato com os espaços e obras, mas virtualmente é cômodo e nesse tempo em que estamos vivenciando uma pandemia, tornou-se uma fonte de conhecimento a ser explorada.

O MUSEU VIRTUAL COMO PRÁTICA DE ENSINO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS NO SERTÃO DO PAJEÚ PERNAMBUCANO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA FASP

A Faculdade do Sertão do Pajeú, foco deste artigo, esta localizada na Cidade de Afogados da Ingazeira – PE. Porém, faz parte de um projeto social de

ampliar o acesso à educação em nível superior, para toda região. Suas atividades iniciaram-se em meados da década de 80 do século passado, antes da efetiva elaboração da constituição Brasileira. O que só foi possível através da mobilização da sociedade civil organizada, lideranças políticas da região e a influência da Igreja Católica local, na figura de seu bispo Dom Francisco A. Mesquita Filho.

Devido à demanda da região, ocasionada pelos egressos do 2º grau, que em sua maioria não tinha condições de se deslocar para os grandes centros urbanos em busca de dar continuidade aos seus estudos. Assim, surge a FAFOPAI – Faculdade de professores de Afogados da Ingazeira – PE. Inicialmente com os cursos de Letras com habilitação em Português e Inglês e Ciências com habilitação em matemática. Seguidos de Pedagogia e depois dos anos 2000, licenciatura em história. Em 2015, para comportar o bacharelado de Direito, tornou-se FASP – Faculdade do Sertão do Pajeú.

Dos cursos acima mencionados, leciono em Pedagogia e História, contudo, este trabalho foi desenvolvido apenas com os licenciando em história devido às disciplinas a serem contempladas, das quais estão sobre a minha responsabilidade. Metodologia do ensino e praticas pedagógica. Para análise cronológica, aqui faremos uso das quatro últimas propostas didáticas de oficinas, com o intuito de demonstrar como desenvolvemos, outro fator importante é que elas tiveram sua culminância em junho de 2021, portanto, recentemente, o que facilita a escrita deste.

Dividido em teoria e prática, foi preciso uma organização pautada na construção coletiva e individual do conhecimento. Na abordagem inicial da teoria, elencamos conceitos que precisávamos ficar claramente definidos. Vejamos: em que constituía a realidade Escolar em tempos de pandemia e desenvolvimento Didático – Pedagógico; o que é Educação formal e Educação não formal, o que é uma formação inicial e o uso das ferramentas; dessa forma, chegaríamos à construção e produção de um projeto e, posteriormente, em formato de culminância à apresentação na comunidade acadêmica.

Nossas vivências foram divididas em alguns momentos de interação e processos de criação:

No primeiro momento, abordamos a problematização de uma prática possível e eficaz da função do docente em tempos de pandemia, contemplando possíveis soluções de atividades pedagógicas que possam ser realizadas de forma presencial e adaptadas para remota ou no ensino híbrido. Despertando o olhar crítico, investigativo e construtivo sobre o fazer no cotidiano escolar na modalidade remota.

O segundo momento é marcado pela formação inicial do docente. Começamos abordando o que é Educação formal e Educação não formal. Partindo da análise da prática pedagógica escolar sob o olhar das teorias de Edgar Morin (2010). Para a reflexão sobre a realidade observada em espaços não formais, utilizamos de estratégia o uso de museus. Assim sendo, vivenciaríamos uma prática diferenciada para o momento diferenciado.

Cada momento requer sua prática e o nosso desejo de sair da zona de conforto e evoluir. Acreditamos que, apesar do avanço tecnológico e os significantes avanços da ciência nesta busca de uma vacina que comporte as inúmeras variantes, ainda teremos um longo processo entre o ensino remoto-híbrido e o tão sonhado presencial. Portanto, essa metodologia de ensino aplicado às ciências humanas e sociais e seu vasto campo de interdisciplinaridade.

Externamos o campo da interdisciplinaridade, pois, nas quatro primeiras oficinas, a temática foi focal em história. Neste semestre, estamos na vivência do mesmo projeto em uma turma diferente e apoiados na Base Nacional Comum Curricular, voltamos o nosso olhar para a construção de uma oficina em que fosse possível a visitação de um museu e que três áreas fossem devidamente delimitadas e seus espaços explorados. A saber: História, Geografia e Sociologia.

O terceiro momento foi destinado à leitura da Base Nacional Comum Curricular suas competências e habilidade, bem como seu objeto de conhecimento,

assim iniciariamos a construção por parte dos alunos dos seus respectivos projetos. Coloco como três momentos, mas, até a apresentação do projeto criado pelos alunos, foram necessários oito encontros, incluindo a culminância.

Desde o início realizamos a divisão das equipes a fim de facilitar a aprendizagem, bem como a elaboração do projeto que cada equipe deverá apresentar de forma prática na culminância. Apresentamos um cronograma no qual delimitamos as atividades. Nele, foi possível definir o que deveria ser abordado em cada encontro e quais seriam as datas deles.

O cronograma apresentava o que seria abordado, contudo, as datas foram definidas em comum acordo, assim sendo, nos encontrávamos a cada 15 dias, sempre aos sábados, durante oito sábados, dois deles de culminância. O que entre outros, validaria a nossa produção, o quantitativo de horas aulas e o certificado de participação e produção de produto pedagógico, denominado Oficina de Museu, o uso de ferramentas tecnológicas na construção dos saberes em tempos Pandêmico. Lembrando que, como muito bem nos disse Boaventura de Sousa Santos no livro “A cruel pedagogia do vírus”:

A pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum. Esta situação torna-se propícia a que se pense em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI. Na ausência de tais alternativas, não será possível evitar a irrupção de novas pandemias, as quais, aliás, como tudo leva a crer, podem ser ainda mais letais do que a actual. (BOAVENTURA, pág. 30, 2020)

A sociedade e os indivíduos são capazes de adaptar-se aos contextos históricos e sociais, elaborando alternativas de sobrevivência e resistência. Partindo do princípio de que esta foi até o presente momento a pandemia que mais vitimou pessoas e que trouxe à superfície a extrema desigualdade social. Na educação, não diferente das outras áreas, evidenciou-se ainda mais. A produção de material pedagógico, neste caso especificamente as oficinas, de certo modo, e entre outras funções seria a de tornar uma aula mais atrativa para os alunos

das escolas públicas de nossa Região. Conhecemos as dificuldades existentes nas aulas presenciais e em tempo de aulas remotas estas dificuldades ganham contextos ainda maiores.

Portanto, nossa metodologia de trabalho contou com um cronograma de atividades pensadas para encontros a cada 15 dias, a cada sábado uma temática era abordada e ao mesmo tempo uma parte da oficina era produzida pelos discentes, como veremos a seguir. Cronograma 01/2021, segunda turma:

Data:	Orientações:	Material utilizado:	Responsáveis:
27.03.2021	Orientações iniciais: Adaptações ao cenário atual da educação com o ensino remoto e suas mudanças; Diferenças entre Ensino Presencial, Ensino Remoto e Ensino Híbrido; BNCC e as adaptações durante a pandemia através de Metodologias Ativas.	Slides (os conceitos e os lugares de ensino) e BNCC Ensino Médio.	Déborah Villela & Silmara Marques
17.04/2021	História dos museus no Brasil; Museus como ferramenta de aprendizagem no ensino não formal. Caracterizar os espaços museus e diferenciar o lugar do museu e da escola, através de uma atividade remota pelo aplicativo “kahoot” e apresentação de slides com os conceitos. Visita a museus virtuais e o uso de ferramentas tecnológicas para o acesso a este espaço.	“Kahoot” Museus virtuais;	Déborah Villela & Silmara Marques

24.04.2021	Montando uma oficina pedagógica – Como é que se faz uma oficina pedagógica?	Leitura do texto: Oficinas de ensino de história: pontes didática da história na transição do currículo de formação de professores – Luís Fernando Cerri.	Déborah Vilella
08.05.2021	Escolha dos museus virtuais; Elaboração do projeto da oficina; Montagem de material didático para apresentação – recursos;	Apresentação de uma oficina de produção de Déborah Vilela, a mesma explicava e apresentava simultaneamente.	Docentes e Discentes
22.05.2021	Elaboração de parte do projeto – Apresentação, justificativa, objetivo: Geral e específicos.		Déborah Vilella, Silmara Marques e discentes.
29.05.2021	Conclusão da elaboração – incluindo habilidades, competências e objetos do conhecimento.	Base Nacional Comum Curricular	Silmara Marques e discentes
12.06.2021	Apresentação prévia das oficinas; Testagem de ferramentas; Apresentação dos materiais didáticos. (Manhã).	Plataforma Google art's & Culture	Silmara Marques e discentes
12.06.2021	Culminância (remota) no período da tarde com link aberto para toda comunidade acadêmica.	Museus escolhidos conforme breve descrição e plataforma Google Arts & Culture.	Docentes e discentes
19.06.2021	Culminância (remota) no período da tarde com link aberto para a comunidade acadêmica e convidado.	Museus escolhidos conforme breve descrição e plataforma Google art's & Culture.	Docentes e discentes.

Iniciamos nossas atividades relativas à produção de oficinas já no final de março do ano em curso, como mencionado acima. Importante ressaltar que, a organização da oficina, juntamente com o cronograma de atividades, foi previamente elaborada e posteriormente apresentada às turmas e realizadas as devidas modificações e observações. A utilização de um cronograma foi crucial para a realização do projeto, uma vez que, ao chegar à data estipulada, o discente sabia o que seria abordado e a importância daquele momento na construção do todo. Outro fator construtivo foi à divisão das equipes logo no primeiro dia, assim trabalhou-se o senso de coletividade, organização e responsabilidade.

OS FRUTOS DOS PROJETOS, UMA SEMENTE EM CAMPO FÉRTIL.

Satisfatoriamente, a realização dessas oficinas rendeu para além do conhecimento e da prática de elaboração de metodologias para tempos pandêmicos. A construção de oito robustos produtos finais no decorrer desses dois últimos semestres. Foi possível estabelecer a interdisciplinaridade nas produções, contemplar as ementas do curso, através de pequenos ajustes, abarcamos e embarcamos em novos caminhos para a construção dos saberes. A primeira oficina das quatro oficinas da etapa dois do projeto (etapa compreendida de março a junho de 2021) um adendo, classificamos de etapa dois (etapa compreendida entre março e junho de 2021, uma vez que, a primeira turma o trabalho realizou-se de setembro a dezembro de 2020). O processo educativo é transformador de realidades, por essa razão nossa preocupação com a formação dos futuros profissionais da educação. Como assevera Morin,

Cabe à educação do futuro cuidar para que a idéia de unidade da espécie humana não apague a idéia de diversidade e que a da sua diversidade não apague a da unidade. Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana. A unidade não está apenas nos traços biológicos da espécie *Homo sapiens*. A diversidade não está apenas nos traços psicológicos, culturais, sociais do ser humano. Existe também diversidade propriamente biológica no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual; além disso, as mais diversas culturas e sociedades têm princípios geradores ou or-

ganizacionais comuns. É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno. (MORIN, pág. 53, 2000)

Compreender os processos formativos de ensino-aprendizagem é imprescindível para uma boa prática pedagógica, para uma metodologia que trabalhe o conjunto, o todo, o coletivo. Essas foram razões pelas quais nos dedicamos nos últimos meses, nessa formação continuada dos discentes, proporcionando a utilização de museus virtuais como ferramenta de ensino, prática esta que apesar de não ser novidade, na nossa instituição foi a primeira vez que realizamos. Assim, abordaremos um pouco sobre os quatro últimos produtos destas oficinas.

A oficina intitulada “Anne Frank e o Holocausto – memórias da segunda guerra mundial” teve como objetivo apresentar através da plataforma Google Arts & Culture, um tour virtual da casa-esconderijo da família de Anne, na oportunidade foram abordadas temáticas relacionadas à negação dos direitos humanos, quebra da identidade do indivíduo e “autocura”¹⁵. A “autocura” é um termo utilizado por Bauman que não se refere, exclusivamente, ao esquecimento dessas atrocidades e de sua negação, mas da alienação desses atos em relação à nossa própria capacidade de repeti-los. Portanto, a escolha do grupo pauta-se no direito à vida em primeiro lugar e conseqüentemente direito a uma sociedade plural, solidária, respeitosa, étnica, justa e que promova a equidade.

A segunda oficina trazia a temática: “Museu da Imigração: memórias, identidades e histórias de uma época”. Com uma abordagem interdisciplinar, a equipe realizou um tour no museu, neste caminhar da história, analisamos o processo sociológico das migrações ocasionadas pela fome, seca e miséria. O que leva um nordestino a deixar sua terra natal para aventura-se em uma cidade como São Paulo. Este tour virtual nos propiciou atividades práticas, a exemplo de: uma

15 Sobre isso o sociólogo Zygmunt Bauman escreveu em seu livro “Modernidade e Holocausto” que “a autocura da memória histórica que se processa na consciência da sociedade moderna é por isso mais do que uma indiferença ofensiva às vítimas do genocídio. É também um sinal de perigosa cegueira, potencialmente suicida.” (Bauman – 1998).

aba do museu é dedicada à procura de familiares através do sobrenome. Simples de utilizar, você escreve o nome completo do seu parente, e o sistema busca nos registros, se aquela pessoa esteve hospedada naquele centro, dando informações de quando chegou e quanto tempo passou.

A terceira oficina por sua vez, preocupou-se em trazer a memória, ancestralidade, tradições e o roubo de identidade na cultura Afro-Brasileira, para isso, fez-se uso do museu Afro-brasileiro localizado no estado de São Paulo – (SP). Através da utilização do recurso Google Art cultura, os alunos nos levaram a conhecer as contribuições sociais, culturais e políticas na construção da nossa identidade, a identidade do povo Brasileiro, negada por muitos. Somos um país miscigenado, a nossa história de colonizado é sangrenta, sofrida, encastelada. Sobre nosso solo tem-se a cultura do Europeu, do Africano e dos nossos originários – os indígenas. Nosso país abarca o samba e o açoite, a alegria e as senzalas a casa grande e os subúrbios, o colonizador e a favela, os estreitos e os extremos. Somos o país que mais recebeu Africanos escravizados. Nascemos sob o signo da negação. Negamos veemente que somos racistas.

Esta oficina teve como característica principal, lembrar aquilo que desejaríamos esquecer, apagar da nossa história: a escravidão, a humilhação, a covardia, a dor. Quando os quatro discentes escolheram este museu, não foi um mero acaso, os quatro são negros e negras, um deles é praticante de uma religião de matriz Africana, a Umbanda. Sabiam exatamente os caminhos e contextos que queriam analisar. E na condução dos trabalhos evidenciaram a sociedade a partir do século XVI, não muito diferente da sociedade do século XXI, ainda enraizada em tabus e preconceitos.

Por fim, a quarta oficina formatou-se a contemplar uma aula de memorial¹⁶ para os alunos do ensino médio ano final. Utilizando-se do Memorial JK¹⁷, os cin-

16 Segundo o dicionário informal: Memorial É uma instituição permanente, de interesse geral, voltada para a preservação e propagação de informações históricas compostas de dados, documentos e imagens relativas a pessoas, instituições ou lugares. Enquanto o museu é o local em que se reúne e expõe coleções de objetos ou informações de uma determinada área ou parte da história.

17 JK - Juscelino Kubitschek (1902-1976) ex-presidente do Brasil governou entre 1956 e 1961. Durante seu mandato construiu Brasília, a nova capital do País, inaugurada no dia 21 de abril de 1960.

co discentes nos levaram a caminhar sobre a história da personalidade política e em seguida a analisar a formação da cidade de Brasília a partir dos seus operários vindos das mais diversas áreas do Brasil, com um foco maior para região que hoje conhecemos como Nordeste¹⁸. Devido às duas últimas apresentações serem realizadas no mesmo dia, o G5 aproveitou a oportunidade para falar sobre a origem da palavra Candangos¹⁹, a designação pejorativa estava relacionada aos operários que trabalhavam em Brasília.

Toda a produção realizou-se: a escolha do museu, a construção do projeto, a elaboração do cartaz/job para mídia digitais (Facebook, WhatsApp e Instagram), bem como sua ampla divulgação para os acadêmicos de outros cursos, disponibilidade do link, teste prévios e por fim, a realização da mesma, sequencialmente.

CONSIDERAÇÕES

Encerramos um ciclo/semestre com a certeza de que, tudo que estava ao nosso alcance foi realizado para que obtivéssemos êxito na nossa produção, mas antes de tudo garantimos que ambas as disciplinas – Metodologia do ensino e Prática pedagógica fosse devidamente vivenciada, de forma a colaborar com a educação dos nossos discentes em tempos pandêmicos. Contudo, é importante ressaltar que sem a colaboração e participação de todos, a cooperação da especialista em museus Déborah Villela no desenvolvimento conjunto da atividade e o apoio da instituição de ensino superior AEDAI/FASP, nada seria realizado.

O fato de essas produções serem exitosas, fez-nos analisar a possibilidade de publicar esta prática de ensino contendo as oito oficinas realizadas até o presente momento (passo a passo de como realizar), a princípio estudamos a publicação de e-book, posteriormente e havendo condições financeiras, realizar o modelo impresso do livro.

18 Nordeste - é uma das cinco *regiões* do *Brasil* definidas pelo *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE) em 1969.

19 Segundo o Aurélio - *substantivo masculino* 1. Nome que os africanos davam aos portugueses. 2. *p.us.* indivíduo desprezível, abjeto.

Assim, deixaríamos registrados não apenas na faculdade e para a faculdade, mas para os professores das áreas de humanas e sociais, uma metodologia para ser adaptada e vivenciada de acordo com cada realidade é uma experiência entre outras experiências em tempos pandêmicos que deu certo.

Com o exposto, analisamos que o principal objetivo dessa vivência da interdisciplinaridade, deu-se de forma exitosa. Foi possível apresentar aos alunos e debruçando-se na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que existem formas, meios e organizações que nos permite através de um conteúdo característico da história, trabalhar a sociologia a geografia entre outros e vice-versa. A utilização de museus virtuais permitiu-nos demonstrar de forma prática, como essas disciplinas estão ligadas em sua base, na sua raiz e estrutura.

Cabe a nós um olhar mais criterioso, cauteloso e, por vezes, cuidadoso. A Sociologia possui raízes na história, assim como a geografia compõe um espaço neste saber geográfico, históricas e sociais. Percebemos que a escolhas dos três museus e o memorial nos permitiu realizar este caminhar conjunto das disciplinas, sem negligenciar as mesmas.

Nosso objetivo era vivenciar a teoria e a prática, através dessa vivência gerar um produto, este por sua vez, seria a construção de uma oficina pedagógica de cada grupo, uma vez que, as duas salas foram divididas entre dois grupos. O resultado são oito produtos, quatro produtos por semestre. Mas, para, além disso, fica a certeza de que o conhecimento foi gerado e aqui não externo apenas em termos de conteúdo, mas em produção de produto pedagógico.

Através da base da realização do material da primeira oficina, os discentes poderão adaptar as mesmas e realizar outros materiais de forma conjunta ou individualmente, poderão levar para seus locais de trabalhos propostas que após analisadas, estudadas e organizadas servirão de base de outros produtos.

REFERENCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1998. Tradução: Marcus Penchel.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Paz e Terra.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde** (13ª Ed). São Paulo, SP: Editora Hucitec. Taquette, S. 2013.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez< 2010.

RAMOS, M. N. **A pedagogia das competências: Autonomia ou adaptação**. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2020.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo : Cortez : Autores Associados, 1986.

CAPÍTULO 10

DEBATENDO A CONDIÇÃO DA MULHER DENTRO DA CONJUNTURA SOCIAL ATRAVÉS DANÇA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Emanuel Jeová Medeiros Sousa

INTRODUÇÃO

A experiência de um projeto de dança desenvolvido no Centro de Excelência Dom João José da Mota e Albuquerque, escola localizada no município de Afogados da Ingazeira no sertão do Pajeú do estado de Pernambuco, é objeto de análise do presente artigo, buscando relatar a vivência de um projeto de dança que fora desenvolvido. Essa prática possibilitou conciliação do viés educativo sociológico e a produção artística debatendo sobre a condição da mulher dentro da conjuntura social, através dança como prática pedagógica no ensino das Ciências Humanas e Sociais.

A escola Dom Mota possui destaque na rede municipal, sendo uma instituição de referência que desenvolve uma grade disciplinar distinta das demais escolas do município. A ponto de ser o único centro de ensino do município de Afogados com a estratégia de contraturno, ampliando a carga horária do aluno e criando espaços para o melhor desenvolvimento de projetos, reforço de conteúdos e propostas inovadoras.

A prática pedagógica relatada foi realizada na Feira Interativa de Conhecimento, Arte e Ciências – FICAC, projeto de leitura anualmente desenvolvido pela escola entre os meses de setembro e outubro, com intuito de estimular o conhecimento e a busca por métodos inovadores de aprendizagem.

A FICAC é uma proposta da instituição e funciona nos moldes de um evento expositivo, com a temática da leitura, nesse sentido o professor tem liberdade para escolher uma temática dentro dessa proposta, e assim desenvolver um projeto que se enquadre nas referências de autores trabalhados durante o ano. Naturalmente a FICAC é um projeto coletivo, com participação de todos que fazem parte da escola e tem como propósito encontrar formas criativas de incentivo à leitura.

Outro importante destaque é a da Feira Interativa de Leitura e Conhecimento – FILCO, esta organizada pela Secretaria de Educação e visa a reunião dos

melhores projetos de apresentações desenvolvidos nas escolas, nesse sentido estabelece um conjunto de atividades a serem compartilhados em formato de feira cultural para toda a comunidade social. Normalmente são escolhidos apenas duas apresentações de palco por escola, proporcionando uma pluralidade de visões e ideias, promovendo interação e divulgação das ações realizadas dentro dessas instituições.

Todos esses elementos são importantes para o entendimento do relato de experiência a ser compartilhado, que gira em torno de uma apresentação de dança com temática social voltada para questão da mulher, uma proposta didática de crítica e aprendizado que visou uma dinâmica de ensino prático e lúdico.

METODOLOGIA

Nossa orientação metodológica tende para a pesquisa qualitativa, observando que exploramos os significados das experiências vivenciadas na perspectiva de relacionar os sentidos prático e simbólico, nessa acepção buscamos com a escrita compreender, interpretar e dialetizar os fatos abordados, vendo que para MINAYO (2012) esses três verbos são preponderantes em uma pesquisa dessa natureza.

A estrutura desse trabalho também denota os preceitos de uma análise qualitativa, já que segundo MINAYO (2012): experiência, vivência, senso comum e ação, é um conjunto de substantivos que permeiam a matéria prima de uma pesquisa qualitativa, logo seguimos esse norte metodológico fixando nossas ações nos ecos da repercussão da experiência didática relatada.

O escopo do artigo revela também o caráter da pesquisa-ação, isso se enquadra nos propósitos apresentados que denotam essa característica. Sobre esse modelo de pesquisa THIOLENT (2011) relata que é um tipo de pesquisa social de base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação, no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situa-

ção estão envolvidos do modo operativo ou participativo. Nesse contexto afirmamos o sentido de mobilização dado a prática descrita, tendo a problemática social como objeto de estudo dentro da temática da educação, afirmando o ensino como um dos principais parâmetros na busca por transformações socioculturais.

A DANÇA NO ENSINO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

A dança em si possui uma característica de insubordinação, no sentido de que extrapola o âmbito tradicionalista e preza pela liberdade dos corpos, esse sentimento é evidente dentro da virtude performática pretendida ou praticada. Nessa discussão é indubitável o espaço da música na busca por mudança social, principalmente quando tratamos desse ideal enquanto método da proposta educativa.

Nas condições atuais o lugar social de cada pessoa é decisivo para aquilo que ela poderá efetivamente viver e realizar. Esses limites se farão sentir materialmente, no próprio corpo, em todas as esferas da vida, sobretudo em campos como a educação e a arte. (PELLEGRIN, 2007, p. 100)

O cenário social conturbado pode e deve ser explorado no contexto da educação, principalmente observando as ciências que tratam do conceito de humanidade, tidas como núcleo do debate dos fenômenos sociopolíticos, obviamente, presamos pela educação interdisciplinar que abre espaço para qualquer disciplina ter a sociedade como tema, mas tendo como centro a discussão social reafirmamos o papel do grupo: história, filosofia, sociologia e geografia como cerne condutor do estudo da cultura, traduzindo a essência das ciências humanas e sociais aplicadas como são definidas pela BNCC.

Partindo dessa conjuntura tomamos o princípio da dança enquanto manifestação artística para o debate sociológico, colocando em evidência a importância singular dessa expressão cultural e educativa, enxergando a prática tratada nesse artigo como posicionamento favorável a consolidação da dança como conduta pedagógica.

RELATO DO PROJETO NO CONTEXTO ESCOLAR

As motivações que nos levaram a propor um projeto de dança na feira de ciências da escola foram inúmeros, talvez o primeiro a ser elencado seja a busca pelo desafio, enquanto educadores sempre sentimos uma enorme inquietação que não permite acomodamento, que impulsionava o corpo a busca de algo fuja da zona de conforto, esse projeto é um exemplo claro, já que não temos qualquer experiência com a dança.

A escola Dom Mota preza pela liberdade, no projeto de leitura (FICAC) o docente pode escolher entre um esquema de exposição, onde podem ser exploradas oficinas ou projetos de apresentação, que permitem o desenvolvimento de toda e qualquer manifestação artística e cultural. Lotado na escola desde 2017, nos dois primeiros anos de trabalho optamos pela comodidade do projeto de exposição, mas no ano de 2019 surgiu a necessidade de tentar algo diferente, algo que desafiasse as limitações da nossa pouca experiência e representasse um novo passo no nosso método de ensino.

Podemos citar também a apreciação da arte como uma das inspirações dessa ação, que pode ser entendida em diversas vertentes, porém no que se refere ao aspecto da dança nota-se uma enorme defasagem no âmbito escolar, observamos que cada vez menos esse parâmetro é trabalhado em uma disciplina, apenas os professores de Educação Física possuem uma relação familiar com a dança, enquanto os docentes de outras disciplinas raramente trabalham qualquer coisa do gênero.

Existe um movimento de busca por espaço da dança dentro das escolas, já que mais do que um movimento mecânico a dança “é experiência que transcende a palavra, é modo de viver, de estabelecer relações”²⁰, assim toda e qualquer ação que traga esse aspecto para dentro da escola deve ser incentivado, promovendo assim um contato entre aluno, a dança e a sua interpretação sociocultural.

20 Roger Garaudy apud Isabel Marques

Ainda tratando do fenômeno da dança como meio metodológico, observamos que o caráter lúdico desse processo possibilita um maior envolvimento dos sujeitos participantes, que por sua vez conseguem adentrar com maior facilidade no universo do aprendizado, mais do que isso, segundo MARQUES (1990) “a dança favorece íntima relação entre o sujeito e o pensamento, enriquecendo os processos de aprendizagem”.

Outro ponto de motivação se fixou no estabelecimento de um diálogo com a cultura jovem, a música e a dança estão muito presentes no cotidiano do aluno, isso pode ser facilmente observado quando analisamos a estrutura cultural da sociedade moderna, logo um assunto trabalhado utilizando esses artifícios simplificam a sua assimilação por parte desse público, já que são representações que possuem um valor simbólico para o aluno.

Apesar de todas as motivações levantadas, nenhuma se equipara ao real intento do projeto, a principal fonte de inspiração para o desenvolvimento dessa atividade foi a condição da mulher na sociedade contemporânea.

Além do plano didático, metodológico e de prática pedagógica, essa ação pedagógica foi intencionalmente elaborada com o intuito de promover uma reflexão sobre o papel social da mulher em um sistema de opressão, cujo o patriarcado ainda é muito presente, principalmente em cidades pequenas, onde a mulher ainda é vista, somente, como dona de casa, mãe e mulher. O grande exemplo disso é o casamento onde a mulher é entregue de um “dono” (pai) a outro (marido). Através da dança buscamos meios para denunciar e refletir sobre a importância da mulher nos espaços em que deseja ocupar.

Quando pensamos na figura da mulher no plano social, temos como grande expoente dessa discussão a filósofa Simone de Beauvoir, que expõe o caráter da estrutura da sociedade patriarcal, abordando diversos mecanismos de sujeição impostos culturalmente que por si só preparam um cenário de feminilidade

inventada, onde os parâmetros para a definição do que é ser mulher dentro do plano do senso comum servem como instrumentos de submissão e “castração” para a própria fêmea. Em um de seus pensamentos mais conhecidos, Simone de Beauvoir nos explica que:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (BEAUVOIR, 2019, p. 256)

A posição da mulher no quadro social é uma questão muito debatida e válida, na qual um dos principais pontos fica por conta da própria idealização do corpo feminino, muitas vezes colocado na posição de “propriedade social”, pela forma como são impostos limites de ações e até mesmo controle de vontades, “o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir” (BEAUVOIR, 2017). A escolha dessa temática evidencia a reflexão sociológica que tentamos desenvolver entre os alunos e a sociedade de Afogados da Ingazeira – PE.

Obviamente pesa no desenvolvimento do projeto a questão do “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017), enquanto figura masculina não temos total entendimento desse fenômeno já que nos encontramos em uma posição diferente, onde esses estigmas de opressão não se fazem presentes como na realidade da mulher, porém esse não inviabiliza que essa discussão seja levantada mostrando nosso total apoio a questão de busca pela equidade de gênero.

Nessa linha de raciocínio tomamos esse tema como preponderante no meio escolar, principalmente quando temos como cenário uma cidade do interior como Afogados da Ingazeira – PE. Em municípios assim costumeiramente se percebe uma linha tradicionalista com que os cidadãos cultivam sua cultura e identidade social.

PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E RECRIAÇÃO DO PROJETO EM SALA DE AULA

O início do projeto se deu por meio de uma aula-debate de Filosofia, na qual o objetivo dessa ação foi instigar os alunos a pensarem sobre a condição da mulher dentro da conjuntura social, abrindo espaço para discussões que envolvessem uma pluralidade de ideias e assim situar esses jovens no núcleo temático pretendido. Essa fase inicial aconteceu no mês de maio de 2019, como a FICAC da escola normalmente se desenrola no mês de setembro, o tempo é relativamente curto e existia o sentimento de urgência.

A programação de debate durou duas semanas, isso se justifica na medida em que a carga horária de filosofia se limita a uma aula semanal. O plano de aula se articulou em dois momentos distintos sendo que no primeiro dia foi desenvolvido um mapeamento sobre os conhecimentos prévios desses alunos a respeito do assunto proposto, esse mapeamento consistiu em um debate que se desenrolou entre dois questionamentos: Como as mulheres estão inseridas na sociedade? Homens e mulheres gozam de equidade dentro do cenário social?

A conclusão do debate expôs o cenário de crítica pretendido, onde os alunos reconheceram esse problema e apontaram reflexos disso no próprio cotidiano e por já sentirem na pele a participação feminina foi massiva, surgindo relatos de episódio que denotam o contexto opressivo para com a mulher.

Nesse primeiro momento foi notável o ímpeto dos alunos sobre o tema, obviamente o objeto de estudo foi abraçado por esse público que buscou posicionamentos, fazendo com que, essa participação efetiva, rendesse ótimas exposições de ideias, o que nos deu esperança sobre o projeto que pretendíamos.

No segundo momento, foi proposta uma aula de forma expositiva, onde foram levantadas ideias mencionadas no debate anterior para exemplificar algumas das teorias de Simone de Beauvoir, sendo que a intenção desse momento foi, simplesmente, apresentar os pensamentos dessa filósofa de maneira contex-

tualizada, permitindo que os alunos tivessem contato com o que é produzido e pensado sobre esse viés feminista.

Ao finalizar a troca de ideias a estrutura do projeto foi revelada: visando a FICAC, foi explicado que a abordagem se daria por meio de uma apresentação de dança que permitisse a reflexão sobre a violência exercida sobre a mulher dentro da nossa sociedade. No primeiro instante muitos se empolgaram com a ideia, ao ponto de terminarmos com uma lista de quase 15 nomes em uma única turma, porém as dificuldades encontradas se ocuparam da redução dessa lista, sendo que no dia da apresentação o grupo estava composto por 12 alunos de duas turmas distintas, ambas de 9º ano.

As estratégias escolhidas foram colocadas para apreciação do grupo, passando primeiramente pela música que seria encenada no dia da apresentação. A composição escolhida se chama “Triste louca ou má”²¹ da banda brasileira Francisco El Hombre, que justifica, na letra dessa música, a sugestão de tê-la como fundo musical da apresentação, já que possui a mensagem de empoderamento que pretendíamos passar, isso pode ser observado no próprio refrão da canção: “Um homem não te define, sua casa não te define, sua carne não te define, você é o seu próprio lar”.

Os alunos abraçaram a ideia e passamos a articulação dos ensaios. Durante essa fase do projeto a busca por um coreógrafo se mostrou uma das maiores barreiras, precisávamos desse profissional para melhor adequação rítmica e o desenvolvimento de uma coreografia condizente com a canção escolhida. O grande desafio foi justamente a falta de coreógrafos que aceitassem esse desafio, pois nenhum estava acostumado com o arranjo latino da música que remete a cultura mexicana, assim nenhum dos profissionais procurados se habilitaram a participar do projeto.

21 Música da banda Francisco, El Hombre, nominada ao Grammy Latino de 2017 por melhor canção em língua portuguesa.

Pelas inúmeras recusas de coreógrafos nosso projeto ficou estagnado por semanas, a ponto de cogitarmos a desistência que foi, inclusive, comentada com o grupo de alunos. Por incrível que pareça, essa dificuldade foi preponderante para a união do grupo, os alunos queriam de fato desenvolver esse projeto e assim fizemos o possível.

Após muita pesquisa e dedicação do grupo, alguns passos de dança foram incorporados ao início do que seria a nossa coreografia, todo esse projeto não teria sido possível sem o empenho desses alunos que realmente se mostraram totalmente envolvidos em nossa proposta, tanto pela temática, quanto pela forma de expressão artística.

Ideias foram propostas pelo grupo, como por exemplo, a incorporação de uma segunda música a essa apresentação, a canção em questão foi “Dona de mim” da cantora brasileira Iza, que traz a mensagem de empoderamento feminino em diversas partes da letra e também carrega muito mais o estilo desses jovens como pode ser percebido nessa passagem: “Sempre dou o meu jeitinho, é bruto, mas é com carinho, porque Deus me fez assim, Dona de mim”. A sugestão foi prontamente acatada pois necessitávamos desse sentimento de coletividade, o projeto foi cada tendo, vez mais, esse sentido plural.

Os meses foram passando e boa parte dos ensaios foram de tentativas de desenvolvimento de passos de dança e quando toda a coreografia estava terminada o sentimento era de que estávamos no caminho certo, cabia a nós, enquanto conjunto, desenvolver e ensaiar para fazer daquela apresentação algo marcante na história da feira.

Faltando apenas duas semanas para o desenvolvimento do projeto surgiu uma nova ideia por parte do grupo, essa foi inserir no início da apresentação áudios gravados de ligação de mulheres denunciando a violência doméstica, áudios impactantes que tinham o intuito de trazer desconforto, para mostrar a

seriedade do assunto abordado na apresentação. A ideia dos áudios também foi acatada e ficamos incumbidos da edição desse material, para assim reunir os três momentos dessa apresentação.

Uma última sugestão ainda foi assimilada, também por parte desse grupo, e essa ideia dava conta de cartazes desenvolvidos pelos próprios alunos, nos quais trouxeram frases de opressão usadas contra mulheres, desde frases machistas do senso comum como: “Se estava de roupa curta, a culpa é sua”, até frases proferidas por personagens políticos brasileiros, como: “não iria te estuprar porque você não merece²²” dita pelo atual presidente do Brasil, no tempo ainda deputado. O objetivo desses cartazes era fazer o público pensar sobre o que é dito sobre a mulher, e em dado momento da apresentação esses cartazes seriam rasgados em forma de protesto, quando a música traria a mensagem: “E a vida reinventar²³”, retratando a busca por um cenário melhor e simbolizando a resistência.

As duas últimas semanas foram de muita preparação, pois apesar de todo o esforço ainda rondava a insegurança proporcionada pela prática de uma ideia ousada. O que podemos destacar de todo esse processo foi o engajamento efetivo desses alunos, evidenciando que quando uma proposta se enquadra no universo jovem existirá uma motivação extra que pode ser a chave para uma melhor prática de ensino. O projeto ganhou todos os contornos citados e foi chegada a fase de apresentação.

ENFIM... CHEGOU O GRANDE DIA... ABRIRAM-SE AS CORTINAS...

O dia da apresentação foi, também, de muitos ensaios, porém foram os primeiros no local onde seriam realizadas todas as apresentações: Cineteatro São José de Afogados da Ingazeira – PE, local histórico da cidade, por ser o único

22 Link de notícia relacionada: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/06/bolsonaro-vira-reu-por-falar-que-maria-do-rosario-nao-merece-ser-estuprada.html>

23 Trecho da música Triste, louca ou má

cinema do interior e que atualmente vem passando por um processo de reforma para, em breve, e atendendo as normas de segurança, voltar as exhibições de filmes. O Cine é palco de grandes eventos da cidade.

Nossa apresentação de dança ficou escalada entre as últimas, uma vez que era composta por turmas de 9º ano e a direção pedagógica da escola optou por seguir uma ordem crescente de séries com início no fundamental I.

Foto 1 - Apresentação no Cineteatro São José de Afogados da Ingazeira - PE



Fonte: Fotografia autoral.

A apresentação correu melhor do que esperávamos, todos realizaram com maestria o seu papel no espetáculo. De forma notória, percebeu-se o espanto por parte do público que não esperava a abordagem de um tema como aquele em um número de dança, tão pouco a forma como foi retratado, o que para

muitos se qualificaria como polêmico, por tocar em uma “temática tabú”, afinal, apesar de vivermos no século XXI é perceptível que nossa sociedade ainda é tradicionalista, machista e patriarcal.

A maior gratificação foi sem dúvida ver que esse alunos obtiveram sucesso em desenvolver o que foi proposto, que conseguiram assimilar a temática do projeto e explorar esse fator da melhor maneira possível durante a apresentação, cativando o público que era composto de pais de estudantes, alunos, professores, gestores e outros cidadãos que resolveram prestigiar o evento.

Essa apresentação não se restringiu àquele dia, os comentários durante a semana exemplificavam a efetividade do que havíamos planejado, a repercussão foi boa e facilitou um convite para uma nova apresentação, dessa vez na feira interativa organizada pela Secretaria de Educação (FILCO), essa realizada na praça Monsenhor Alfredo de Arruda Câmara, local histórico e um ambiente aberto com capacidade para um número maior de pessoas, onde sem dúvida, conseguimos atingir um público diferente.

Essa apresentação se deu alguns dias depois da FICAC, em conjunto com apresentações selecionadas de outras escolas. Mais uma vez a nossa apresentação ficou para o final, nessa oportunidade a última apresentação.

Nesse evento surgiram alguns contratemplos que tiveram de ser superados, desde o nervosismo exacerbado de alguns dos alunos, até mesmo problemas de horário, o que não impediu a apresentação, que mais uma vez obteve sucesso e conseguiu se sair melhor do que na primeira ocasião.

Foto 2 - Apresentação na FILCO, último dia de apresentações



Fonte: Fotografia autoral.

A mensagem desejada foi transmitida, diversas pessoas vieram comentar a respeito do que haviam visto. O que mais nos concedeu o sentimento de dever cumprido foi ver que buscavam interpretar o que viram com o que viviam, que absolveram a ideia de luta pelos direitos femininos.

Os alunos foram o maior sinônimo de sucesso dessa ação, pois construíram um núcleo de companheirismo e trabalho em equipe que são preponderantes para a formação desses jovens, além disso conseguiram desenvolver um olhar sociológico para esse problema social, o que de fato coloca essa prática pedagógica como um exemplo que pode e deve ser seguido por professores que pretendam adentrar nesse campo de estudo em sua escola, evidenciando a importância da arte dentro cenário escolar.

CONSIDERAÇÕES

Esse relato de experiência teve o intuito de compartilhar uma prática metodológica que pode ser usada no ensino de história, sociologia, filosofia e

Geografia ou qualquer outra disciplina que busque se aventurar nessa temática, mais do que isso, esse relato expõe uma reflexão sobre como os professores podem obter sucesso em seu método de ensino quando tentam se localizar dentro do universo do jovem estudante.

Acreditamos que o ponto chave desse processo foi a liberdade dada aos alunos, que a partir da ideia proposta conseguiram transformar as estruturas do projeto, colocando assim as suas vontades e aspectos culturais que promoviam uma maior identificação, onde o profissional da educação funcionou apenas como mediador e incentivador.

Nesse sentido acreditamos ter obtido êxito, o plano inicial perpassava pelo questionamento do habitus que como diria BOURDIEU (1993) “é a base geradora de estilos de vida”, obviamente a crítica se fez em cima desse habitus na mentalidade social machista tradicional, fato que restringe e inibe a liberdade feminina, possibilitando, assim, uma desconstrução desses conceitos ultrapassados e nocivos, fazendo do aluno e de suas expressões símbolos dessa luta por equidade.

A dança como meio didático utiliza o corpo como instrumento de expressão, manifestação que pode ser consolidada como um método prático quando associado a uma temática social, buscando um meio que “trabalhe com os significados e que trace relações diretas entre dança, educação e sociedade” MARQUES (1998).

Em conclusão afirmamos a importância dos meios artísticos inseridos no meio didático, não só restringidos a projetos esporádicos, mas como prática metodológica a ser adotada de forma constante, viabilizando uma maior participação e interesse dos alunos para com os assuntos trabalhados.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**; tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BLAY, Eva Alterman. **Violência contra a mulher e políticas públicas**. Estudos Avançados [online]. 2003, v. 17, n. 49, pp. 87-98. Epub. 17 de Fev. 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

DE PELLEGRIN, Ana. **Filosofia, estética e educação: a dança como construção social e prática educativa**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação, Campinas, 2007.

MARQUES, Isabel A. **Corpo, dança e educação contemporânea**. Pro-Posições - Vol. 9 N° 2 (26) Junho de 1998.

_____. **A dança no contexto: uma proposta para a educação contemporânea**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

MARQUES, Isabel M M. de Azevedo. **Dança e educação**. Revista: Fac. Educ. Ed. 18 (1/2); pág.: 5 – 22, São Paulo, jan./dez. 1990.

MINAYO, Maria C. S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. Ciência & Saúde Coletiva [online]. v. 17, n. 3, pp. 621-626, 2012.

OSSONA, Paulina. **A educação pela dança**. São Paulo: Summus, 1988.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola**. Cadernos Cedes, ano XXI, no 53, abril/2001.

_____. **Dança na educação discutindo questões básicas e polêmicas**. Pensar a Prática 6: 73-85, Jul./Jun. 2002-2003.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

CAPÍTULO 11

PRÁTICAS DE ENSINO DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19 E A RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA

Ivan Rosas do Nascimento

INTRODUÇÃO

O ensino remoto, modalidade implementada em caráter emergencial educativa, consolida-se como recurso que alia mais uma vez, tecnologia computacional a educação, propondo viabilizar a continuidade das aulas. Uma alternativa pedagógica, que objetiva minimizar os impactos do distanciamento e fechamento das unidades físicas escolares. Diversos níveis escolares renderam-se a essa solução, embora paliativa, tornou-se uma porta de escape para atenuar os impactos na aprendizagem. Evoca-se dessa demanda um grande desafio: a instrumentalização dos professores, educandos, responsáveis e gestores para a operação dos suportes tecnológicos.

Diante da atual conjuntura, uma observação torna-se cristalina: não houve tempo hábil para formações dos professores nas ferramentas digitais, tampouco, infraestrutura mínima para as famílias acompanharem o ensino remoto. Os que dominavam o uso das *TDICs* (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) eram minoria. Na graduação acadêmica docente, os profissionais não receberam sequer horas de aulas para lidar com esta calamidade. Desta forma, os sujeitos envolvidos foram obrigados a dar uma resposta rápida para o uso das aplicações. Um desafio que perpassou diferentes níveis nas esferas formativas, estruturais, socioeconômicas e governamentais.

A estratégia operacional inicia-se com a conversão dos conteúdos livrescos para os formatos digitais, ora dispostos nos compêndios curriculares ou nas fala dos professores, convertendo os dados em arquivos compatíveis com as plataformas digitais. A transfiguração dos conteúdos exigiu esforços, pois, até mesmo nos moldes convencionais uma transposição de conteúdos é um exercício laborioso.

Nesse contexto, o presente objetiva demonstrar como a família aliada à escola tece uma trama ajustada e fortalecedora ao tecido social contra a inércia pandêmica.

Enquanto professores se empenham em decodificar os conhecimentos para as plataformas digitais, outro esforço ocorre concomitantemente no interior dos lares.

É nesse ponto, que se percebe o afunilamento das participações e interações dos envolvidos no processo: nas frágeis condições econômicas, educacionais e culturais das famílias. Distingue-se assim, uma multifacetada malha de grupos familiares que engendram diferentes visões sobre o ensino, e que irá repercutir no desempenho da curva de aprendizagem dos educandos.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

O método consubstancializa-se como instrumento para interpelar o objeto investigado, submetendo-o a um rigor científico durante a pesquisa, perpassando por classificações, fases, técnicas e caminhos sistematizados para organizar e apresentar os fenômenos de forma fundamentada e estruturada.

Com intuito de clarear a importância da família para o sucesso da aprendizagem empreendemos uma atitude de pesquisa balizada na observação dos comportamentos de natureza quali-quantitativa na modalidade descritiva/explicativa, e na busca interpretativa dos fenômenos, que surgem através das novas intervenções pedagógicas de ensino no contexto do ensino remoto. Nesse sentido Gil (2002) corrobora:

Há muitas razões que determinam a realização de uma pesquisa. Podem, no entanto, ser classificadas em dois grandes grupos: de ordem intelectual ou prática. As primeiras decorrem do desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer, a última, do desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficiente ou eficaz. (GIL, 2002, p.17).

O instrumento metodológico repousa na reflexão dos comportamentos e interações entre família e escola, assim como nas leituras de cunho político-econômico que compunham o pano de fundo do grupo. Assim, realizamos uma revisão bibliográfica em artigos, livros e *sites* que tratam do tema. A pertinência desta visa contribuir e/ou levantar hipóteses para a melhoria do processo de aprendizagem e suas relações familiares nesse contexto da pandemia.

A DOCÊNCIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Diante da discussão das informações epidemiológicas veiculadas verificou-se, que algumas notícias resumiam-se em mitos ou até *fakes* (notícias falsas), destarte, é importante definir a patologia causada pelo vírus “invisível” dessa pandemia:

COVID-19 é a doença infecciosa causada pelo novo Coronavírus, identificado pela primeira vez em dezembro de 2019, em Wuhan, na China. [...] As evidências disponíveis atualmente apontam que o vírus causador da COVID-19, pode se espalhar por meio do contato direto, indireto (através de superfícies ou objetos contaminados) ou próximo (na faixa de um metro) com pessoas infectadas através de secreções como saliva e secreções respiratórias ou de suas gotículas respiratórias, que são expelidas quando uma pessoa tosse, espirra, fala ou canta. As pessoas que estão em contato próximo (a menos de 1 metro) com uma pessoa infectada podem pegar a COVID-19 quando essas gotículas infecciosas entrarem na sua boca, nariz ou olhos. (OPAS, 2021, s/p)

Segundo os dados da Organização Mundial de Saúde, no ano de 2021, chega-se próximo a quatro milhões²⁴ de óbitos em decorrência da contaminação do vírus.

Revisitando a história, verifica-se que outras pandemias assolaram a humanidade atingindo também o sistema de ensino, como a Gripe Espanhola de 1918, que dizimou cerca de cinco milhões de pessoas no mundo, cerca de ¼ da população mundial comparando a densidade demográfica da época:

Quarentenas, comércio e escolas fechadas para salvar as pessoas do ataque de um vírus mortal: o mundo já viveu tudo isso intensamente, 102 anos atrás, durante a gripe espanhola. A maior pandemia do século 20 matou, segundo historiadores, 50 milhões de vítimas e deixou lições importantes que até hoje servem de referência.

O vírus da gripe espanhola era um subtipo de outro que hoje conhecemos bem, o Influenza A / H1N1. Naquela época, se viu pela primeira vez que a gripe poderia causar uma catástrofe. Estima-se que, em poucos

24 WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard. Disponível em < <https://covid19.who.int/>> Aceso em 04 de jul. 2021.

meses, cerca de 35 mil pessoas morreram no Brasil - entre eles, até o presidente da república Rodrigues Alves, que tinha acabado de ser reeleito e morreu antes de tomar posse. O Rio de Janeiro, a capital do país, parou completamente.²⁵

Além desses desafios virais, tivemos os períodos entre e pós Segunda Guerra Mundial, e as revoltas internas na história do Brasil, que também forçaram o fechamento das escolas para a segurança da comunidade e dos educandos.

Diante da colossal perda de vidas e prejuízo para o ensino nesta geração, que vivencia o estado pandêmico, examinam-se, seus impactos negativos sociais, educacionais, o descompasso no acesso aos conteúdos, e, as qualidades das relações.

Nesse contexto, ser professor exige, além do domínio de conteúdos e técnicas pedagógicas, outras habilidades que o tornam um profissional complexo e singular, como outros que se reinventaram, mesclando criatividade, arte, resiliência e principalmente, a administração do medo para enfrentar sua práxis. Sentimento este, já apontado por Aristóteles a partir da *Ética a Nicômaco*:

Aristóteles já havia dito isso. O medo não é ausência de coragem. Pelo contrário, a falta de medo deixa o homem confiante demais (insensato), podendo ser um perigo, pois “seriam uma espécie de loucos ou insensíveis se não tivessem medo de nada, nem de um terremoto, nem das ondas com conta os Celtas” . Por isso, coragem é meio-termo entre medo e confiança: equilíbrio dessas duas virtudes. Ter medo não representa covardia, pois “aquele que não experimenta nenhum medo não é também tão corajoso”. A coragem transforma o medo em força, resistência, altruísmo. (PIRES, 2019, p.9)

Outros obstáculos, anteriores a pandemia, ergueram-se na atuação do educador: falta de reconhecimento, condição de trabalho, atividades excessivas, reforma curricular e um governo que mantém em curso uma política de desmonte da educação:

Nos últimos quatro anos (2014-2018), o investimento em Educação no Brasil caiu 56%, o que significa R\$ 11,3 bilhões para R\$ 4,9 bilhões.

25 g1.globo.com. Disponível em < <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/03/29/gripe-espanhola-maior-pandemia-do-seculo-20-matou-50-milhoes-de-pessoas-no-mundo-todo.ghtml>>. Acesso em 04 de jul de 2021

Após a demissão do ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, e nomeação de Abraham Weintraub, em abril deste ano, novos cortes lineares foram brutalmente anunciados.[...] Entre as 150 melhores universidades, 52 são brasileiras, como UnB, UFRGS, UFRJ, UFBA, UFS-CAR, Unesp, Unicamp, USP, entre outras. Quem lidera no ranking é a Pontifícia Universidade Católica do Chile (PUC do Chile). Mesmo com todo esse reconhecimento dos trabalhos das universidades, no mês de junho, foi anunciado o corte de 2,7 mil bolsas de mestrado, doutorado e pós-doutorado no Brasil, pelo CNPQ cortadas 2.331 bolsas de mestrado, 335 de doutorado e 58 de pós-doutorado. O bloqueio representou uma redução de R\$ 4 milhões, em 2019, e até 2020 chegará a R\$ 35 milhões. (PIRES, 2019, p.3)

Vislumbra-se que anterior ao presente momento pandêmico, educadores vinham aguerrindo-se com inimigos em diversas frentes de batalhas por uma educação de qualidade, educação esta, preconizada na Carta Magna como prioridade:

Diz o artigo 205 da Constituição Federal de 1988: “ A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”²⁶

Da identificação dos primeiros focos do vírus ao alastramento que transitou até o Brasil, descortinou-se, mais um despreparo do Governo Federal, que além da morosidade para agir frente ao crescimento dos casos, mostrou-se desarticulado em orquestrar equipes no controle viral, assim como, coordenar ações preventivas e de atendimentos. A dança das cadeiras dos Ministros de Saúde foi exemplo dos sucessivos erros:

Quando há uma sucessiva troca de ministros, a gente percebe que talvez o problema não seja o ministro. Talvez o problema esteja acima do ministro e sabemos que é esse o problema. (CNN-Brasil, 2021, p.1)

A partir do ano de 2019, o SUS (Sistema Único de Saúde), pesquisadores, profissionais da saúde, dentre outros, se debruçaram no combate a pandemia,

²⁶ Educação na Constituição de 1988: O artigo 205. Disponível em< <https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/479/Educacao-na-Constituicao-de-1988-O-artigo-205>> Acesso em: 30/06/2021.

enquanto o governo procrastinava medidas enérgicas e eficientes no combate ao vírus Covid-19. Grandes partes dos esforços foram em vão, ao ser noticiada a morte de mais de 500 mil pessoas, que nos faz refletir: quantas vidas poderiam ser poupadas se houvesse um governo realmente comprometido em combater o vírus de forma apartidária? Ligas de governadores e de outras gestões mobilizaram-se para esboçar medidas de combates, nem sempre apoiadas pelo Estado.

Em outra ponta, educadores, frente a esses desencontros, lutando para garantir o mínimo de aprendizado. Esse ato de coragem é apontado por Freire:

Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. (FREIRE, 2011, p.111)

Um circuito imenso de formações submete os profissionais da educação a trilhas de capacitações para subsidiar ações pedagógicas eficientes para esse novo contexto.

Diante do isolamento social, algo teria que ser feito para minimizar os efeitos do fechamento das escolas e o distanciamento dos conteúdos. Além do Brasil, diversos países tomaram a iniciativa de fecharem as instituições para não alastrar a contaminação. Recorrendo aos a tecnologia digital para mediar o ensino. Embora o uso dos *smartphones* cresça a cada dia, ainda não retrata grande parcela do alunado.

Apostamos na tecnologia com base no dado que mais de cinco bilhões de pessoas pelo mundo utilizam o celular e que seria transformado num recurso voltado para o ensino (GSMA, 2019, p.1). Esses dados estão longe de refletirem a realidade brasileira, pelo contrário, consolida-se em mais uma variável para aumentar o fosso de desigualdades.

A portaria do MEC 321/2020, oficializa o ensino remoto, mas não oferta um programa para atender as famílias que não dispõem dos equipamentos tecnológicos:

Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017 (BRASIL, 2020, p.01).

Foi um desafio integrar a tríade relação entre família, escola e professores neste universo. Entretanto, na educação, o debate sobre a necessidade da instrumentalização dos educadores com as TDICs, sempre esteve em tônica nas pautas formativas:

A formação docente sempre desafiou o campo da educação e ao aliar-se à tecnologia, esse desafio se amplia, pela incorporação de outras ferramentas, mas também, pelo desafio de contribuir para que estudantes transformem informação em conhecimento (CHARLOT, 2005). Portanto, o ensino remoto emergencial no contexto da COVID-19, apresenta além das dificuldades de se viver uma experiência de pandemia para a qual docentes e estudantes não estavam preparados, reatualiza desafios antigos para a educação, como o acesso às tecnologias, formação docente, formação docente e uso de tecnologias, agregado ao fator de se tornar uma regra para todos nas instituições educativas que as adotam [...] (NETO et al, 2020, p. 3)

Levantamentos estatísticos mapearam as ferramentas digitais mais utilizadas nesse contexto da pandemia:

[...]sendo que as cinco ferramentas mais utilizadas foram Google Meet citado por 97,6% dos docentes; aplicativos de mensagens, como WhatsApp, Messenger, Telegram, citado por 91,6%; uso do Google Classroom por 81,9% dos docentes; email por 80,7% e portal do professor citado por 71,1% dos participantes da pesquisa. Quanto ao uso das ferramentas Google vale destacar que a universidade possui um convênio de parceria com o programa Google for Education e isso provavelmente contribuiu para a utilização das tecnologias Meet e Classroom. Outros recursos que também foram identificados pelos professores são: plataforma Youtube, redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter), plataforma Moodle institucional, Zoom, Skype, Kahoot, Google Drive e produção de vídeos.(NETO et al , 2020, p. 4)

Com essa dinâmica de ensino foram desenhados e resgatados modelos metodológicos de ensino, com diversas nomenclaturas e visões mediadoras, onde o professor teve o contato com algumas sem tempo de realizar aplicações experimentais:

Quadro 1 – Práticas de Ensino no Contexto da Pandemia

METODOLOGIAS DE ENSINO	DESCRIÇÃO PRÁTICA
Metodologias Ativas	Nesta, os alunos participam ativamente da construção do conhecimento, como por exemplo, no ensino híbrido, gamificação, entre outras mais.
Aula Síncronas	Aulas que permite a interação entre o educador e educando, em tempo real, através das plataformas digitais.
Aula assíncrona	Modelo onde à aula e/ou atividades são ministradas, mas não visualizadas em tempo real. Ex. Sala de aula do <i>google</i> , <i>hyperdocumentos</i> , formulários do <i>google</i> , videoaulas, arquivos digitais, entre outros.
Ensino Híbrido	Mescla o ensino presencial com o virtual, dentro e fora da escola, propiciando o empenho de intervenções oriundas desses dois campos.
Ensino Remoto	Desloca a prática de sala de aula para um ambiente virtual acessado por meio da internet, onde o conteúdo é produzido e apresentado de forma on-line pelo professor que leciona a disciplina.
Sala de Aula Invertida (<i>flipped classroom</i>)	Modelo onde o conteúdo é estudado antes do encontro com o professor e as discussões e exercícios são mediadas resolvidas posteriormente com o grupo.

Fonte: Organizado pelo autor.

O QUE É PRÁTICA DE ENSINO?

Revisitando o estado da arte, podemos resgatar o conceito de prática educativa de forma sintética:

Definimos prática educativa como o conjunto das ações socialmente planejadas, organizadas e operacionalizadas em espaços intersubjetivos destinados a criar oportunidades de ensino e aprendizagem (MARQUES e CARVALHO, 2016, p. 123)

Com efeito, a prática emana de um planejamento e intencionalidade teórico-metodológica, mas que não é suficiente para dar conta das adversidades cotidianas. Certa vez, em um café no intervalo das aulas, ouviu-se sobre um relato de um pai, que disse que qualquer pessoa poderia ser um professor, entretanto, tal pensamento desmorona-se ao verificar-se que o hiato entre a certificação a excelência da prática, demanda tempo e traquejo. Numa simples analogia, observamos o tempo que um caminhoneiro discorre entre habilitar-se na categoria “E” até poder conduzir caminhões bitrens. São necessários, anos de prática e transitar por várias fases primárias e intermediárias até compreender as dificuldades das manobras espelhadas e articuladas, que exigem extrema perícia. Somente ao serem validadas é que seu empregador confiará um veículo e cargas tão valiosas.

Da mesma forma, o fazer pedagógico perpassa por dimensões de práticas em um universo de múltiplas construções:

[...]quanto ao fazer pedagógico, como quanto à sua estruturação curricular; externamente, quanto aos limites e relações de poder existentes na sociedade, quanto às relações da educação coma a sociedade (o mundo do trabalho, os movimentos sociais etc.), na busca da identificação/caracterização/análise crítica/proposição dos conhecimentos da prática, nas suas múltiplas construções teóricas (racionais, imaginárias, artísticas etc.)[...] (ALVES, 1999, p. 117)

Nesse caminho é necessário ampliar o olhar para captar os diferentes cortes de realidade em seus contextos plurais. A virtualização do ensino pro-

vocada pela pandemia mudou a dinâmica escolar, mas é crucial observar seus movimentos, e não incorrer em dinâmicas que promovam mais desigualdades:

A inexistência de um processo escolar que possa atender às necessidades e particularidades das classes populares, permitindo que as múltiplas vozes sejam explicitadas e incorporadas, é um dos fatores que fazem com que um grande potencial humano se desperdiçado. (ESTEBAN, 2002, p.8)

Sobretudo coadunar as mudanças que ocorrem na sociedade, na escola e na família, sem distanciar-se da realidade dos educandos:

Vivemos frente à diferentes interesses de ordem política, social e econômica, num período em que o homem está exigindo da escola mudanças revolucionárias para suas realizações no campo da ciência e da tecnologia. Nesse sentido, é preciso que a escola trabalhe com um conteúdo que se apoie na realidade em que vivemos cotidianamente. Um conteúdo científico que clarifique e amplie nossa percepção da realidade; um conteúdo revolucionário fundamentado na igualdade existencial entre os homens. (CUNHA, 2000, p.23)

No cenário pandêmico, tais práticas de ensino sistematizado, expostas no quadro 1, foram alternativas, porém, em face da realidade da configuração socioeconômica dos alunos, verifica-se ainda que a equidade para acessar os conteúdos dispostos nos meios digitais estão distantes do corte de realidade de muitos estudantes, em virtude da falta de acesso a internet, aparelhos eletrônicos incompatíveis e consistência no acompanhamento familiar. As combinações desses fatores geram um entrave em que educandos e escolas públicas possam acompanhar o ritmo do ensino remoto, mostra ainda, a falta de oportunidades entre os estudantes oriundos das classes desfavorecidas.

Alguns educandos não participam das aulas e atividades por não terem estruturas tecnológicas apropriadas ou acompanhamento de responsáveis que tivessem tempo e habilidade para assessorá-los no uso das ferramentas digitais.

Com isso, o aprendizado para grande parte da educação pública não da conta de atingir níveis satisfatórios de aprendizagens, provocando outra onda de desigualdades.

ESTA NOVA FORMA DE ENSINAR MODIFICA A RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA?

Do ponto de vista do desempenho mensurado no ensino formal, a continuação no segundo ano de pandemia ressalta grande prejuízo para esta geração. Diante disso, este momento não se torna tão propício para aplicar diagnósticos de aprendizagens. Dar respostas a estes questionamentos no atual cenário instável e experimental, não irá refletir a curva cognitiva real do educando. Outro ponto questionado pelos responsáveis foram os critérios adotados para a aprovação do ano letivo.

Em outros momentos da história, como já exposto, houve interrupções do ensino, mas com realidades diferentes.

O que refletimos hoje é se o centro da escola deve orbitar em torno somente de conteúdos curriculares e como podemos catalisar a atenção da família e enganjá-la como parceira da escola. Daqui a 30 anos, crianças e jovens estarão imersos num sociedade em que metade das profissões de hoje estarão extintas. O que mais lutamos hoje para fixar na mente dos estudantes estará obsoleto. Sobretudo, refletir o que o ensino atual pode contribuir para formação de cidadãos aptos para ingressarem nestas mudanças e serem ativos em suas intervenções. Os saberes mais requisitados não serão conteúdos decorados, mas os de dedução lógica, correlacionais, criativos e inventivos, pois os mais comuns já são delegados para a inteligência virtual *I.A.*, presentes nos robôs eletrônicos ou virtuais:

Quando o Netflix, o Youtube ou o Spotify recomendam filmes de ação, séries de suspense, vídeos de culinária ou um determinado estilo de música, estão sendo usadas técnicas de inteligência artificial. Isso porque existe uma ferramenta que analisa seu comportamento e seus interesses gerando um padrão com as informações dos tipos de conteúdo a que você normalmente assiste. A partir desses modelos, são feitas recomendações na sua página inicial. Outro exemplo são as compras on-line. Quando você adquiriu determinado produto (uma geladeira ou um sapato), uma ferramenta analisa seu comportamento de compra e identifica, por meio da análise de certas características ou do uso de determinadas

palavras, quais mercadorias poderiam ser do seu interesse.²⁷

Em pouco mais de vinte anos a inteligência artificial fará tudo que hoje está em nossas mãos. O que vai caber ao ser humano: a capacidade de criação, sensibilidade, estética e ética. Os assuntos a serem explorados pelos homens serão aqueles que não têm uma resposta objetiva e clara, que foge a interpretação da I.A. Nesse movimento, caberá ao educador transcender a emissão dos conteúdos livrescos e tácitos para a validação epistemológica do que é produzido e depositado na Aldeia Global, e enquanto sociólogos, sondar os valores tramitados na *cybercultura*²⁸. Questionar se a as redes sociais realmente inovaram ou apenas tornaram mais ágeis a reverberação do pensamento humano, seus desejos, sonhos e ódios?

Ao refletir sobre os avanços tecnológicos, percebemos durante o ensino remoto quanto temos que avançar para situar o indivíduo dentro deste contexto de produção e *modus operandi*.

Percebemos que nessa pandemia atravessamos três grandes crises: da pandemia, política e econômica. Além disso, fomos obrigados a sair da nossa zona de conforto para um novo fazer pedagógico. Aprendemos, que nós professores, podemos superar e nos adaptarmos além do que imaginávamos, pois os jovens rotulados como dominantes da tecnologia, não saíram-se tão bem ao utilizá-la para o meio educativo, enfrentando dificuldades para acompanhar as atividades e seguir prazos.

Para nós professores, ao atravessar esse momento tenso, tivemos que apreender com rapidez ferramentas digitais práticas eficientes. Com todo esse dever de casa feito, fomos capazes de dar uma resposta a alguns dilemas: O pro-

27 Inteligência Artificial. Disponível em <https://nossaenergia.petrobras.com.br/pt/energia/o-futuro-pela-transformacao-da-tecnologia-e-inovacao/?gclid=Cj0KCQjwraqHBhDsARIsAKuGZGeGPmOJR-ZO0xGSvRrxOp4U7RyhXNXoOGgQ6vuTz2hvDWHcdIBO_N5laAvU-ZEALw_wcB>. Acesso em 10 de jul de 21

28 O desenvolvimento da cibercultura, ou cultura da Internet, se dá com o surgimento da microinformática nos anos 70, com a convergência tecnológica e o estabelecimento do PC. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cibercultura>> Acessado em 08 de jul de 2021.

fessor será mesmo substituído pela tecnologia? O *Home School*²⁹ é uma solução para o aprendizado?

ENQUANTO ISSO... ESCOLA E FAMÍLIA DÃO AS MÃOS

No ensino, a família tem papel preponderante para efetivar o sucesso na cadeia da aprendizagem. Quando esta se torna presente nas relações presenciais ou pela nova demanda virtual, os resultados são mais expressivos. Eleva a escolarização formal avançando no diálogo que favorece formações mais substanciais.

Não é escopo deste, ater-se a uma configuração específica de família, sobretudo, os grupos unidos por laços afetivos ou de parentesco, que ao longo da história sofreram mudanças, enquanto instituição social e cultural, com amplos contornos. Seja a partir da família patriarcal, símbolo de poder gerida pelo *pater familis*, a nuclear ou burguesa surgida a partir da revolução industrial após a divisão do trabalho, o que interessa é a força da representatividade para a construção do ser social:

Em nossa sociedade não é difícil observamos que crianças abandonadas e/ou negligenciadas pela família e/ou escola, tem seus destinos diretamente afetados, com poucas oportunidades, restando-lhes apenas envolver-se em situações que irão comprometer seu círculo de amizades e atitudes. Para Durkheim, existe distinção entre o ser individual e o ser social. O homem não nasce sendo um ser social, no decorrer de sua existência sofrendo as influências externas ele se constitui num ser social. (ESTÁCIO, 2008, p.4)

Encontramos em Émile Durkheim a família como elo que une os cidadãos, propiciando sua socialização primária, como um corpo amalgamado pela solidariedade que contribui para a ordem social.

A importância da participação da família no desenvolvimento do indivíduo no ensino escolar torna-se imprescindível, pois esse inicia suas primeiras internalizações bem antes do processo da escolarização formal:

29 Ensino doméstico ou domiciliar. Disponível em < <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/homeschooling.htm> > Acesso em 12 de jul de 2021.

[...]a sua percepção antes do seu nascimento através dos fatores emotivos transmitidos na gestação pela sua genitora (mãe). No entanto, é na fase fálica que segundo Freud apud Barros (2002, p. 83) a criança passa a imitar os seus pais, tentando se vestir igual ou desempenhar papéis semelhantes a eles, bem como, repetirem o que seus pais lhes tinham ensinado através de gestos, atos e palavras ditas aos mesmos, diariamente em seus contatos e momentos de lazeres. (SANTOS E PEREIRA, 2016, p. 3)

Desta forma, antes do discente entrar na escola, o mesmo assimila uma grande gama de informação independente do meio escolar, conforma aponta Cury:

O aprendizado depende do registro diário de milhares de estímulos externos (visuais, auditivos, táteis) e internos (pensamento e reações emocionais) nas matrizes da memória. Anualmente arquivamos milhões de experiências. Diferentemente dos computadores, o registro em nossa memória é involuntário, produzido pelo fenômeno RAM (registro automático da memória). Nos computadores, decidimos o que registrar, na memória humana, o registro não depende da vontade. (CURY, 2013, p. 7)

A entrada na escola complementa mais uma fase importante para o indivíduo dando seguimento as necessidades educacionais da família. A parceria entre ambos é preponderante para a melhoria na performance da aprendizagem. Em cada espaço, existem momentos de aprendizagens, com metodologias e filosofias diferentes, que hora se distanciam ou se complementam, onde cada instituição precisa do apoio uma da outra.

Ao participar das atividades em colaboração com a escola, a família, de forma latente contribui para resultados significativos. Esta ação efetiva-se, por exemplo, quando a família demonstra interesse no que o aluno faz na escola, valoriza sua produção, mantém uma cultura familiar que favoreça as aprendizagens escolares entre outros reconhecimentos. Com isso, sua influência pode ser positiva ou negativa frente à visão que cultiva sobre a escola educação.

Não é imperativo que o sucesso de um indivíduo dependa unicamente da família, mas com seu apoio, a formação integral do educando ocorrerá de forma mais assertiva.

Ambas instituições desejam preparar o sujeito para o mundo, embora possuam particularidades, apresentam também necessidades que aproximam uma da outra. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar e, no entanto, ela necessita da família para concretizar seu objetivo.

Ressalta-se que o apoio emocional é de grande valia no momento de distanciamento. O tempo para lazer também não pode ser desconsiderado. Sabe-se que família não é professor, assim como os professores não são *youtubers*.

Estar em casa era antes sinônimo de descansar, relaxar da rotina escolar. Ao inverter esta lógica, estudantes e responsáveis tiveram grandes dificuldades para ajusta-se, mesmo com essa inversão alguns estudantes encontraram formas de matar aulas on-line burlando a câmera das plataformas.

Dos primeiros segmentos ao ensino médio da educação básica, os resultados mais qualitativos foram observados naqueles indivíduos que tinham um grupo familiar compromissado com a escola:

Em tempos de aulas remotas, é notório que uma grande parcela do alunado deixou de participar efetivamente das aulas, quer por condições sociais, por não dispor de recursos para manter internet em casa ou fazer aquisição de aparelhos tecnológicos, quer por falta de conhecimento e habilidades com as ferramentas e aplicativos. Existem ainda aqueles alunos que evadem-se do processo educacional, em razão na inercia ou falta de interesse dos pais, quanto ao acompanhamento dos filhos na escola. É bom lembrar que as legislações vigentes estatuem que é dever dos pais ou responsáveis, não apenas matricular o filho ou pupilo na escola, mas acompanhar o rendimento deste, sob pena de serem responsabilizados por abandono intelectual. Sem o auxílio dos pais, muitas crianças deixam de participar das atividades e enquadram-se como evadidos da escola. Outros alunos podem até ter vontade em participar das aulas remotas mas esbarram na falta de apoio familiar. Sem a participação dos pais a escola não conseguirá ir muito longe e dificilmente alcançara seus objetivos, com isso os prejuízos serão maiores ainda. A escola, mais do que nunca, precisa do apoio familiar neste momento tão difícil no qual todos passamos. (KRAUSER, 2020, p.1)

O autor enfatiza como as famílias torna-se um braço forte no enfrentamento dessa pandemia. Os avanços tecnológicos com todos seus postulados mostra-

ram-se uma alternativa viável, mas não de forma equitativa. Os prejuízos provocados por esta devastação na humanidade se arrastará por várias décadas, mas deixará um questionamento no que tange ao uso das *TDICs*: A quem elas servem e como democratizá-las?

Independente da posição geográfica, social e faixa etária, vemos que a família configura-se como suporte que não sai de cena. A escola contemporânea já anunciava a necessidade de ruir os muros da escola, participação da família e integração nas atividades escolares/acadêmicas. Não duvidamos dos efeitos pós-pandêmicos, mas acreditamos no forjamento de um novo educador, educando e família criados e potencializados pelas novas imersões digitais.

CONSIDERAÇÕES

O alinhamento e envolvimento entre os objetivos da escola e família mostraram-se nesse momento pandêmico como chave para a efetivação da aprendizagem bem sucedida.

Com efeito, os educadores e educandos submeteram-se a gigantescos desafios na empreitada do ensino remoto. Na condução dos processos, professores deflagaram suas capacidade de inovar e superar-se. Agregaram mais volume de trabalho levado para fora do horário de expediente, dificilmente computado e mensurado como horas trabalhadas.

Assim, independente do modelo de grupo familiar, o acompanhamento aos indivíduos nas atividades escolares evidencia-se de primordial importância para engajamento e motivação dos estudantes.

Mesmo estando no meio a um tenebroso contexto histórico, família e escola demonstraram, quando unidas, prosperam, maximizam desempenhos, relevantes para atingir resultados valiosos para a vida do educando.

REFERÊNCIAS

ALBINO, Luciano. **10 lições sobre Max Weber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. – (Coleção 10 lições).

ALVES, Nilda e GARCIA, Regina Leite (orgs.). **O sentido da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

ARAGÃO, José Wellington Marinho de. **Metodologia Científica**. / ARAGÃO, José Wellington Marinho de et al - Salvador: UFBA, Faculdade de Educação, Superintendência de Educação a Distância, 2017.

BRASIL. Portaria Nº 343, de 17 de março de 2020. **Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. D.O.U 18/03/2020**. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Acesso em: 03 jul. 2021.

CNN- Brasil: Rafaela Lara, da CNN, em São Paulo. **Trocas mostram que o problema não está no ministro da Saúde', diz Leite. Data: 16 de março de 2021 às 20:55 | Atualizado 16 de março de 2021 às 21:09**. Disponível em < <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2021/03/16/trocas-mostram-que-o-problema-nao-esta-no-ministro-da-saude-diz-leite>> Acesso em 01 de Julho de 2021.

CUNHA, Dayse Mary D'Alessandro. **Rituais na formação de Professores – Análise da prática dos Fundamentos da Educação em uma Escola Normal**. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2000.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. -3º ed, ver. e ampl. – São Paulo: Atlas, 1995.

ESTÁCIO. Mércia Maria De Santi. **A VISÃO DE DURKHEIM SOBRE A ESCOLA E A FAMÍLIA NA TRANSFORMAÇÃO DA CRIANÇA EM UM SER SOCIAL. XX-VII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires**. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

ESTEBAN, Maria Tereza. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. – 4. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002

GSMA. GSM Association. [S.l.: s.n.], 2020. **Usuários de Smartphones no mundo**. Disponível em: <<https://www.gsma.com/>>. Acesso em: 03 jul. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

KRAUSE, Maucus Periks B. **A integração da família na educação remota do filho. Pensar a Educação em pauta – Um Jornal para a Educação Brasileira. Belo Horizonte, 2020**. Disponível em: < <https://blog.fastformat.co/como-fazer-citacao-de-artigos-online-e-sites-da-internet/>>. Acesso em 25 de jun. 2021.

MARQUES, Eliana de Souza Alencar e CARVALHO, Maria Vilani Cosme de. **O SIGNIFICADO HISTÓRICO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS: UM MOVIMENTO QUE VAI DO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO**. Linguagens, Educação e Sociedade, Teresina, Ano 21, n. 35, jul./dez 2016 Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI | ISSN 1518-0743

NETO, Cristiane Mendes et all. **DOCÊNCIA E USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS EM ENSINO REMOTO EMERGENCIAL**. Ciete Enped. Congresso Internacional de Educação e Tecnologia. 2020. Disponível em < <file:///C:/Users/TRABALHO/Downloads/1456-31-5150-1-10-20210128.pdf>> Acesso em 01 de jul de 2021.

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde. Folha informativa COVID-19 – **Escritório da OPAS e da OMS no Brasil, 2021**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em 02 jul. 2021.

PIRES, Paulo Vitor Giralardi. **A CORAGEM COMO MÉTODO: Uma virtude na identidade de pesquisadores latino-americanos**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belém - PA – 2 a 7/09/2019.

SANTOS, Antonio Fernando e PEREIRA, Francisney Moraes. **EDUCAÇÃO COMEÇA EM CASA: IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS**. Disponível em < <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/EDUCACAO-COMECA-EM-CASA.pdf>> Acesso em 02 de jul de 2021.

SILVA, Ilzei Luciana Fiorelli. **Caderno de metodologias de ensino e de pesquisa / organizador Ilzei Luciana Fiorelli Silva.**[et al.]. – Londrina : UEL; SET-PR, 2009.453 p. : il.

ROGNON, Frédéric. **Os primitivos, nossos contemporâneos**; Tradução Cláudio Cesar Santoro – Campinas, S: Papirus, 1991. (Coleção filosofar no presente).
YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos; trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre : Bookman, 2001.

CAPÍTULO 12

A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO PARA AS ESCOLAS PÚBLICAS

Niedson do Nascimento Amaral

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, como docente, vimos as escolas de Ensino Médio caracterizando a Sociologia como objeto de complementação de carga horária de professores. Tal situação causou inquietação e nos levou a um estudo onde se pense a Sociologia como Ciência Social e, componente da grade curricular, mesmo porque foi uma luta para tal acontecimento. Por essa razão e pela carência de uma visão sociológica, não pode a Sociologia, ser algo abstrato e desconexo com a realidade do educando.

Assim, essa pesquisa pretende realizar uma reflexão acerca da importância da Sociologia na educação básica, em especial no Ensino Médio das Escolas públicas. A partir de uma pesquisa bibliográfica, buscamos entender se a Sociologia tem sido de fato aplicada em sua excelência, no referido nível educacional e se, realmente, tem cumprido, dentro de suas potencialidades, com o seu papel. Neste sentido, vimos, como norte, a importante relação entre educação, escola e sociedade, posto que o trabalho educativo produz, direta ou intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.

Assim, se fez necessário entender o contexto que envolve o ensino da sociologia na educação básica do Brasil. Este, que foi marcado por uma conjuntura econômica e ideológica contraditórias aos anseios sociais, isto porque se pautava numa visão política e econômica e, para tanto, engessava a educação de modo que esta respondesse as ideologias de governo.

Apesar de repetidas retiradas do currículo escolar, a Sociologia voltou a auxiliar, desde e sempre as escolas a oferecerem e garantirem uma educação pautada de conhecimentos, formação de valores culturais e sociais e por isso, capaz do desenvolvimento social individual e coletivo. Assim, o educando se torna um novo ser pelo caráter social e histórico da escola, pois a educação é um bem social e por isso, alcançável a todos.

Desta forma, esta pesquisa objetiva uma reflexão sobre a importância da Sociologia no Ensino Médio das escolas públicas. Pretende-se, aqui, desenvolver um elevado grau de consciência sobre a sociologia e sua importância para o homem e seu meio, conscientizar o educando de suas potencialidades como sujeito social, capaz e transformador. Almejamos ainda, que as escolas repensem as realidades nas quais estão inseridos seus educandos e lhes ofereçam uma educação com sentido de transformação social.

METODOLOGIA

A referida pesquisa foi desenvolvida a partir de uma pesquisa bibliográfica centrada em livros, jornais e revistas.

A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS PÚBLICAS

Historicamente, a Sociologia não esteve presente em todos os tempos na educação brasileira. Na década de 30, ela estava presente de forma reduzida, no ensino superior, possivelmente numa ideologia elitista. Neste sentido, afirma Carvalho:

As Universidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, bem como a Escola Livre de Sociologia e Política são fundadas em 1933, e em seguida (1934) é fundada a Escola de Ciências Sociais da USP. Este momento é marcado por responder as necessidades da elite brasileira para a ocupação de cargos administrativos importantes (CARVALHO, 2004; JINKINGS, 2007, p. 17).

A reforma educacional do Estado novo banuiu a Sociologia do ensino secundário. Extinto o período Estado novo, a Sociologia retorna aos currículos educacionais, naquilo que chamavam de escolas normais. No período de 1960, com a LDB 40.24 de 1961. Ressaltamos que não havia obrigatoriedade.

Na década de 1970, período do ‘famoso’ milagre econômico, onde se preparava os alunos exclusivamente para a força de trabalho, daí o surgimento dos

cursos técnicos, em razão de se buscar atender ao capital estrangeiro, a Sociologia se faz presente nos currículos, ainda de forma optativa. Nesse mesmo período, há um esforço político para a extinção da doutrina em todos os níveis educacionais. Deram surgimento as disciplinas de Organização Social e Política do Brasil – OSPB e Educação Moral e Cívica – EMC, em substituição da Sociologia.

No período de 1970, dentro da crise econômica e do regime de ditaduras, no Brasil, enxergávamos a organização de lutas sociais, ainda que sufocadas, mas resistentes. É a partir dessas lutas e anseios sociais que a Sociologia retornaria aos currículos, de forma obrigatória, ainda que em pequena escala, mas voltaria. Seu retorno ocorreu após a LDB 9394.96, só em 1988, após a constituição cidadã.

A partir daí, é notável a concepção de doutrinadores, em dar sentido a Sociologia para a formação cidadã e humanizadora. Daí, a carência de profissionais qualificados, licenciados, o daria norte ao ensino sociológico. Assim, defende Fernandes:

A questão de se saber se a sociologia deve ou não ser ensinada no curso secundário coloca-se entre os temas de maior responsabilidade, com que precisam defrontar-se os sociólogos no Brasil. Os interesses profissionais alimentam a presunção de que seria uma medida praticamente importante e desejável a introdução da sociologia no currículo da escola secundária brasileira. Admite-se que as oportunidades docentes concedidas aos licenciados em ciências sociais são demasiado restritas. A ampliação do sistema de matérias no ensino secundário permitiria garantir uma absorção regular ou permanente dos licenciados e garantiria as seções de Ciências Sociais das Faculdades de Filosofia certa equivalência com as demais seções, no que concerne a motivação material dos alunos, que procuram estas Faculdades porque pretendem dedicar-se ao exercício do magistério secundário e normal. Tais interesses são naturalmente legítimos. Nas condições brasileiras é quase impossível estimular o progresso das pesquisas sociológicas sem que se criem perspectivas de aproveitamento real de pessoal especializado (FERNANDES; 1976, p. 105).

Compreende-se a preocupação do doutrinador com o posicionamento da Sociologia no ensino secundário e sua função e importância na educação brasileira. Para o autor, seria importante entender a quem atende o ensino da sociologia, se está norteado ao mundo do trabalho ou a formação cidadã e humanizada.

A inclusão da Sociologia como disciplina obrigatória no Ensino Médio, traz para a escola a discussão sobre a organização e a dinâmica da sociedade capitalista, contribuindo significativamente para o exercício da cidadania e a construção de um modelo de sociedade em que os cidadãos despertem para um maior comprometimento com as questões humanas (SOUZA. 2009, p. 15).

É notável, a partir da Sociologia, a preocupação de como se organiza a sociedade em um mundo capitalista. Além disso, frente a uma cultura diversificada que precisa de ações equânimes, para promover da igualdade.

A contribuição da Sociologia na formação dos jovens vai, portanto, além da formação crítica para a cidadania, tal como propugnado pelos documentos oficiais. Esta disciplina visaria, igualmente, contribuir para a construção do “olhar sociológico” que permitiria aos alunos desenvolver um olhar fundamentado e diferenciado sobre o mundo que os cerca, de forma a superar o senso comum (FERREIRA, 2012, p.14).

Nesta perspectiva, é de notável consenso, a importância da Sociologia na educação, aqui, especificamente no Ensino Médio. Tal importância se confirma pelo fato de fazer com que a escola haja e seja vista de forma global e universal. Que tenha, também, seu caráter individual conforme as necessidades daqueles sujeitos que nela estão inseridos. Isso nos leva a crer que os ensinamentos sociológicos fazem da escola uma instituição social jamais neutra, mas educativa, nos princípios da igualdade e equidade.

A Sociologia e o Ensino Médio são vistos como uma junção que produz formação numa perspectiva crítica, onde o ato de educar pode e deve ser visto como algo que instrumentaliza os sujeitos visando as transformações sociais.

A ESCOLA PÚBLICA

A educação, no Brasil ou no mundo, sempre foi e será vista, como a mola propulsora para o crescimento humano, muito embora esteja composta de um conjunto de fragilidades que comprometem seu real sentido diante dos anseios sociais. Tal problemática se estende desde o pedagógico, a gestão, o estrutural e o social, o que compromete a produção dos saberes e um cumprimento legalista

de educação como direito de todos, pelo menos ao que se refere à qualidade. Salientamos que os percalços vividos pela escola se relacionam diretamente com a relação entre família, comunidade e Estado. Quando um destes deixa de assumir o seu papel, não há que se falar em qualidade em educação, seja no estrutural, na gestão, no pedagógico, na formação docente ou na valorização profissional. Acrescente-se a gama de problemas sociais que adentram a escola e a esta é delegada a obrigação única de resolução de conflitos e confrontos cotidianos.

Nesse contexto, a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais, recepciona em seu artigo segundo, que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família. (Lei 9394/96): “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Diante do já mencionado nos textos legais, o que ainda temos nas escolas é a ausência de ações das entidades mencionadas. A escola, muitas vezes se encontra distanciada daqueles que também são responsáveis pela educação.

Além disso, vivemos um novo modelo social marcado pela ciência e tecnologia, o que exige de todos os responsáveis pela educação, mais comprometimento. Essa nova ordem social, possibilita intercâmbios culturais, sociais e econômicos, portanto vivemos um momento educacional, onde a escola está inserida num contexto amplo de sociedade, o que requer um novo olhar para a educação. Um olhar educativo e inclusivo, nem está preso à economia ou política, como bases únicas de subsídios.

A educação não tem como finalidade servir à economia, e sim ser a indicadora dos caminhos da economia. Não deve ficar de costas para ela, mas não precisa ser sua escrava, nem ter pragmatismo tal que seus índices de eficácia sejam medidos pelas taxas de crescimento econômico (ALMEIDA, 2006:15).

Apesar dos obstáculos, cabe à escola encontrar caminhos para uma educação de qualidade e que atenda às necessidades sociais, sabendo que ela é

parte dessa estrutura social. Talvez o grande desafio para melhorias do quadro atual seja repensar, refletir e chegar consenso de que a educação alcança níveis desejáveis a partir de concisas ações de todos os responsáveis. Neste contexto, pensar o educando como ser social pressupõe promover a sua interação. É neste sentido que somos carentes, nas escolas da efetividade dos ensinamentos sociológicos, dada a sua relevância para a formação humana. Vimos tais ensinamentos, como forma de promoção social, capaz de instigar o aluno (a) a se aproximar, gostar e permanecer na escola, um espaço social de construção de saberes com a participação coletiva. De acordo com Garcia, vimos:

[...] na escola, a cidadania, enquanto aprendizagem e exercício social afetivo, precisa se referir, por exemplo, não somente ao acesso a diversas formas de conhecimento, mas também a uma prática social de respeito, de igualdade, de dignidade e de participação (GARCIA, 2008, p.70).

Desse modo, a escola como instituição social, tem papel de fundamental importância na vida em sociedade. É a partir dela e da educação de qualidade, que atingiremos os caminhos da modernidade. Para isso, precisamos conhecer a nossa realidade e buscar caminhos para as melhorias. Isto só será possível, na medida em que os autores educacionais derem as mãos para uma melhor educação. Para Nóvoa:

Há hoje [na escola] um excesso de missões. A sociedade foi lançando para dentro da escola muitas tarefas – que foram aos poucos apropriadas pelos professores com grande generosidade, com grande voluntarismo –, o que tem levado em muitos casos a um excesso de dispersão, à dificuldade de definir prioridades, como se tudo fosse importante. Muitas das nossas escolas são instituições distraídas, dispersivas, incapazes de um foco, de definir estratégias claras. E quando se enuncia cada uma dessas missões ninguém ousa dizer que não são importantes. Mas a pergunta que se deve fazer é: a escola pode fazer tudo? É preciso combater esse “transbordamento”. Tudo é importante, desde que não se esqueça de que a prioridade primeira dos docentes é a aprendizagem dos alunos (Novoa, 2007, p. 6).

É notável, que a sociedade, segundo o autor, delegou à escola todos os poderes para cuidar de seus filhos. Tal situação foi aos poucos recepcionada

pelos profissionais de educação e, por um ato generoso, cumprido conforme as possibilidades. Estas, são reduzidas exatamente pela ausência da família, posto que a escola não tem condições de fazer tudo sozinha e, nesta condição, compromete o ensino aprendizagem.

A SOCIOLOGIA E SUA RELEVÂNCIA PARA O ENSINO MÉDIO

Ao nos depararmos e observarmos a grade curricular, inclusive atualizada, do Ensino Médio, é possível perceber a função assumida pela Sociologia, dada a sua distinção, muito embora em minúscula carga horária. Esta doutrina proporciona aos alunos uma visão mais apurada e uma reflexão sobre as suas realidades sociais.

Assim, é possível observarmos que nosso alunado, numa visão sociológica, possa adquirir uma formação solidificada a partir da compreensão, de forma crítica do meio social pertencente. Isto significa dizer que há um desenvolvimento de raciocínio, de uma forma capaz de pensar o mundo observando a coletividade e suas vivências, dada a possibilidade de reflexão da pessoa humana. Há, aqui, a tentativa de entre os adolescentes, proporcionar a estes um entendimento saudável de suas relações sociais.

Talvez, por estas razões, há muitos anos, representantes da sociedade, discentes e docentes, bem como suas entidades representativas tenham lutado para que a sociologia fosse uma realidade no Ensino Médio, o que viria a ocorrer na década de 90, para o bem daqueles que entendem a escola como um espaço social e diversificado.

A partir de então, há uma obrigatoriedade da Sociologia na grade curricular, apesar de alguns problemas para sua real efetivação. A exemplo podemos citar a falta de formação docente, a redução de carga de outras disciplinas, dentre outros. A sociologia inova o Ensino Médio, pois ratifica a ideia de formar cidadãos críticos em torno das realidades porque passa o país e de que nossas relações ou os fenômenos sociais têm uma explicação plausível.

É possível que aqui resida a grande relevância da Sociologia na educação básica: formar cidadãos conscientes proporcionar-lhes *apreço à tolerância e consideração com a diversidade étnico-racial, reflexão sobre o pluralismo de ideias, claro entendimento da vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais, além de tornar o homem um ser pensante, social e sociável.*

[...] formação de jovens com a capacidade de investigar e propor soluções para os problemas nacionais. Esses jovens imbuídos de um caráter científico e prático conduziram as transformações da realidade brasileira. Tratava-se, portanto de um projeto de constituição de uma nova elite dirigente. Projeto no qual a sociologia teria um papel fundamental. Por isso, a presença dessa disciplina nos cursos complementares e no curso normal, visto que nesses cursos se iniciava a formação dos futuros advogados, arquitetos, engenheiros, médicos e professores. (SANTOS, 2002, p. 4)

Vimos, assim, o ensino da Sociologia como um processo de construção social, trazendo a verdadeira compreensão dos espaços sociais, além de apontar horizontes para o mercado de trabalho, para o exercício da cidadania, para o surgimento da sensibilidade para entender o coletivo. Não se deixa de fora, o grande papel da doutrina quando falamos em política de igualdade. Assim, está sendo garantido na escola que o aluno ultrapasse os limites do senso comum, para analisar suas vivências sociais, suas relações sociais e que, como homem de seu tempo, possa ser um cidadão crítico e transformador.

CONSIDERAÇÕES

Foram grandes os desafios encontrados para a inclusão da Sociologia na grade curricular educação brasileira, em especial no Ensino Médio, ao longo dos tempos. Tais obstáculos estão relacionados a vontade política, a questões estruturais, a formação docente e a ideia de que dificultaria as demais disciplinas

Tais problemáticas passaram de Brasil em Brasil: da colônia a república, porém é ato consenso que a Sociologia trouxe uma nova e consciente forma de pensar para a educação, em especial, no Ensino Médio, posto que:

A natureza humana é o conjunto de relações sociais historicamente determinadas. Mas o conjunto das relações sociais é contrário em todo o momento e está em contínuo desenvolvimento, assim como a natureza do homem não é algo homogêneo para todos os homens e em todos os tempos. (GRAMSCI, 2000, p.376).

Para o autor, a escola deve entender que o homem em suas relações sociais está sempre em desenvolvimento, de tal maneira, deverá ser a educação que lhe é oferecida. Neste sentido, segundo Costa:

O conhecimento sociológico é mais profundo e amplo do que a simples formação técnica – representa uma tomada de consciência de aspectos importantes da ação humana e da realidade na qual se manifesta. Adquirir uma visão sociológica do mundo ultrapassa a simples profissionalização, pois, nos mais diversos campos do comportamento humano, o conhecimento sociológico pode levar a um maior comprometimento e responsabilidade para com a sociedade em que se vive” (p.37).

Desta forma, no ensino médio, a Sociologia contribui de forma qualitativa, para a formação social do sujeito, pois lhe dar apropriação de uma nova forma de pensar o mundo, a partir de novas teorias acerca desse conjunto de complexidades que cercam a vida coletiva. Portanto, cabe a escola e a educação, uma formação humana para humanos, instrumentalizando estes e os auxiliando na sua forma de interagir com o mundo e construir sua própria história.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernando José, 2006. **“Por que educação em primeiro lugar”?** In: São Paulo: Instituto DNA Brasil.

CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de. **A Trajetória Histórica da Luta Pela Introdução da Disciplina de Sociologia no Ensino Médio no Brasil.** In: **Sociologia e Ensino em Debate: Experiências e Discussão de Sociologia no Ensino Médio.** Editora Unijuí. Ijuí-RS. 2004.

FERNANDES, Florestan. **Funções das Ciências Sociais no mundo moderno.** In: Educação e Sociedade. Org. PEREIRA, Luiz e FORACCHI, Marialice M. Companhia Editora Nacional. 9ª edição. São Paulo. 1978. (Florestan Fernandes, **Ensaio de sociologia geral e aplicada,** Liv. Pioneira Ed. São Paulo, 1960, pp. 291-300).

FERREIRA, F. in UFPE. **Revista do programa de pós-graduação em sociologia- PPGS. Estudos de Sociologia.v. 2, n. 18 (2012)**

GARCIA, Joe. Indisciplina, **incivilidade e cidadania na escola**. In: CUNHA, Jorge Luiz da & DANI, Lucia Salete Celich (org). **Escola, conflito e violência**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008

GRAMSCI, A. **Problemas da Vida Cultural: a formação dos intelectuais**. In SOARES, R. D. Gramsci, **o Estado e a Escola**. Inijuí: Unijuí, 2000.

NÓVOA, António (Org). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2007.

SANTOS, Mário Bispo dos, **A sociologia no contexto das reformas educacionais: um século de idas e vindas da sociologia no ensino médio**. 2002.

SOUSA, Maria das Dores de. **A sociologia no Ensino Médio: mais de cem anos de luta**.GT 2015 - Ensino Médio e Educação Profissional.

CAPÍTULO 13

O JOGO DIDÁTICO NO ENSINO DE SOCIOLOGIA COMO MEDIADOR DA APRENDIZAGEM PARA OS ALUNOS SURDOS E OUVINTES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

*Adriana Farias do Nascimento
Fabiano Custódio de Oliveira*

INTRODUÇÃO

O Curso de Mestrado Profissional em Sociologia, possibilita que o aluno em formação no mestrado, venha contribuir para o ensino de Sociologia no Ensino Médio, tendo em vista que a obrigatoriedade do ensino tornou-se realidade a partir da Lei 11.684/08, assim sendo, muitas implicações surgiram em decorrência dessa obrigatoriedade tardia. A dificuldade mais preeminentemente vem sendo a carência de formação docente e quantidade inexpressiva da carga horária da disciplina de Sociologia. Nesse sentido, pode-se considerar descaso em relação à importância dessa disciplina para a formação crítica e reflexiva dos jovens.

Ao deparar com as implicações acerca do entrada tardia do conhecimento sociológico no currículo escolar e no cenário educacional do país, pode-se mencionar uma questão mais agravante que diz respeito à realidade educacional vivenciada pelos sujeitos surdos da Educação de Jovens e Adultos, que tardiamente e com dificuldades adentram no Ensino Médio. Desse modo, somam-se os obstáculos à inclusão dos surdos no sistema educacional que funcione de forma efetiva. A inexistência de intérprete em sala de aula, professores que desconhecem a Língua de Sinais, e metodologias que contemplam somente a maioria dos alunos ouvintes são parte dos obstáculos que relegam os surdos ao descaso educacional.

No que se refere à metodologias didáticas, os sujeitos surdos são visuais e precisam que as metodologias explorem de forma intensiva este aspecto. Nesse sentido, os jogos didáticos podem ser mecanismos eficientes para viabilizar o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias aos objetivos pedagógicos e à construção do conhecimento. Desta forma, a pesquisa teve por objetivo produzir e experimentar um jogo pedagógico inclusivo que potencialize o processo de ensino-aprendizagem no ensino de Sociologia, através da mediação numa sala de aula com alunos surdos e ouvintes na Educação de Jovens e Adultos.

Assim, o uso de jogos didáticos pode ser uma possibilidade para mediar o ensino e aprendizagem de Sociologia para alunos surdos da Educação de Jovens e Adultos, pois estimulará criatividade, desenvolvimento de percepções, senso de iniciativa e crítico. As estratégias de ensino por meio de atividades lúdicas permitirão aos alunos surdos capacidade de problematizar e refletir conhecimentos que estão naturalizados no cotidiano.

A partir desse contexto, se faz necessário o uso de metodologias didáticas atrativas que favoreçam a interação entre surdos e ouvintes e respeite as especificidades linguísticas dos sujeitos surdos. Nessa perspectiva, a produção do jogo titulado *Balaio Sociológico Cultural* contribuiu para efetivar o ensino de Sociologia entre os alunos surdos e ouvintes da Educação de Jovens e Adultos. Pois, essa metodologia promoveu uma aprendizagem de forma dinâmica e interativa.

Desta forma, essa pesquisa é de grande relevância em dois sentidos, no sentido do contexto escolar do Ensino Médio, como também no contexto acadêmico. No contexto escolar do Ensino Médio a pesquisa visa potencializar o Ensino de Sociologia, para alunos surdos, por meio de jogos didáticos, tendo em vista que cotidianamente estes sujeitos ficam a margem no espaço escolar e socialmente invisibilizados. Assim, propomos fazer uma intersecção entre os jogos didáticos para mediar o processo de ensino-aprendizagem de Sociologia, pelos alunos surdos da EJA, favorecendo a interação entre os alunos surdos e ouvintes no ambiente escolar.

No contexto acadêmico, essa pesquisa vem contribuir para que estudos, voltados para os sujeitos surdos, possam ser enriquecidos com metodologias adequadas para o ensino e aprendizagem destes, como também colabora com uma reflexão sociológica e pedagógica no que se refere à interação entre sujeitos surdos e ouvintes no âmbito da sala de aula. Pois segundo Grandó (2000, p. 15), é fundamental:

A busca por um ensino que considere o aluno como sujeito do processo, que seja significativo para o aluno, que lhe proporcione um ambiente favorável à imaginação, à criação, à reflexão, enfim, à construção e que lhe possibilite um prazer em aprender, não pelo utilitarismo, mas pela investigação, ação e participação coletiva de um todo que constitui uma sociedade crítica e atuante, leva-nos a propor a inserção do jogo no ambiente educacional, de forma a conferir a esse ensino espaços lúdicos de aprendizagem.

Em relação ao material construído para ser utilizado na disciplina de Sociologia, a proposta de confecção de um jogo é uma estratégia de ensino que oportunizará aos sujeitos surdos, que apresentam uma diferença linguística e cultural, que sejam estudados sociologicamente e pedagogicamente enquanto grupo. Além de possibilitar que a construção do conhecimento seja direcionada para um grupo de pessoas que historicamente foi excluído e que no cenário educacional ainda se encontram a margem. Portanto, a Sociologia vem contribuir para reflexão e uso de metodologias adequadas para o ensino destes sujeitos, como também para sua interação no contexto da sala de aula da Educação de Jovens e Adultos.

O JOGO PEDAGÓGICO COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE SOCIOLOGIA INCLUSIVO PARA SURDOS E OUVINTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

O Ensino de Sociologia no Brasil tem passado por períodos de intermitência, mas por meio da Lei nº 9.394/96, a Sociologia se torna obrigatória como disciplina que compõe do currículo do Ensino Médio. No Artigo 36, § 1º, Inciso III, há a determinação de que “ao fim do Ensino Médio, o educando deve apresentar domínio de conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania”.

Mas na prática do cotidiano escolar, a disciplina ainda é marginalizada, pois essa insegurança na efetivação e permanência da disciplina faz com que ela não tenha alcançado o devido prestígio dentro do currículo escolar. Como destaca Silva (2007), há problemática em relação à disciplina no contexto escolar:

No currículo das competências a Sociologia e as Ciências Sociais não entram como disciplinas do núcleo comum, mas podem estar na parte diversificada, como disciplinas escolhidas pelas escolas. Por isso a Sociologia continua instável, e com dificuldades de se firmar como disciplina escolar. Isso interfere na formação de professores, uma vez que o espaço de trabalho como professor de Sociologia não está consolidado. Nos currículos em que a Sociologia apareceu dessa forma, o seu ensino foi ministrado predominantemente por professores com formação em áreas tais como a Pedagogia, História, Geografia, entre outras. (SILVA, 2007, p. 417)

Por isso, no espaço escolar a disciplina de Sociologia, que visa a formação da cidadania, não está cumprindo o seu papel, tendo em vista que as disciplinas que necessitam uma reflexão, são caracterizadas como perigosas, por possibilitar que os alunos façam uma reflexão, de conjunturas normalizadas. Por esse motivo, estão sempre em constante ameaça de retirada do currículo escolar. Esta configuração ocorre por que a disciplina potencializa que os educandos possam ser conscientes e emancipados e assim intervir na sociedade. Como destaca Giddens (2005):

A Sociologia pode ajudar em nossas vidas através do desenvolvimento da consciência das diferenças culturais: “a sociologia nos permite ver o mundo social a partir de outros pontos de vista que não são o nosso”; avaliando os efeitos das políticas: “a pesquisa sociológica fornece ajuda prática na avaliação dos resultados de iniciativas políticas”; e também através do auto-esclarecimento: quanto mais sabemos por que agimos como agimos e como se dá o completo funcionamento de nossa sociedade, provavelmente seremos mais capazes de influenciar nossos próprios futuros (GIDDENS, 2005, p.27).

E no que tange ao Ensino de Sociologia, esta disciplina tem muito o que ser problematizada para contribuir de forma eficaz com o processo educacional. Portanto o uso de jogos didáticos nesta disciplina pode ser uma proposta inovadora, pois através da interação possibilitada pelo jogo, e a troca de saberes entre professor-aluno, aluno-aluno, e aluno-professor, e, nesta conjuntura a construção do conhecimento se efetiva.

O uso destas metodologias didáticas, tais como o jogo pedagógico consta nos PCN+ (BRASIL, 2006), como um recurso didático que colabora e estimula a

aprendizagem dos alunos:

Os jogos e brincadeiras são elementos muito valiosos no processo de apropriação do conhecimento. Permitem o desenvolvimento de competências no âmbito da comunicação, das relações interpessoais, da liderança e do trabalho em equipe, utilizando o a relação entre cooperação e competição em um contexto formativo. O jogo oferece o estímulo e o ambiente propícios que favorecem o desenvolvimento espontâneo e criativo dos alunos e permite ao professor ampliar seu conhecimento de técnicas ativas de ensino, desenvolver capacidades pessoais e profissionais para estimular nos alunos a capacidade de comunicação e expressão, mostrando-lhes uma nova maneira, lúdica, prazerosa e participativa de relacionar-se com o conteúdo escolar, levando a uma maior apropriação dos conhecimentos envolvidos (BRASIL, 2006, p. 28).

O jogo pedagógico é um recurso didático que contribui no processo de ensino-aprendizagem, pois também parte de uma perspectiva prática e visual, mas ainda são muito incipientes os jogos pedagógicos para alunos surdos, e praticamente inéditos o uso destes jogos didáticos para ensino de Sociologia para alunos surdos e ouvintes concomitantes da Educação de Jovens e Adultos.

Mediante este cenário de poucos estudos voltados para o ensino de Sociologia para alunos surdos, foi realizado pesquisas nas plataformas digitais da *Scielo* e *Capes*, a fim de localizar estudos de jogos didáticos para mediar o ensino e aprendizagem de Sociologia, para alunos surdos. Nesta perspectiva traremos isoladamente os estudos realizados sobre jogos pedagógicos e ensino de Sociologia, para alunos surdos.

Ao tratar de estudos voltados para jogos pedagógicos encontramos em larga escala trabalhos voltados para esta perspectiva. Temos estudos recentes que apontam para as vantagens de se usar estes recursos didáticos para mediar o processo de ensino- aprendizagem. Pois como destaca Brito *et al* (2015), com o artigo: Dinamizando e motivando o aprendizado escolar por meio dos jogos pedagógicos, destaca que por meio de uma abordagem experimental de um jogo didático em sala de aula, os resultados apontaram que fica evidente que a associação de metodologias proporciona resultados mais favoráveis, sugerindo

um efeito aditivo das diferentes metodologias, tendo em vista que durante a aula tradicional os alunos não demonstraram interesse nem entusiasmo. E a pesquisa mostrou que o jogo é uma atividade que demonstra curiosidade, motivação pelo fato do desafio, pois a junção destes componentes na atividade lúdica possibilita condições favoráveis de desenvolver a aprendizagem.

Como também Lamas (2015), no artigo intitulado: *O jogo como recurso pedagógico – Ser, comunicar, interagir, construir conhecimento*, aponta a relevância de uso da ludicidade para envolvimento dos alunos na aprendizagem pelo prazer, pois o jogo contribui para a criação de situações propícias ao desenvolvimento do aluno, seja na sua forma de ser e estar – construindo a sua identidade –, de conviver – comunicando, interagindo –, seja ainda de conhecer – construindo conhecimento(s) e rentabilizando-o(s) em prol de si, do(s) outro(s) e da(s) comunidade(s) em que se integra. Nesta perspectiva a autora corrobora para as vantagens do uso do jogo, como recurso didático de mediação da aprendizagem.

No que tange o ensino de Sociologia para alunos surdos Fagner Carniel e Lennita Ruggi (2009), no artigo intitulado *Retratos da Surdez: por um perfil da juventude usuária de língua de sinais em Curitiba*, trazem embasamento teórico de estudiosos através de estudos na Sociologia contemporânea. Os autores descrevem o cotidiano de uma escola de surdos e se amparam nos estudos de Goffman para falar das estigmatizações sofridas pelos sujeitos surdos, tendo em vista que os estudos apontam o olhar do colonizador dos ouvintes em direção às pessoas surdas, se estabelecendo uma cultura do silêncio, com sujeitos limitados de autonomia, educacional e socialmente. E continuamente os autores trouxeram um dado relevante apontado por Bryan Turner, a respeito das “deficiências”, que esteve praticamente ausente do debate sociológico da contemporaneidade e nunca chegou a configurar efetivamente um eixo estrutural para analisar as formas de dominação e exclusão da modernidade ocidental.

Assim sendo, é possível perceber a invisibilidade posta aos sujeitos que estão fora do padrão de normalidade, neste caso os surdos, em que o poder dos

grupos hegemônicos, os ouvintes, estigmatizam os sujeitos que apresentam uma língua diferente, que apreendem o mundo de forma distinta e vivenciam uma cultura particular, que os caracterizam como específico, mas jamais de forma inferior. Como destacam os estudos de Strauss (1958, p. 325) que aponta o conceito de cultura numa perspectiva formal, que não se caracteriza universalmente, mas de forma que ocorre por meio de agrupamentos significativos.

O termo 'cultura' é empregado para reagrupar um conjunto de afastamentos significativos cujos limites a experiência prova coincidirem aproximadamente. Que esta coincidência não seja nunca absoluta, e que ela não se produza nunca em todos os níveis ao mesmo tempo; isto não nos deve impedir de utilizar a noção de cultura [...] (LÉVI-STRAUSS, 1958, p. 325).

E no caso dos surdos um artefato cultural pertencente ao grupo dos surdos que os caracteriza é Língua de Sinais, pois expressa sua identidade, e os distingue enquanto surdo, tanto quanto os aspectos visuais que valorizam e respeitam a sua identidade cultural do surdo, a partir do paradigma viso-espacial.

E no que tange a educação de surdo, traremos para analisar no estado da arte a obra *A educação inclusiva e o papel socializador na realidade do surdo no Brasil*, de Martins Alves e Menezes Junior (2017), que vem apontar a complexidade educacional do surdo, no ponto de vista da educação inclusiva em contraposição a educação bilíngue, visto que a proposta educacional inclusiva corrobora para que o surdo venha ser educado dentro do sistema vigente majoritário e ouvinte, no modelo oral auditivo que não permite ao surdo desenvolver-se na aprendizagem, e tão pouco linguisticamente. Para legitimar essa concepção utilizam a obra de Soares e Lacerda para mostrar as implicações na educação inclusiva para os surdos:

A inclusão almejada acaba ficando somente nos desejos da escola/professora, porque há uma organização que implícita ou explicitamente valoriza o ouvir, o ser ouvinte, isso acaba aparecendo e marcando as relações, revelando uma práxis pouco ou nada inclusiva. Nesse constante jogo, constrói identidades que se sucedem e se antagonizam, indicando os efeitos desse ambiente em sua constituição (SOARES; LACERDA, 2004, p. 141).

Os estudos apontam que o modelo educacional inclusivo, desvaloriza a Língua de Sinais e a cultura surda, pois fomenta a igualdade e tolerância, no espaço escolar, mas não se efetiva enquanto escola que respeita a língua e limita a interação entre surdos e ouvintes, em virtude da barreira linguística. Pois segundo, Reily:

A linguagem integra e constitui a cultura de qualquer sociedade. A língua tem forte papel na constituição da identidade de uma sociedade, e a escrita da língua, por sua vez, promove a formação da memória cultural. Da mesma maneira, vivendo em sociedade, a linguagem se faz vital e se consolida nas interações tanto orais quanto gráficas. Se um indivíduo não se apropriar da linguagem vigente, ele terá participação muito passiva na vida, preso sempre às necessidades básicas do viver cotidiano (REILY, 2004, p. 15).

A citação acima apresenta uma concepção sociológica funcionalista acerca da surdez e aponta a concepção educacional bilíngue a que melhor possibilita o desenvolvimento educacional do surdo, porque o modelo bilíngue privilegia o uso de duas línguas, a Libras como (L1), e o Português escrito como (L2), neste sentido, respeita as especificidades linguísticas dos alunos surdos.

Os jogos pedagógicos é uma metodologia profícua, sem perder a essência e importância de compreensão do conteúdo no processo de construção da aprendizagem, tendo em vista que o uso desta metodologia é uma ação lúdica, que possibilita alcançar objetivos pedagógicos de aprendizagem. Segundo Perrenoud o jogo pedagógico amplia a socialização, além de desenvolver as habilidades cognitivas:

O jogo é um suporte de aprendizagem que permite desenvolver: - competências de socialização, por meio do respeito às regras, da descentralização necessária, do desenvolvimento da autonomia, da cooperação [...] competências disciplinares e didáticas [...] competências e capacidades tais como memorização, criatividade, imaginação, concentração, atenção, escuta, aplicação de regras, verbalização, comunicação, confrontação de pontos de vista, habilidade motora (PERRENOUD, P. *et al.* p. 55. 2005.)

Portanto, os jogos pedagógicos configuram-se para os surdos, uma possibilidade de aprendizagem, como destaca Nascimento, (2017), estes sujeitos são

sujeitos visuais, e as dificuldades encontradas pelos surdos no campo educacional ocorrem em virtude das marcas da oralidade em sala de aula, o que inviabiliza o processo de aprendizagem dos surdos colocando-os à margem do desenvolvimento educacional. Em razão das pessoas com surdez, enquanto sujeitos visuais, dependem de metodologias de ensino e aprendizagem que contemplem seus aspectos viso-espaciais. Caso contrário, os surdos estarão relegados ao fracasso escolar. Como aponta Fernandes (2006, p. 3).

O contexto educacional está organizado de forma que todas as interações são realizadas pela oralidade, o que coloca os alunos surdos em extrema desvantagem nas relações de saberes instaurados em sala de aula, relegando-os a ocupar o eterno 'lugar' do desconhecimento, do erro, da ignorância, da ineficiência, do eternizado não-saber nas práticas linguísticas.

Corroborando com estes estudos Dorziat (2011, p.49) acrescenta que “[...] podemos observar que a escola não só continua valorizando a percepção oral auditiva, como também continua construindo discursos de fracasso a partir do outro”. Este tipo de estereótipo de fracassado é uma visão opressora que coloca os surdos como incapacitados, por não desenvolverem-se no modo oral. Assim sendo, a aquisição do conhecimento por parte dos surdos depende do que é construído juntamente com eles dentro da perspectiva visual.

No levantamento realizado para essa pesquisa foi identificado que ainda são incipientes os estudos produzidos na perspectiva de jogos didáticos para alunos surdos e ouvintes, sobretudo no que diz respeito ao ensino de Sociologia, na EJA. Esse levantamento possibilitou-me visualizar o cenário dos jogos didáticos para os alunos surdos da EJA, e enquanto pesquisadora refletir sobre as possibilidades didáticas, para os sujeitos surdos e ouvintes que estão inseridos em uma modalidade educacional historicamente desprestigiada. Neste sentido, as reflexões postas nesta pesquisa configuram-se como uma proposta inovadora para os sujeitos surdos e ouvintes que estão inseridos na modalidade EJA, no Cariri paraibano.

Portanto, esses resultados apresentam uma pesquisa inédita na região do Cariri paraibano, e visa contribuir com estratégias didáticas para serem aplicadas em sala de aula com alunos surdos e ouvintes que estudam a disciplina de Sociologia na EJA.

Neste sentido, é fundamental para que os alunos surdos da EJA tenham uma aprendizagem eficiente e um processo interativo entre surdos e ouvintes em sala de aula. Assim, precisam que as metodologias aplicadas levem em consideração os aspectos da visualidade. Portanto, os jogos pedagógicos caracterizam-se como metodologia que motiva e mobiliza os alunos no processo de ensino-aprendizagem.

METODOLOGIA

Essa pesquisa teve como foco a construção de material pedagógico para mediar o ensino-aprendizagem de Sociologia por alunos surdos e ouvintes da Educação de Jovens e Adultos. Nesta perspectiva Richardson (2009, p.83), descreve que “a pesquisa para elaboração de material didático distingue-se da básica porque não se volta diretamente para a busca de conhecimento em uma área específica, mas para a elaboração de um produto que possa ser, efetivamente, usado em escolas”.

Desta forma, a nossa pesquisa foi fundamentada na abordagem qualitativa no âmbito da pesquisa-ação que é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo, e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1985)

Assim, toda ação no contexto escolar foi realizada no âmbito da pesquisa-ação. Nesse contexto, a nossa pesquisa foi na Escola E. F. M. Profº José

Gonçalves de Queiroz, através dos seguintes momentos: escolha da turma, planejamento, escolha do tema do jogo, construção de um questionário de acompanhamento de aprendizagem, aplicação de um questionário de acompanhamento de aprendizagem, produção do jogo pedagógico, mediação pedagógica, continuação e conclusão da mediação pedagógica, experimentação do jogo pedagógico na sala de aula, reaplicação do questionário como o objetivo de coletar informações sobre a aprendizagem dos alunos por meio das atividades desenvolvidas e roda de conversa para avaliação da mediação e aplicação do jogo.

Os dados coletados foram analisados de forma descritiva e interpretativa uma vez que esta é caracterizada pela observação e correlação de fatos, buscando descrever as características ou relações existentes em cada etapa das ações realizadas na sala, mostrando através das fotos e descrevendo e analisando as atividades realizadas.

A PRODUÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO DO JOGO EM SALA DE AULA

O jogo pedagógico foi elaborado e intitulado de *Balaio Sociológico Cultural*, com os seguintes materiais: placas de isopor, papel A4 ofício e color lumi, cola de isopor, cortador de isopor, impressora e tesoura. O primeiro passo foi fazer no computador no programa *Word* em tabela as letras do alfabeto e a datilologia em Libras, ou seja, o alfabeto manual. Logo após tudo organizado começou-se a construção na tabela do *Word* do conceito de cultura no alfabeto da Língua Portuguesa, como também dos tipos de cultura, que apresentava a datilologia de Libras de forma central e grande, e no canto inferior direito o alfabeto da Língua Portuguesa em um tamanho pequeno (Figura 1).

Figura 1 - Programa Word em tabela as letras do alfabeto e a datilologia em Libras



Construção das palavras do jogo no computador
Foto: Adriana Farias- Setembro/ 2018

Foram construídos 467 retângulos de isopor com aproximadamente 20x14 cm, e em seguida impressas e coladas letras do alfabeto que compõe a definição de cultura, que serão misturadas para que os alunos consigam ordenar o conceito “Cultura é um conjunto de práticas, saberes, valores, normas, crenças, patrimônio social de grupos humanos”. Esse conceito de cultura é adotado no livro didático de Sociologia utilizado na escola pesquisada.

Em seguida, construímos mais retângulos com a mesma proporção e foram impressas e coladas as letras da datilologia em Libras, em papel colorido e no canto inferior com tamanho menor a letra do alfabeto correspondente a Libras, para os alunos construírem e elencarem elementos que compõe a cultura: material, imaterial, popular, erudita, surda e sumeense. De forma que as letras da datilologia formam um aspecto característico da cultura. Neste sentido, também foram construídas em placas de isopor o título do jogo, e os tipos de cultura elencados no jogo (fotos 1 e 2).

Fotos 1 e 2 – Produção do Jogo “Balaio Cultural”



Produção do jogo /Foto: Acervo pessoal da pesquisadora

O processo de mediação pedagógica teve início com o questionamento “Vocês sabem o que é cultura”? Os alunos se entreolharam e aluno ouvinte (06) falou: “Não sei explicar, mas acho que é algo que tem na sociedade, comunidade, eu acho não sei se é certo!” A aluna ouvinte (07) mencionou: “minha avó sempre diz quando vê uma pessoa inteligente e falante, ela fala fulano tem cultura”. Em seguida a aluna surda (02) manifestou-se e sinalizou “tradição, história do povo na sociedade”. Foi explicado que o conceito de cultura não é algo fechado. Assim, entregamos a cada um dos alunos um material produzido que apresentava o conceito e algumas imagens que representavam a cultura. Neste sentido o aluno surdo (03) mostrou uma imagem do mapa do Brasil que evidenciava diferentes imagens e perguntou: “Brasil tem muitas culturas?” Respondi que sim: “O Brasil muito grande e apresenta muitas manifestações culturais”. Realizamos uma roda de diálogo, em que todos os alunos puderam participar e expressar o entendimento sobre cultura, neste sentido surdos e ouvintes puderam interagir e ambos aprender um com os outros.

Logo após a mediação pedagógica, chegou o momento de experimentar o jogo (fotos 3 e 4). Organizou-se o jogo em sala de aula e a partir do momento em

que os alunos chegavam eram informados, que seria o momento de experimentar o jogo. Dentre as regras do jogo: a sala de aula que era formada por 08 alunos foi dividida em dois grupos, compostos por dois alunos surdos e dois alunos ouvintes respectivamente. Para iniciar o jogo foi entregue a palavra cultura de forma desordenada para ambos os grupos, e para o grupo que montar primeiro ter o direito de iniciar o jogo.

Em seguida o grupo que formou mais rapidamente a palavra cultura teve o tempo cronometrado em 1 minuto para formar o conceito de cultura com as letras do alfabeto, porém o tempo excedeu e a oportunidade passou para o outro grupo, que teve o mesmo tempo. Porém, como o tempo também esgotou e não conseguiram formar. E como regra final ficou estabelecido que quem formasse o conceito de cultura com maior número de elementos seria o vencedor. E nessa fase inicial o grupo número 01, saiu vencedor. E ao final do jogo venceu o grupo que formou maior número de elementos que formam os tipos de cultura.

Fotos3 e 4 - Experimentação do jogo na sala de aula



Formando o conceito de cultura/Foto: Acervo pessoal da pesquisadora.

Iniciaram-se as etapas do jogo, no que se refere a cultura material: teatro, museu, obras de arte, igrejas, vestuário, praças. O grupo 01 deu início às atividades, tendo em vista que havia vencido a etapa anterior e tinha o tempo cronome-

trado de 3 minutos para formar na datilologia de Libras alguns dos elementos que compunham a cultura material, o grupo excedeu o tempo, devido à euforia para formar as palavras e com 5 minutos e 11 segundos apresentaram os elementos que compõe a cultura material. Percebeu-se que os alunos sabiam os elementos que compunham a cultura material, porém na ansiedade de formar as palavras se atrapalharam.

Foto 5- Elementos da cultura material formado pelo grupo 01.



Foto: Acervo pessoal da pesquisadora.

Um ponto positivo, perceptível na participação desse grupo, foi a interação entre surdos e ouvintes que buscavam apresentar os elementos de forma mútua, ajudando um ao outro. O jogo possibilitou que os alunos ouvintes saíssem da zona de conforto e se colocassem no lugar que o surdo está posto cotidianamente, em que o processo de leitura e escrita e dentro da Língua Portuguesa, que tem uma estrutura diferente da Libras. Dando continuidade as etapas do jogo, o grupo 02 saiu vencedor da etapa anterior tendo em vista que concluíram em menor tempo a etapa anterior.

Neste sentido, os alunos surdos que participavam do grupo, ajudaram os ouvintes, geralmente sinalizando as letras que compunham os elementos da cultura surda, pois são elementos que fazem parte da vivência do surdo, portanto, eles têm uma maior facilidade de formar os elementos. A aluna surda (02) tomou a frente e orientava o restante do grupo para formar os elementos que compunham a cultura surda. Nesse momento era perceptível que os alunos ouvintes tinham dificuldades, porém, a aluna surda assumiu o papel de liderança e conduziu cada colega do grupo para formar um elemento indicando a datilologia correspondente e dentro de 3 minutos e 43 segundos conseguiram formar e apresentar os elementos correspondentes desta cultura (fotos 6 e 7).

Fotos 6 e 7 - Elementos da cultura surda



Foto: Acervo pessoal da pesquisadora.

Percebe-se que a realização destas atividades promove uma dinâmica diferente em sala de aula e desperta os alunos a refletirem sobre conhecimentos que estavam adormecidos no cotidiano. No primeiro momento os alunos estavam um pouco retraídos, logo no início expliquei os passos de nossa atividade, que seria uma conversa informal, sem grandes formalidades era apenas para saber a opinião deles. E eles ficaram mais a vontade de expor a opinião.

Os alunos foram unânimes ao afirmarem que esse tipo de metodologia foi incipiente, ou quase inexistente, sendo algo novo inclusive a roda de conversa, que não é comum uma socialização sobre metodologias. Neste sentido, caracteriza-se como um momento de construção de fala, de expressar a opinião, de desnaturalizar em sala de aula aquele perfil de aluno que fica calado, apenas escrevendo sem apresentar um posicionamento crítico.

Os alunos se posicionaram com relação ao jogo de forma muito positiva, porém, algo que ainda é novo no cotidiano da sala de aula. É perceptível na fala dos alunos que atividades nesta perspectiva agradam bastante, tendo em vista que é algo dinâmico e competitivo, que apresenta também uma diversão, por isso que agrada os alunos, por ser algo diferente, que se tiver uma mediação eficiente promoverá uma aprendizagem eficaz.

Entre os alunos surdos e ouvintes ficou expresso que acharam o jogo acessível tanto para surdos, como para os ouvintes, tendo em vista que no jogo nenhum aluno recusou-se a participar e realizar a atividade. Um ponto que os alunos destacaram é o processo de interação entre surdos e ouvintes que se realizou de maneira muito positiva. Vale salientar que estes alunos já estabeleciam uma convivência em sala de aula, em outras atividades. O jogo era algo novo para a turma de alunos da EJA, que eles desempenharam interativamente.

CONSIDERAÇÕES

Sabe-se que o ensino de Sociologia tem como objetivo promover a reflexão sobre aspectos sociais, porém, o contexto histórico tem mostrado que a disciplina tem sofrido com as interrupções no currículo escolar. E mediante estas inconsistências da disciplina, percebe-se a sua relevância no cenário educacional, pois é a disciplina que tem sofrido impactos nas reformas educacionais.

E quando se adentra no cenário escolar vemos professores sem formação na área assumir a disciplina. No currículo escolar, Sociologia dispõe apenas de

uma aula semanal. Porém, a disciplina configura-se como resistência tendo em vista que por sofrer tantas medidas repressivas, por promover a reflexão, permanece no currículo escolar problematizando situações naturalizadas cotidianamente.

Para um ensino de Sociologia no Ensino Médio que cumpra a sua função enquanto disciplina é fundamental: que os professores tenham formação na área; que os recursos didáticos sejam acessíveis para possibilitar que alunos ouvintes e surdos possam interagir e construir conhecimentos; que as metodologias viabilizem um ensino-aprendizagem contextualizado; e que resgate os conhecimentos prévios e vivências dos alunos e possibilite que o aluno tenha uma formação crítica e reflexiva consciente para que possa conhecer, questionar e intervir na realidade social vivenciada.

O jogo como recurso didático é uma ferramenta que em consonância com a mediação pode viabilizar resultados excelentes no processo de ensinar e aprender. O professor precisa estar atento aos mais variados recursos didáticos que estão disponíveis, construir com os alunos recursos com material de baixo custo ou reciclado para serem utilizados na sala de aula, realizar aulas dinâmicas que promovam a interação entre alunos surdos e ouvintes, tendo em vista que o conhecimento também é construído no fazer.

O mestrado em Ensino de Sociologia com a possibilidade de construção de material pedagógico oportunizou que fossem construídos materiais pedagógicos para serem utilizados em sala de aula, e nesta perspectiva a construção do jogo didático acessível para alunos surdos configura-se como possibilidade de aprendizagem tanto para alunos surdos, como ouvintes. Portanto, é importante a socialização destes materiais no espaço escolar para trazer aos alunos o conhecimento por outras perspectivas, de forma lúdica, e assim viabilizar que os alunos desenvolvam a criticidade, autonomia, atenção e concentração para despertar nos alunos a motivação para o apreender.

O uso destes recursos inovadores em salas de aula da EJA e para alunos surdos é uma oportunidade que estes sujeitos tenham também visibilidade e sejam valorizados, pois comumente estes alunos estão à margem do conhecimento sem acesso a um saber prático, que possa ser aplicado no dia a dia.

A realidade educacional dos alunos surdos da EJA, ainda é de descaso e excludente nas atividades pensadas para os surdos, tendo em vista que muitos professores planejam as atividades pensando no aluno ouvinte, enquanto o surdo pertence há um grupo linguístico diferente. Portanto, é necessário realizar uma reflexão para que os caminhos educacionais trilhados pelos sujeitos surdos, e que estudam na EJA sejam de superação e equidade surdo/ouvinte.

O cotidiano escolar dos alunos da EJA, muitas vezes é de dificuldades e marasmo nas aulas, pois os alunos trabalham durante o dia, os professores muitos vêm de uma carga horária de trabalho excessiva que em muitas vezes complementam com a EJA, e por muitas noites as aulas são enfadonhas para alunos e professores.

Porém, vale salientar que quando o professor realiza atividades práticas que tiram o aluno da zona de conforto e o coloca para construir o conhecimento, vê-se que os resultados são positivos e estimulantes, tanto para alunos ouvintes como surdo. Pois, no caso dos alunos surdos para desenvolver uma aprendizagem satisfatória necessitam que as atividades sejam de forma visual e prática.

É importante que os professores da disciplina de Sociologia tenham acesso a recursos didáticos práticos, pois desta forma poderão dinamizar as aulas, que semanalmente é apenas uma aula, o que dificulta ainda mais o trabalho docente, diante da insuficiência de aulas. Neste sentido, é fundamental que as aulas sejam proveitosas, dada a importância da disciplina no contexto escolar e social, pois a reflexão é útil em todas as disciplinas e na vida em sociedade.

O caminho percorrido durante essa pesquisa foi permeado por reflexões e aprendizados que estão postos no decorrer de cada página deste artigo, tendo

em vista que nossa pesquisa está fundamentada no ensino de Sociologia para os alunos surdos da EJA, portanto, em feridas da educação brasileira que tanto sofre com o descaso.

Assim, espera-se que essa pesquisa venha contribuir com o ensino de Sociologia nas escolas do semiárido, por alunos surdos e ouvintes, da EJA ou ensino regular. Ou seja, com a educação brasileira, pois o fazer docente é contínuo, e não se encerra no ponto final, pois as lutas e conquistas continuam.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394 20, de dezembro de 1996:** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio. Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias.** Vol. 2. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_02_internet.pdf> Acesso em Agosto de 2018.

BRITO, F.M.; SÃO-JOSÉ, M.G.; TERESA, F.B.; ONDEI, L.S. **Dinamizando e motivando o aprendizado escolar por meio dos jogos pedagógicos.** HOLOS, vol. 2, 2015, pp. 264-272.

CARNIEL, F. RUGGI, L. **Retratos da Surdez:** por um perfil da juventude usuária de língua de sinais em Curitiba. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. Rio de Janeiro, 2009.

DORZIAT, A. **Estudos Surdos:** diferentes olhares. Porto Alegre: Mediação, 2011.

FERNANDES, S. de F. **Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos** / Sueli F. Fernandes. – Curitiba: SEED, 2006. Disponível em < http://www.cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/Fernandes_praticas_letamentos-surdos_2006.pdf> Acesso em 27 de agosto de 2018.

GIDDENS, A. O que é Sociologia? In: **Sociologia.** 4ª Ed, Porto Alegre: Artmed, 2005.

GRANDO, R.C. **O conhecimento matemático e o uso de jogos na sala de aula.** São Paulo, Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 2000.

LAMAS, E. P. R. **O jogo como recurso pedagógico – Ser, comunicar, interagir, construir conhecimento.** Revista de estudios e investigación en psicología y educación . 2015, Vol. Extr., No. 8.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural.** São Paulo: Tempo Brasileiro, 1958.

MARTINS ALVES, I. MENEZES JUNIOR, A. da S. **A educação inclusiva e o papel socializador na realidade do surdo no Brasil.** Anais da VI Semana de Integração Inhumas: UEG, 2017, p. 784-794.

NASCIMENTO, A. F. DO. **Economia solidária e educação de surdos:** Estudo reflexivo com alunos surdos da EJA em Sumé – PB. Monografia (Especialização em Educação de Jovens e Adultos, com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido). Ufcg - 2017.

PERRENOUD, P. et al. **A Escola de A a Z: 26 maneiras de repensar a educação** / Porto Alegre: Artmed, 2005. 144p.

REILY, L. **Escola Inclusiva: Linguagem e Mediação,** 2. ed. Campinas, SP: Papi-rus, 2004.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e 3. Ed- 10. Reimpr.** São Paulo: Atlas, 2009.

SILVA, I. F. **A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epis-temológicos para a consolidação da disciplina.** Cronos, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 403-427, jul./dez. 2007.

SOARES, F. M. R.; LACERDA, C. B. F. O aluno surdo em escola regular: um estudo de caso sobre a construção da identidade. In: GOES, M. C. R; LAPLANE, A. L. F. **Políticas e práticas de educação inclusiva.** Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa- ação.** . São Paulo: Cortez, 1985.

CAPÍTULO 14

A PRODUÇÃO DO CORDEL “OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO CAMPO BRASILEIRO” COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE SOCIOLOGIA

*Aline de Oliveira Barbosa
Fabiano Custódio de Oliveira*

INTRODUÇÃO

O presente texto é fruto da pesquisa de mestrado PROFSOCIO/UFMG/CDSA desenvolvida na área do ensino de Sociologia, através da produção de material didático utilizando a literatura de cordel como recurso pedagógico na contextualização das aulas de Sociologia para as escolas do campo no Cariri paraibano. Pois o cordel é uma importante ferramenta para facilitar a aprendizagem sociológica e superar lacunas deixadas pelo ensino tradicional.

Desta forma, a pesquisa teve por objetivo produzir um cordel como recurso didático para as aulas de Sociologia rural para as escolas do campo do Cariri paraibano, com a temática “Os Movimentos Sociais no Campo Brasileiro”, acompanhado de um roteiro de mediação a ser aplicado pelo professor(a) de Sociologia na sua prática em sala de aula. No desenvolver da pesquisa, utilizamos os pressupostos teóricos da pesquisa qualitativa na compreensão de Richardson (2009), através da produção do material didático no laboratório, como o cordel, a sequência didática e o estudo dirigido a serem aplicados no contexto escolar.

De acordo com Bride (2014), para que o ensino da Sociologia seja proveitoso devem-se considerar as necessidades dos alunos, o dia-a-dia, pois é fazendo a relação com o meio em que convivem que é possível obter um processo de ensino-aprendizagem de qualidade, e assim chamar a atenção dos alunos para as disciplinas que muitas vezes são tidas como sem importância, ou seja algumas disciplinas como português e matemática são consideradas as mais importantes e por isso estão presentes nos currículos da formação do alunos desde do ensino fundamental ao ensino médio, sendo que o ensino de Sociologia é apenas no ensino médio. Assim, o ensino de Sociologia, em muitas escolas ainda está muito relacionado apenas ao conteúdo do livro didático, tendo em vista que Oliveira (2016) aponta que muitos dos professores de Sociologia não são formados na área, tendo o livro didático o único meio para direcionar os conteúdos das aulas, fazendo com que as vezes, o professor fique desprovido de inovações metodológicas.

Sabemos que a função do professor de Sociologia do ensino médio é de desenvolver a capacidade de pensar sociologicamente dos jovens. Para isso o professor não pode aplicar diretamente o que aprende na universidade como destaca Tomazi (2004):

Ensinar sociologia no ensino médio é uma tarefa muito difícil, pois implica ensinar jovens a pensar sociologicamente as questões que envolvem o seu cotidiano. Aqueles professores que pensam em reproduzir o que aprenderam na universidade somente causam um grande problema para o desenvolvimento desta disciplina no ensino médio. Estes muitas vezes reproduzem um conteúdo exclusivamente acadêmico, porque ou não possuem uma formação adequada para esta tarefa, ou não querem ser professores para este nível. Para ser um professor no ensino médio é necessário fazer a mediação entre o saber acadêmico recebido e o conhecimento dos jovens que ele encontra nas escolas, que são muito diversas. Portanto não há uma receita fixa, mas sim uma disposição intelectual de analisar as possibilidades que encontra e aí desenvolver as tarefas de um professor, que é ensinar de tal modo que os jovens possam ter uma visão mais profunda e precisa do mundo em que vivem (TOMAZI, 2004, p.2).

Para os jovens a Sociologia é importante para compreender como é possível existirem tantas pessoas diferentes, com perspectivas e vontades distintas e mais, como elas conseguem conviver juntas no mesmo espaço, por isso o professor precisa relacionar o ensino de Sociologia com as realidades dos alunos, pois se o professor ensinar conteúdos muito acadêmicos ele não vai dialogar com a realidade dos alunos, e assim afetar o processo de ensino-aprendizagem da disciplina.

Assim, a mediação entre o saber acadêmico e a leitura das particularidades da juventude do campo é um desafio do professor. Este exercício pode ser auxiliado pelas contribuições dos debates trazidos pela educação do campo, pois esta aborda propostas de ensino para a juventude do campo.

Por sua vez, a utilização de recursos didáticos de ensino de Sociologia torna-se fundamental no processo de ensino-aprendizagem para que os objetivos e os conteúdos sejam revertidos em aprendizagem. Atualmente temos diversos

recursos didáticos, ou seja, recursos de ensino, mas nem sempre esses recursos são utilizados pelos professores em sala de aula.

Deste modo, o tema que pesquisamos foi “A produção do cordel como recurso didático no ensino de Sociologia para as escolas do campo do Cariri Paraibano”. Isto porque o cordel evidencia o resgate da cultura popular pelos alunos e propõe-se como um recurso didático para estudo e compreensão do meio em que vivem. E além disso, é uma forma de educação contextualizada, pois através do cordel, os alunos estão aproximando a escola com a comunidade, compreendendo o contexto com suas problemáticas e realidades diversas, permitindo os mesmos, expressarem criatividade e compreensão do conhecimento adquirido dentro e fora da sala de aula, uma vez que estão inseridos num contexto cultural com forte influência da poesia dos cantadores repentistas.

O sentido da construção do material didático contextualizado “ O Cordel” foi a busca por um ensino que considere o aluno como sujeito o processo, que seja significativo para o aluno, que lhe proporcione um ambiente favorável à imaginação, à criação, à reflexão, enfim, à construção e que lhe possibilite um prazer em aprender, não pelo utilitarismo, mas pela investigação, ação e participação coletiva de um todo que constitui uma sociedade crítica e atuante, leva-nos a propor a inserção do jogo no ambiente educacional, de forma a conferir a esse ensino espaços lúdicos de aprendizagem (GRANDO, 2000).

Com isso produzimos um cordel para ser utilizado como recurso didático influente dentro da sala de aula, pois o mesmo pode apresentar uma boa e importante reflexão. Assim, através do cordel o professor pode se desprender do livro didático, e o aluno com o auxílio do cordel pode expressar seus conhecimentos e também sentimentos de uma maneira simples, agradável e de grande qualidade. Uma vez que, o uso de versos de cordel, como metodologia de ensino de Sociologia e demais disciplinas, aprimora a capacidade criativa do aluno e o conduz a uma reflexão sobre o seu lugar, melhorando a compreensão dos conteúdos.

Dessa maneira, ao levar o cordel para a sala de aula o professor está conseguindo contextualizar o aluno em seu meio social, fazer discursos interdisciplinares e também reafirmar a Literatura de Cordel como identidade não apenas do povo nordestino, mas do povo brasileiro, podendo ser ainda um instrumento para percepção e entendimento da vida cotidiana, dos costumes, do pensamento social, das mudanças sociais que marcam a construção de um imaginário sobre a sociedade. Tal ideia parte do entendimento de que as produções artísticas, de maneira ampla, dialogam e ao mesmo tempo contribuem para a construção de nossa representatividade como marcas de determinados períodos históricos.

CAMINHOS METODOLÓGICOS NA CONSTRUÇÃO DO CORDEL

Cordel são folhetos contendo poemas populares, expostos para venda pendurados em cordas ou cordéis, o que deu origem ao nome. Os poemas de cordel são escritos em forma de rima e alguns são ilustrados. A literatura de cordel é uma poesia popular que apresenta musicalidade em seus versos por meio de métrica e rimas. Esse gênero literário é muito conhecido pelas ilustrações de xilogravuras exibidas nas capas do folheto, realizadas a partir de gravuras em madeiras.

Um dos elementos fundamentais na literatura de cordel é a declamação, uma vez que é por meio da oralidade que a melodia e o ritmo dos poemas ganham maior destaque. Sendo assim, muitas vezes os cordéis são recitados em lugares públicos com o acompanhamento de viola. A linguagem popular do cordel representa a simplicidade da contação de histórias, proporcionando o incentivo à leitura em razão de se aproximar do cotidiano vivenciado na localidade dos leitores. “Nesse sentido, os cordéis abordam temas diversos, vinculados à realidade e às práticas sociais que engloba a cultura material e imaterial da natureza humana”.

De acordo com Prata (2011), o cordel surge na península ibérica, conhecido inicialmente como folheto de feira ou até mesmo romances de feira, literatura de cordão e atualmente é conhecido como literatura de cordel. No Brasil o cordel escrito surge em Teixeira-PB, com a divulgação do primeiro folheto escrito por Leandro Gomes de Barros nascido em Pombal. Daí a forte influência na poesia popular do Nordeste especialmente em Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, estados com maior presença de cordelistas no Brasil.

O ponto de partida da poesia popular nordestina data do ano de 1830, a partir dos primeiros divulgadores como o poeta Ugolino de Sabugi, dentre outros. O cordel que hoje conhecemos como livreto ou folheto teve início em meados de 1893 a 1900 tendo como os maiores divulgadores, Leandro Gomes de Barros, filho natural de Pombal - PB; Silvino Pirauá, natural de Patos – PB dentre outros grandes nomes que contribuíram para a perpetuação da literatura de cordel e preservação da cultura. Para Grillo(2003):

A literatura de cordel pode ser trazida para a sala de aula como uma linguagem alternativa para o estudo da história. Ao relatarem os acontecimentos de um determinado lugar num determinado período, os folhetos se transformam em memória, em registro e em documento. O folheto de cordel se transforma numa rica fonte de pesquisa para a história, para a sociologia, para a antropologia e para a literatura. (GRILLO, 2003. P 117)

Assim a literatura de cordel dá espaço para o professor trabalhar de maneira interdisciplinar, dando oportunidade para o aluno conhecer e despertar seu interesse não só pela leitura, mas também pela construção de poesias, já que trabalha com rimas e versos, valorizando também o patrimônio imaterial cultural cordelístico e mostrando a eles que a nossa cultura está muito ligada a esta literatura de cunho popular. O uso deste material enquanto recurso didático é de extrema importância nesse incentivo, pois, oferece um método simples e inovador de ensinar, possibilitando o estímulo, a percepção, desenvolvendo a capacidade criadora e tudo que envolve aprendizagem.

Assim decidimos produzir um cordel com o tema “**MOVIMENTOS SOCIAIS NO CAMPO BRASILEIRO**” no intuito de que esse seja um recurso didático para auxiliar os professores nas aulas de Sociologia, tendo em vista que a maioria dos livros dessa disciplina não apresentam o tema movimentos sociais no campo, fazendo com que os professores precisem de um auxílio maior para trabalhar esse assunto nas escolas e principalmente nas escolas do campo, pois é de suma importância ensinar a partir da realidade dos alunos, e nada melhor que se trabalhar o tema movimentos sociais partindo das experiências e conquistas desses movimentos no campo brasileiro.

Para a realização desse cordel seguimos os seguintes passos:

1º MOMENTO: Planejamento para a escolha do tema;

2º MOMENTO: Escolha dos livros de sociologia para fazer a análise verificando como o conteúdo movimentos sociais era discorrido nos livros e se os mesmos apresentam o conteúdo movimentos sociais do campo.

3º MOMENTO: Leitura do conteúdo movimentos sociais para produzir os versos de acordo com os conteúdos dos livros didáticos;

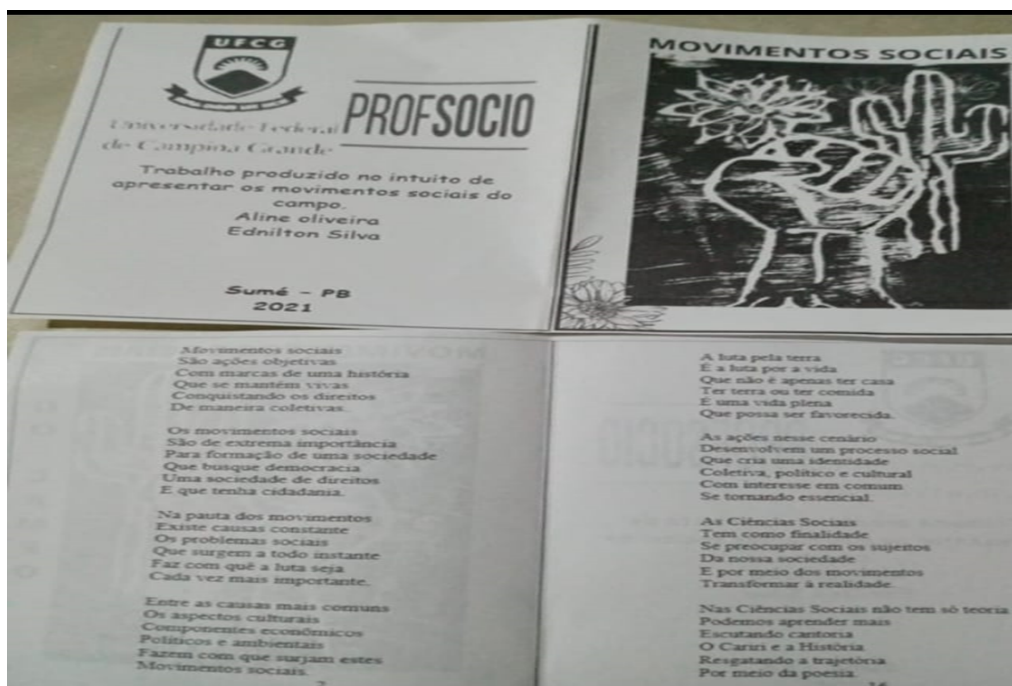
4º MOMENTO: Leitura de artigos e livros que falam sobre movimentos sociais do campo para a produção dos versos do cordel;

5º MOMENTO: Produção do corpo do cordel;

6º MOMENTO: Produção da capa do cordel;

7º MOMENTO: Finalização e formatação do cordel.

O RECURSO DIDÁTICO CORDEL “OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO CAMPO BRASILEIRO” (....) LENDO E APRENDENDO SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO...



Ao longo do século dezenove
Surgiu os movimentos sociais
Como lutas por reivindicações
De trabalho essenciais
Resumindo assim uma luta
De caráter sindicais.

Entre as causas mais comuns
Os aspectos culturais
Componentes econômicos
Políticos e ambientais
Fazem com que surjam estes
Movimentos sociais.

Mais a partir do século vinte
As reivindicações começaram a mudar
Pois se caracteriza pela luta
Dos grupos que querem alcançar
Uma cidadania ou igualdade social
Que alguns querem conquistar.

Em seu contexto histórico
Por causa de explorações
Má distribuição de rendas
Também discriminações
Formaram-se os movimentos
Acabando essas ações.

Por meio do coletivo
Os movimentos sociais
Surgem a partir de indivíduos
Que lutam por ideais
Em prol da cidadania
Pelos direitos iguais.

Os primeiros movimentos
Visavam resolver
Problemas de classes sociais
Que precisavam vencer
Como o direito ao voto
Que todos deviam ter.

Os movimentos sociais
São manifestações coletivas
Consideradas históricas
Com algumas características
Que nos permitem estudar
E com a sociologia relacionar.

Os movimentos de hoje
Surgem também de ação
Que tem uma força maior
Com os meios de comunicação
Nas questões identitárias
Buscando direitos da população.

Movimentos sociais
São ações objetivas
Com marcas de uma história
Que se mantém vivas
Conquistando os direitos
De maneira coletivas.

Pode ter dois movimentos
Uma iniciativa revolucionária
Ou um movimento pacífico
Que ambas não são contrárias
Buscando sempre um direito
Essa é uma luta diária.

Os movimentos sociais
São de extrema importância
Para formação de uma sociedade
Que busque democracia
Uma sociedade de direitos
E que tenha cidadania.

A história será sempre
Um elemento fundamental
Para compreensão dos movimentos
Deve ter a apuração do aspecto estrutural
Sem esquecer do tempo e do espaço
Que são esses essenciais.

Na pauta dos movimentos
Existe causas constante
Os problemas sociais
Que surgem a todo instante
Faz com quê a luta seja
Cada vez mais importante.

Os movimentos são assim classificados
Pelo caráter de suas ações
Ações que são necessárias
Para as transformações
De uma sociedade
Através das manifestações.

Muitas vezes o Estado
É visto como adversário
Nessa luta politica
Com um confronto contrário
Outras o Estado se torna
O seu único aliado.

Para ser um movimento
Precisa compartilhar
Todo mundo se unindo
Para poder conquistar
Algo que ainda não tem
Ou que precisa melhorar.

Os movimentos também tem
Uma boa organização
Que podem variar
Com o grau de burocratização
Tudo isso vai depender
De qual for a reivindicação.

Tem que ter o mesmo interesse
E poder se organizar
Para então se tornar um grupo
E ir para a rua lutar
Sempre com o mesmo ideal
E todo mundo respeitar

Nos movimentos sociais
Existem práticas comuns
Como greves e passeatas
Sempre presentes em alguns
Quando se trata de movimentos
É raro não ter nenhum.

Os movimentos sociais
Não é uma criminalidade
Queremos apenas nossos direitos
Ou apenas uma igualdade
Queremos uma mudança
Sem nem uma desigualdade.

As ações dos movimentos
Podem se desenvolver
Em torno de interesses e necessidades
Mas também de reconhecer
Para criar uma nova forma de interação
Isso não podemos esquecer.

Os movimentos vão além
Do interesse particular
Quando o objetivo é alcançado
Consegue muita gente ajudar
Além daquelas envolvidas
Outras pessoas podem se beneficiar.

Eles não apresentam
Uma única coordenação
Pois possui uma grande diversidade
De valores, ideias e atuação
Essas são as características
De uma organização.

Reivindicar é um direito
Que não podemos temer
De querer sempre o melhor
De ir para a luta e vencer
E de nunca desistir
Se por acaso perder.

Os movimentos foram importantes
Para uma grande maioria
Que tinha seus direitos negados
Ou que por vezes o Estado esquecia
Foi nas ruas que o povo conseguiu
Uma maior autonomia.

Dentro desses movimentos
Ir à luta com respeito
É um dever de cada um
De mostrar coragem e peito
Respeitar nossos deveres
E exigir nosso direito.

Os direitos básicos e essenciais
Estão assegurados na constituição
Mais não estão sendo seguidos
Para alterar esse tipo de exclusão
É preciso aflorar os movimentos
E apoiar a sua reivindicação.

Para ganhar visibilidade
Realiza suas manifestações
Que podem ser marchas, paradas
Ou até mesmo ocupações
O que importa é serem entendidas.
Como forma de comunicações

Desigualdade de gênero
Também a xenofobia
O racismo que atinge
Cada grupo de etnia
O intuito é combater
Essas práticas todo dia.

Vejam alguns movimentos
Na contemporaneidade
Trabalhadores sem terras
Os sem tetos na cidade
Todos somente querendo
O direito a igualdade.

Nem todo movimento é social
E para ser deve ter identidade
Ter também um opositor
Ser articulado num projeto de sociedade
Qualquer pessoa pode participar
Só não pode esquecer de usar a seriedade.

Os movimentos sociais
Devem se manterem ativos
Pois além de ser uma luta
Tem um caráter educativo
Tanto para os protagonistas
Como para o coletivo.

Os sujeitos integrados
Constroem uma identidade
Um conjunto de valores
Onde a coletividade
Atua em prol dos direitos
Que tem na sociedade.

No mundo contemporâneo
A teoria social
Mostra os trabalhadores
De uma forma brutal
Sofrendo e sendo explorados
Por quem tem o capital.

O movimento operário
É o mais reconhecido
Durante o século XVIII
Foi na Europa surgido
Por jornadas de trabalho
O povo foi submetido.

O movimento operário
Com a industrialização
Teve o início das greves
Muita reivindicação
Buscando condições dignas
E boa remuneração.

Existe a luta de classes
Contendo ações coletivas
Com posições de ideias
Transformações efetivas
Envolvendo a sociedade
Em mudanças gradativas.

As pessoas se organizam
Lutam contra a opressão
É assim que os movimentos
Constroem sua formação
Mudando a sociedade
A partir de cada ação.

Os movimentos possuem
Cada aspecto principal
Combater de qualquer forma
A exclusão social
Que atinge a pobreza
No cenário mundial.

Mas surgiram movimentos
Contendo a resistência
Brigando contra opressão
Sempre com eficiência
Abalando este regime
Afracando sua existência.

Muitos desses movimentos
Dissolvidos nos estados
Com seus líderes no exílio
Mortos ou aprisionados
Contra essa ditadura
Deixaram os seus legados.

Adentrando os movimentos
Existe o ambiental
Protege as formas de vida
Animal e vegetal
Das práticas cruéis de uma
Sociedade industrial.

Um sistema igualitário
Assim é o socialismo
Destaca-se pois favorece
Ações de coletivismo
Contra as desigualdades
Que vem do capitalismo.

Na América Latina
No campo e na cidade
Movimentos se emergiam
Em cada comunidade
Todos contra a ditadura
Que tem na sociedade.

O regime militar
Abalou cada nação
Devido inúmeras mortes
Sangue derramando o chão
Guardas impondo o silêncio
Calando a população.
Um grande movimento
Se chama o MST
Que até hoje existe
Vocês devem conhecer
Uma luta pela terra
Uma luta para viver.

O movimento sem terra
Sua luta é necessária
Os camponeses em busca
Por uma reforma agrária
Em um contexto que existe
Concentração fundiária.

O MST defende
A reforma popular
Pelo direito a terra
Sua função é lutar
E as condições sociais
No fim puder conquistar.

Busca o fim deste mal
Chamado desmatamento
Da poluição das águas
Do ar a todo momento
Sem contar também o solo
Que produz o alimento.

O movimento feminista
Requer direitos iguais
Reivindica ações políticas
Questiona as sociais
A desigualdade de gênero
As raízes culturais.

As mulheres reunidas
Critacam a sociedade
No sistema patriarcal
No salário a igualdade
E com relação ao corpo
O direito à liberdade.

Os movimentos sociais do campo
Não se pode esquecer
Pois foram e são importantes
Para o campo poder crescer
Lutando sempre por um melhor
Buscando direitos para viver.

A luta pela terra
E pela reforma agrária
São expressões sociais
De uma luta diária
Que as vezes até envolve
Uma questão identitária.

Os trabalhadores assalariados
Lutam por direitos trabalhistas
Uma luta que é travada
Para se obter conquistas
Que estão sempre buscando
Com a força dos ativistas.

É lutando que o povo
Muda a sociedade
De tudo que é desumano
Do mal da desigualdade
E só acaba com isso
Se houver coletividade.

Outro movimento foi a direta já
Que mudou o quadro geral
Pois um governo quando eleito
Recebe apoio total
Para sem demagogia
Dentro da democracia
Fazer justiça final.

Os camponeses são sujeitos
Históricos e de direitos
Pois assim como os demais
Lutam para acabar os desrespeitos
Com conquistas adquiridas
E muitos documentos refeitos.

Nas Ciências Sociais
Não se tem só teoria
Podemos aprender mais
Escutando cantoria
O Cariri e a História
Resgatando a trajetória
Por meio da poesia.

Ensinar Sociologia faz parte
De uma luta intermitente
Uma hora estava presente
Na outra já estava ausente
Uma disciplina resistente
E que ajuda muita gente.

Para ensinar Sociologia
Você também pode rimar
Não ensine só teoria
Para os alunos não abusar
Use Marx, Durkheim ou Weber
Mas lembre-se de inovar.

Os posseiros lutam por terras
Para ter onde morar
Uma luta que é longa
Mais que falta conquistar
O direito para todos
Sem ser preciso brigar.

Ainda tem os sem terra
Que lutam por condição
De um lugar para morar
E para fazer plantação
Com uma melhor qualidade
E direito a educação.

A luta pela terra
É a luta por a vida
Que não é apenas ter casa
Ter terra ou ter comida
É uma vida plena
Que possa ser favorecida.

As ações nesse cenário
Desenvolvem um processo social
Que cria uma identidade
Coletiva, político e cultural
Com interesse em comum
Se tornando essencial.

As Ciências Sociais
Tem como finalidade
Se preocupar com os sujeitos
Da nossa sociedade
E por meio dos movimentos
Transformar à realidade.

Use recursos didáticos
Tente sempre melhorar
E se por acaso precisar
Basta você se lembrar
Que esse cordel pode ajudar.
Através da poesia
Os Movimentos Sociais
Dentro da Sociologia.

Aline Oliveira e Ednilton Silva

SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA MEDIAÇÃO DO CORDEL NA AULA DE SOCIOLOGIA

Ao finalizar o cordel elaboramos uma sequência didática com o objetivo de facilitar a mediação na sala de aula temática pelo professor de sociologia utilizado o cordel anteriormente apresentado. Pois a sequência didática corresponde a um conjunto de atividades articuladas que são planejadas com a intenção de atingir determinado objetivo didático no nosso caso os movimentos sociais do campo. A sequência é organizada em torno de um gênero textual (oral ou escrito) ou de um conteúdo específico, podendo envolver diferentes componentes curriculares. No Brasil, o termo “sequência didática” surgiu nos documentos oficiais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 41) como “projetos” e “atividades sequenciadas”. Apesar das sequências didáticas estarem vinculadas ao estudo do gênero textual, é um procedimento que pode ser utilizado por diferentes áreas do conhecimento.

No caso de sua relação com o ensino da escrita, a sequência pode ter como objetivo ajudar o aluno a dominar melhor um determinado gênero textual, favorecendo uma comunicação mais adequada em dada situação em que o uso do gênero trabalhado se faz necessário um planejamento. A sequência didática permite refletir o fazer pedagógico de modo articulado, sistematizado e contextualizado. A respeito disso, Barros-Mendes, Cunha & Teles afirmam que:

Ao organizar a sequência didática, o professor poderá incluir atividades diversas como leitura, pesquisa individual ou coletiva, aula dialogada, produções textuais, aulas práticas etc., pois a sequência de atividades visa trabalhar um conteúdo específico, um tema ou um gênero textual da exploração inicial até a formação de um conceito, uma ideia, uma elaboração prática, uma produção escrita (BARROS-MENDES, CUNHA & TELES 2012, p. 21)

Como se pode notar, o ponto de partida para o desenvolvimento de qualquer sequência didática leva em conta um ou mais gêneros textuais, que depois de explorados de formas variadas, desencadeiam atividades interligadas de leitura e produção. Somado a isso, há uma abertura para o estudo de conceitos

gramaticais de modo contextualizado, haja vista que esses são introduzidos na sequência com o objetivo de auxiliar na compreensão dos gêneros em estudo.

Nesse sentido, a sequência didática indicada, foi planejada para os professores com ênfase na abordagem do folheto de cordel, apresentando uma alternativa diferenciada de trabalhar a literatura popular no contexto de ensino e aprendizagem nas aulas de Sociologia através dos seguintes momentos:

1º MOMENTO: Através de aulas expositivas e dialogadas e leitura compartilhada de um texto, vamos apresentar para os alunos o tema “movimentos sociais” propostos pelos livros didáticos de Sociologia.

2º MOMENTO: Apresentar aos alunos vários cordéis e expondo aos mesmos, o seu surgimento, a importância da literatura de cordel, os autores que produzem os cordéis na região do Semiárido.

3º MOMENTO: Apresentar aos alunos o cordel intitulado “MOVIMENTOS SOCIAIS NO CAMPO”, produzindo pelo Laboratório de Ensino de Geografia e Educação do Campo/LEGECAMPO.

4º MOMENTO: Realizar a leitura desse cordel de forma compartilhada com o objetivo de que todos os alunos possam ler estrofes do cordel.

5º MOMENTO: Iniciar um debate acerca da temática do cordel “MOVIMENTOS SOCIAIS NO CAMPO”, identificando e analisando os conhecimentos que cada aluno compreendeu em relação aos conteúdos abordados nos versos.

6º MOMENTO: Analisar a capa do cordel, tentando levantar questões pertinentes sobre a relação dos conteúdos abordando ao corpo do texto com a capa do cordel;

7º MOMENTO: Aplicar o questionário (abaixo), com perguntas elaborados tendo por base, o cordel apresentado e discutido em sala de aula, como o objetivo de acompanhar o processo de ensino-aprendizagem no ensino de Sociologia, referente a temática movimentos sociais do campo.

Apresentamos como proposta o estudo dirigido para que o professor possa aplicar em sala de aula. Pois o estudo dirigido “é uma técnica fundamentada no princípio didático de que o professor não ensina: ele é uma estratégia de aprendizagem que ajuda o aluno a aprender” (Okane; Takahashi, 2004). É o incentivador e o ativador do aprender. De maneira especial, essa técnica põe em evidência o modo como o aluno aprende. Ronca (1982), define o Estudo Dirigido como sendo:

Uma técnica operatória, específica de ensino aprendizagem, pela qual levamos o aluno a passar por uma experiência de estudo, pessoal ou grupal. Exercitando, pois a pesquisa e o trabalho intelectual é o Estudo Dirigido uma técnica que visa a desenvolver nos alunos uma atitude ativa perante o estudo. Por meio de instruções orais ou escritas, propomos ao aluno de forma sequencial e sistematizada, as estruturas e os caminhos para a mobilização do trabalho mental, em termos de: a) método de estudo; b) orientação pessoal ou grupal de trabalho; c) desenvolvimento dos períodos operatórios; d) desenvolvimento e utilização das habilidades operatórias (RONCA, 1982, P. 115)

Entendido como estratégia de ensino, o estudo dirigido prioriza a técnica de ensino operatório individualizado que respeita o ritmo de aprendizagem do educando, facilitando o atendimento às diferenças individuais.

Pode atender, com vantagens, às exigências do processo de aprender, o estudo dirigido incentiva a atividade intelectual do aluno, força-o à descoberta de seus próprios recursos mentais, facilitando-lhe o desenvolvimento das habilidades e operações de pensamento significativas como “identificar, selecionar, comparar, experimentar, analisar, concluir, solucionar problemas, aplicando o que aprendeu e possibilitando-lhe ajustar-se às tarefas que deve executar para alcançar o previsto nos objetivos”.

Por isso Okane; Takahashi (2004) afirma que:

Nessa prática de transformação, o estudo dirigido é um bom exercício para desenvolver habilidades em busca dessas competências, tanto para o aluno como para o professor. Considerando que essa estratégia é o primeiro método ou técnica de ensino para tornar o educando independente do professor, orientando-o para estudos futuros e participação na sociedade. (OKANE; TAKAHASHI, 2004, P.163)

O estudo dirigido estimula a criatividade do aluno, uma vez que a sua finalidade principal está voltada à atividade da reflexão, e o pensamento reflexivo, de acordo com as circunstâncias do indivíduo, provoca a necessidade de inventar, buscar modos pessoais de operar com inteligência e resolver o que lhe foi proposto.

Um estudo dirigido pode ser utilizado para:

- Oportunizar situações para o aluno aprender por meio de sua própria atividade, de acordo com seu ritmo pessoal;
- Facilitar o atendimento das diferenças individuais, pelo professor;
- Favorecer o desenvolvimento do sentido de independência e de segurança do aluno;
- Possibilitar a criação, a correção e o aperfeiçoamento de hábitos de estudo, a fixação, a integração e a ampliação da aprendizagem.

O estudo dirigido pode ser realizado em sala de aula ou como tarefa para casa. Porém, em sala de aula, com a presença do docente para esclarecer dúvidas e orientar quando necessário, a técnica pode revestir-se de mais eficácia e tornar-se mais eficiente para a aprendizagem de qualquer área do conhecimento. É importante que o professor acompanhe o trabalho em todas as suas fases: na execução, na correção e na avaliação.

Esse exemplo de estudo dirigido (abaixo) produzido a partir do cordel, para que o mesmo possa contribuir no acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem em relação ao tema “Movimentos Sociais no Campo Brasileiro” nas aulas de Sociologia. Tendo em vista que, algumas ações em sala de aula devem ter além da participação dos alunos, algo que possa avaliar a aprendizagem dos mesmos. E como um bom suporte para essa avaliação, optamos a indicar, um estudo dirigido no qual o mesmo pode ser realizado para sua residência em uma atividade extraclasse.

EXEMPLO: Estudo digerido tendo por base o cordel “MOVIMENTOS SOCIAIS NO CAMPO”

1º De acordo com a leitura do cordel por que surgem os movimentos sociais?

2º Pode-se afirmar que são características estruturais dos novos movimentos sociais, exceto:

- A- Decisão centralizada em uma figura de liderança.
- B- Desenvolvimento de ações coletivas.
- C- Desenvolvimento de ações locais, regionais e globais.
- D- A não a divulgação de reivindicações para a sociedade.

3º Segundo os versos do cordel, assinale a alternativa correta que apresentam as práticas comuns entre os movimentos sociais.

- A- () Grupos no WhatsApp e greves.
- B- () Paralisação e passeatas
- C- () Greves e passeatas
- D- () mobilização e paralisação

4º Complete as lacunas com as palavras que faltam tendo por base o cordel.

A- Os movimentos _____ sociais devem se manter _____ pois além de ser uma _____ tem um _____ educativo.

B- _____ de gênero também a _____ o racismo que _____ cada grupo de _____ o intuito é _____ essas _____ todo dia.

C- Existe a luta de _____ contendo ações _____ com posição de _____ transformações _____ envolvendo a _____ em mudanças _____.

5º Escreva o principal sentido dos movimentos sociais

6º Qual foi o movimento reconhecido durante o século dezoito? E onde surgiu?

7º Cite a importância dos movimentos sociais do campo?

8º Escreva sobre objetivo do movimento MST no contexto dos movimentos sociais

9º Marque a alternativa que completa corretamente a frase: “ (...) **os camponeses são sujeitos** _____ .

- A- Posseiros e de direitos
- B- Históricos e de direitos
- C- Posseiros e históricos
- D- Educados e essencial.

10º Escreva os nomes dos movimentos sociais do campo citados no cordel

Diante do que foi apresentado, consideramos que a sequência didática, assim como o estudo dirigido será de suma importância para contribuir no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Sociologia, pois, como mencionado anteriormente, a Sociologia sofre processos de intermitência, por isso essa disciplina acaba sendo escassa de materiais didáticos, ou as vezes os professores que lecionam essa disciplina não são formados na área, dificultando ainda mais no ensino aprendizagem.

Essa sequência didática, juntamente com o cordel, torna-se mais um recurso didático importante para as aulas de Sociologia, e se aplicado de maneira correta, poderá ser uma aula diferenciada, chamando mais atenção dos alunos, pois as vezes os alunos identificam as aulas de Sociologia como desinteressante ou menos importante, porque a teoria é algo no qual os mesmos não estão acostumados. E quando é utilizado um recurso didático em sala de aula, o aluno, assimila o conteúdo trabalhado, desenvolvendo sua criatividade, coordenação motora e habilidade de manusear objetos diversos que poderão ser utilizados pelo professor na mediação de suas aulas.

Consideramos que a sequência didática se faz necessária, porque existe alguns professores que por motivos diversos ainda são presos nos livros didáticos, como sendo seu único suporte para as aulas de sociologia. Nossa intenção não é criticar os professores que fazem isso, nossa intenção é ajudar pois, compreendemos a dificuldade de muitos professores que precisam dobrar seu tempo para dar conta das aulas. Poderíamos sim, fazer apenas a produção do cordel sem uma sequência didática, mas existe vários cordéis que podem auxiliar nas aulas, porém, não é todo professor que tem habilidade com esse material.

Mas a partir do momento que elaboramos e orientamos a melhor forma de trabalhar esse recurso didático, através da sequência didática, o professor poderá usar esse recurso de maneira mais simples em sala de aula. Afinal não é apenas trabalhar com um recurso didático, é saber como mediar com o mesmo e potencializar as aulas no contexto da sala de aula.

CONSIDERAÇÕES

Acreditamos que o propósito da educação não é simplesmente transmitir uma carga enorme de informações baseadas em conteúdos disciplinares e curriculares, mas sim exercitar as formas de sentir o mundo a partir do olhar reflexivo. Isso traz uma nova dimensão para a educação na medida em que auxilia o sujeito na sua passagem do estado passivo em direção ao estado de alerta e de espanto, ou seja, do sujeito que está quieto para o sujeito que começa a perceber e agir.

Um dos objetivos do ensino de Sociologia é promover a reflexão sobre aspectos sociais. Mas o contexto histórico tem nos mostrado que a disciplina sofre com as interrupções no currículo escolar. Mediante estas inconstâncias da disciplina, percebe-se a sua relevância no cenário educacional, pois é a disciplina que tem sofrido impactos nas reformas educacionais e dificultando ainda mais o processo de ensino-aprendizagem. Quando observamos o cenário escolar, vemos que a disciplina de Sociologia dispõe apenas de uma aula semanal, pro-

fessores que não são formados na área tendo que assumir a disciplina e muitas vezes sem o auxílio necessário para dispor de uma boa aula, mas essa disciplina é uma grande resistência, tendo em vista as já citadas anteriormente medidas repreensivas, por promover a reflexão e ainda permanecer no currículo escolar problematizando as diversas questões que aparecem no dia a dia.

Para que a função da Sociologia no ensino médio seja cumprida enquanto disciplina é necessário que os professores tenham formação na área, que as metodologias viabilizem um ensino-aprendizagem contextualizado, que resgate os conhecimentos prévios e vivências dos alunos e possibilite que o aluno tenha uma formação crítica e reflexiva consciente para que possa conhecer, questionar e intervir na realidade social vivenciada e ainda que os professores disponham de recursos didáticos os quais possam auxiliar no decorrer das aulas, pois os livros não são adaptados a cada realidade dos alunos, mas os recursos didáticos podem sim ser adaptados com a realidade dos mesmos, principalmente com a realidade de alunos oriundos do campo.

Essa proposta é de fundamental importância para professores e alunos, principalmente para professores que ministram a disciplina de Sociologia, mas não são formados na área, pois eles podem ter em mãos um importante material didático para se trabalhar na sala de aula, tendo em vista que, o tema movimentos sociais se faz presente em livros didáticos de sociologia, mas esses não são adaptados para a realidade dos alunos das escolas que atendem alunos do campo.

Por isso surge a ideia de nossa proposta em fazer um cordel como material didático para professores de escolas que atendam a esse público do campo. A ideia do cordel surgiu a partir de outras experiências plausíveis com esse recurso, tendo em vista que o cordel é algo presente no cotidiano da maioria dos alunos e professores, e por conta de seu modelo acaba sendo algo que chama atenção dos alunos. E quando escolhemos fazer a sequência didática é justamente por pensarmos nos professores que não tem disponibilidade diária para

produzir recursos ou até mesmo que não tem uma habilidade em produzir, por isso a sequência didática pode ser de suma importância para professores que não saibam como utilizar o cordel como recurso didático, ou até mesmo para professores que sentem a necessidade de inovar na sala de aula, mas, só tem apenas como material de apoio o livro didático de Sociologia, no qual, não contextualiza a realidade de alunos do campo.

Assim, acreditamos que esta experiência na produção de material didático, pautada nos estudos do ensino de Sociologia, pode oferecer subsídios importantes para a formação pedagógica dos professores de Sociologia. Para que os recursos didáticos não caiam no vazio das práticas pedagógicas irrefletidas, esta experiência pode servir como orientação para o processo de formação continuada de professores para o ensino médio.

REFERÊNCIAS

BARROS-MENDES, A.; CUNHA, D. A.; TELES, R. **Organização do trabalho pedagógico por meio de sequências didáticas**. In: Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: alfabetização em foco: projetos didáticos e sequências didáticas em diálogo com os diferentes componentes curriculares: ano 03, unidade 06 /Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília:MEC, SEB, 2012. P.47 .

BRIDI, M. Aparecida; ARAÚJO, Silva M. de; MOTIN, Benilde L. (orgs) **Ensinar e Aprender Sociologia**. São Paulo: Contexto, 2009.

BNCC/MEC. **Base Nacional Comum Curricular**, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/bncc-ensino-medio>.

GRANDO, R.C. **O conhecimento matemático e o uso de jogos na sala de aula**. São Paulo, Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 2000.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A literatura de cordel e o ensino da história**. Universidade do Porto, Portugal: Artigo publicado no VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2011.

OKANE, E. S. H.; TAKAHASHI, R. T. **O estudo dirigido como estratégia de ensino na educação profissional em enfermagem.** *Enferm USP*, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v40n2/02.pdf>>, acesso em 12 JAN.2021.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Amurabi. **O ensino de sociologia na educação básica brasileira: uma análise da produção do gt ensino de sociologia na SBS.** Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 11 n. 1 jan/junh. 2016.

PRATA, Arysttótines da Silva. **Literatura de cordel e sala de aula: A cultura popular como caminho para a educação contextualizada no Cariri Ocidental paraibano.** Sumé – PB, 2011.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

RONCA, P. **O estudo dirigido: uma técnica operatória de ensino-aprendizagem.** São Paulo: Cortez, 1982.

TOMAZINI, Daniela A.; GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. **Sociologia no Ensino Médio: Historicidade e Perspectivas da Sociedade. Relatório de Pesquisa.** In: SANTOS, Mário Bispo dos. **A Sociologia no Contexto das Reformas do Ensino Médio.** In: CARVALHO, L. M. G. de (Org.). **Sociologia e Ensino em Debate. Experiências e Discussão de Sociologia no Ensino Médio.** Ijuí, Ed. Unijuí, 2004, pp.131-180. Acesso em: 04 de agosto de 2019.

SOBRE O ORGANIZADOR

FABIANO CUSTÓDIO DE OLIVEIRA



Doutor em Planejamento Urbano e Regional, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017). Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba (2007). Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (2004). Licenciado em Pedagogia pela Faculdade IBRA de Brasília (2021). Atualmente é professor da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG e lotado no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA – Sumé/PB. É coordenador do Laboratório de Ensino de Geografia e Educação do Campo (LEGECAMPO). Membro do Núcleo de Pesquisa em Educação do Campo, Formação de Professores/as e Práticas Pedagógicas (NUPEFORP). É professor de Geografia da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (UFCG) na Área das Ciências Humanas e Sociais. Também ministra disciplinas no Curso Superior Tecnólogo em Agroecologia (UFCG). É professor do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO/UFCG) e do Mestrado Profissional em Ensino de Geografia (PROFGEO/UFCG). Tem experiência na área de Geografia, atuando nas seguintes linhas: Ensino de Geografia e Educação do Campo; Educação Contextualizada; Produção e Experimentação de Recursos Didáticos e Estudo da Dinâmica e Produção de Territoriais e Educação Ambiental.

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Adriana Farias do Nascimento

Mestre ensino de sociologia- PROFSOCIO da Universidade Federal de Campina Grande (CDSA); Especialista em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária da Universidade Federal de Campina Grande(CDSA); graduada em Interdisciplinar Educação do campo na área de linguagens e códigos da Universidade Federal de Campina Grande(CDSA). Coordenadora pedagógica da Escola Agrotécnica de Sumé-PB (Rede Municipal de Ensino). E-mail: adrianafariasnascimento@gmail.com

Aline de Oliveira Barbosa

Graduada na Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo CDSA/UFCG. Mestre em Ensino de Sociologia pelo PROFSOCIO/UFCG/CDSA.

Carla Simone de Souza Silva Lafayette

Mestranda em Sociologia-PROFSOCIO - CDSA/UFCG. Especialista em Geopolítica e História (FIP), e Coordenação e Gestão Escolar (UPE). E-mail: carlasimonessl@gmail.com

Carla Roberta Correia de Medeiros

Mestranda em Sociologia pelo PROFSOCIO CDSA campus Sumé – (PB), docente da EREM Comendador Manoel Caetano de Brito – PE. Psicanalista e terapeuta sexual (SEPLUME).

E-mail: kroberta.lins@hontial.com

Emanuelle Cristina da Silva Fernandes

Mestranda em Sociologia-PROFSOCIO - CDSA/UFCG, Especialista em Direito da Criança e Adolescente e Pedagoga.

E-mail: fernandeselle30@gmail.com

Emanuel Jeová Medeiros Sousa

Mestrando no Programa de Mestrado Profissional em Sociologia - PROFSOCIO/UACIS/CDSA/UFCG.

Edilio Quintino de Oliveira

Mestrando em Sociologia pelo PROFSOCIO/UFCG/ CDSA/ Sumé – (PB), Bolsista CAPES- PROEB. Professor MAG de Sociologia da Rede pública de ensino do Ceará.

E-mail: edilioocs@gmail.com

Francisco Stefeson da Silva

Mestrando em Ensino de Sociologia da rede PROFSOCIO - Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/ CDSA- SUMÉ - PB. Professor de Sociologia da Rede Pública no Estado do Ceará.

E-mail: stefesonsociologo@gmail.com.

Fabiano Custódio de Oliveira

Doutor em Planejamento Urbano e Desenvolvimento Regional UFRJ/ Mestre em Geografia pela UFPB. Atualmente é professor do curso de Licenciatura interdisciplinar em Educação do Campo – CDSA/UFCG – Área das Ciências Humanas e Sociais. Coordenador do Laboratório de Ensino de Geografia e Educação do Campo – LEGECAMPO. Universidade Federal de Campina Grande.

E-mail: fabiano.geografia@gmail.com

Jéssica Mayara Veríssimo de Oliveira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação no Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG/CDSA, Especialista em Psicopedagogia e Educação Especial pela Universidade Candido Mendes- UCAM; Especialista em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo- USP.

E-mail: jessicaverissimo521@gmail.com

Júlio César Ferreira da Silva

Mestrando em Ensino de Sociologia da rede PROFSOCIO - Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/ CDSA- SUMÉ - PB. Professor de Filosofia da Rede Pública no Estado da Paraíba.

Ivan Rosas do Nascimento

Mestrando do Programa de Pós-Graduação no Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) da Universidade Federal de Campina Grande, campus CDSA- Sumé – Especialista em Neuropsicopedagogia pela UNIBF- Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) – Certificado pela Microsoft (MCPDST) – Colaborador dos projetos de Realidade Aumentada da IFPB – Multiplicador de Educação Financeira do Instituto Brasileiro Solidário e professor da rede municipal de São José dos Cordeiros -PB.

E-mail: ivanprofissional@gmail.com

Norma Benícia Pereira de Sousa

Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Sociologia – PROFSOCIO/UACIS/UFCG.

Niedson do Nascimento Amaral

Mestrando no programa de Mestrado Profissional em Sociologia - PROFSOCIO/UACIS/CDSA/UFCG.

Silmara Ferreira Marques

Mestranda em Sociologia pelo PROFSOCIO CDSA campo Sumé – (PB), docente substituta em História Faculdade do Sertão de Pajeú – FASP.



www.arcoeditores.com



contato@arcoeditores.com



@arcoeditores



/arcoeditores



(55)99723-4952



ISBN: 978-65-89949-65-7

CD



9 786589 949657

ARCO
EDITORES ● ● ●